

BOLETIM SOCIAL
DE TRABALHADORES DA **TEBE**
PARA TRABALHADORES

1957

4.º aniversário
Nem tudo é árido

*Apenas quatro anos deixando adivinhar
Um mundo que se vogue em laivos de beleza
Antigos e poemas... e horas d'inserteza
Completem o mistério de todo o meu pensar!*

Antonio Baptista

C. Torres



CA
HAS
BF 3

Boletim Social da TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - RJC

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

COLABORAÇÃO

Colaboram neste número os seguintes Senhores:

D. Maria Lúcia Miranda Baptista
D. Maria H. Fonseca
Manuel Bandeira
Carlos Campos
Décio Nunes
Afonso Cautela
Fernando Lopes
Cláudio C. Guimarães
Sidónio Ferreira
Anthero de Faria
A. Rocha Martins
António Azevedo Pires
William Ceroyan
Flor do Tojo
Jone & Tone
António Luís
A. Soucasaux
Jaime Ferreira
Carlos Quinta e Costa
Mário da Gama
José Ribeiro Novo
Luís de A. Matos
Waldemar Esteves
António Baptista

Capa de Gonçalves Torres
Desenho de Gonçalves Torres, António Carlos, Jerónimo Fernandes e Jorge Corrêa

Fotografia de Centro de Novidades, Fotografia Robim e Fotografia Central

Foto e zincogravuras de Simão Guimarães, Filhos, Ld.º

Impressão da Tip. «Vitória»

Desenho com malha: Eduardo António da Silva

Composto por Rogério do Costa, José Augusto das Dores da Silva, Mário Alves Faria, Fernando da Silva G. Carneiro e Manuel Júlio Moura

Impresso por Júlio Maria Alves da Silva

O 4.º Aniversário do «Boletim»

BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES

AO passar o 4.º aniversário do «Boletim Social da TEBE» — facto de certo modo significativo para a vida do jornal — não podíamos ficar indiferentes sem assinalar a sua passagem com este número, que traduz, segundo cremos, em extensão e profundidade, o muito que lhe queremos e o bastante que lhe demos.

A fé e a paixão acrisolada acalentaram-nos a prosseguir o caminho árduo a que voluntariamente nos entregamos.

Só a paixão e a persistência nos têm ajudado a não sucumbir, quantas vezes, ante um mundo de contrariedades bem compreensíveis à nossa inteligência e que bem nos fere a nossa sensibilidade.

Porém, mesmo ante tantas vicissitudes, o «Boletim» tem conquistado a simpatia e o respeito colectivos. E quando o respeito vem mesmo dos detractores a tarefa assume maior responsabilidade porque é exigida à nossa emotividade maior amplitude nos temas e teses traçadas e, portanto, maior dispêndio de reservas intelectuais.

Vale a pena suportar o desdém de alguns, a incompreensão de outros e a malquerença de certos, quando acima das suas picuinhas existe e vive animado um ideal nobre e salutar a guiar os passos que sempre nortearam este «Boletim».

Uma razão de comunicabilidade, um abraço íntimo do eu intrínseco com o eu extrínseco consubstanciaram-se, avolumaram-se e transmitiram-se a todos os que nos entregaram, voluntariamente, o seu alento espiritual e nos animaram a seguir em frente. É por eles e para eles que o nosso testemunho se abre nesta hora alta de mais um aniversário do «Boletim». *Jornal de trabalhadores para trabalhadores* resume em si um conjunto de possibilidades que foram avolumando no desenrolar variável de quatro anos passados.

Um jornal representa, na vida dum aglomerado, algo de apetecível e estimável quando o ilumina a certeza de sempre melhorar... na medida de uma maior afluência de valores que, dia a dia, se vão aproximando desta trincheira do bem.

Não podemos esquecer o passado nem podemos negar totalmente o presente. Porém, o futuro mostra-se assustador para os filhos dos nossos filhos.

(Continua na página treze)

ANUNCIANTES

Honraram-nos com a sua publicidade, o que agradecemos, as seguintes firmas:

Felisberto Rodrigues Sametil
Carlos Dunkel
C. de Sousa Matos, Suc. E. Brunner & C.ª, Ld.º
Banco Borges & Irmão V.ª de Alberto R. Bulhosa
Tipografia «VITÓRIA»
João M. Lopes & C.ª
Emp. Transformadora de Lãs, Ld.ª
Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Ld.ª
M. Sequeira Azevedo
José Correia Ramos
Companhia E. do Minho
A. Gama Rocha & Filhos
Fábricas Aleluia
Tipografia «LIZ»
Simão Guimarães
Orgânica, Anilinas e Produtos Químicos, Ld.ª
S. A. R. L. QUIMICOR
Tipografia Gil Vicente
A Mundial
Papeleria «LIZ»
Manuel de Sousa Lopes
Companhia Ind. de Fibras Artificiais
A. Correia da Silva & C.ª, Ld.ª
José P. de Magalhães
FIL-Fiação do Leça, Ld.ª
A Fluminense
Fazenda & C.ª, Ld.ª
A. Henriques & C.ª, Ld.ª
A. Pereira Jordão
Produtos CIBA Limitada
Carlos Cardoso
Vilas & Vilas
Bouhon & Irmão, Ld.ª
João Gonçalves Martins



Na passagem de mais um aniversário, «Boletim Social da TEBE» envia as suas mais efusivas saudações à imprensa, aos assinantes e leitores, a todos os seus amigos e colaboradores e aos seus prestimosos anunciantes.

A Direcção

PÁGINA DE



RUMO VERTIGINOSO

Dos meus dedos gotejam as miragens
longínquas de horizontes parados...
E dos meus olhos...
só a lembrança fechada abre flores de saudade.

Aos meus ouvidos vem qualquer som espelhar-se
no traço desfocado das horas desoladas.
Os meus lábios desertos de espaços vazios,
de silêncio e mistério, esbatem-se em desejos
e a música longínqua cava horizontes novos,
de novas sensações, de novas ansiedades,
de novas esperanças...

As arestas dos versos serão horizontes
de poemas eternos da vida e das promessas.

E tudo em nós se esvai
na fúria incontida dos lábios dos vulcões...

Dos meus olhos silentes do mundo que ficou,
deserto e perdido, caem poemas novos,
num globo que se funde para além do presente
para além do escuro...
O Poema somos nós... e só nós o futuro.

Antônio Baptista



Plenilúnio

As horas pela alameda
Arrastam vestes de seda.

Vestes de seda sonhada
Pela alameda alongada.

Sob o azul do luar...
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —
Uma flauta que delira.

Que é mais a ideia de ouvi-la
Que ouvi-la quase tranqüila.

Pelo ar a ondear e a ir...
Silêncio a tremeluzir...

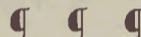
Fernando Pessoa

O Martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado de todas as casas
[que habitei.]

No meio da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja,
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

Manuel Bandeira



TEIA

(INÉDITO)

À memória de Cesário Verde — no centenário do seu nascimento

Madrugada. Eléctricos com sono
roncando asma sobre as calhas húmidas.
Gritam jornais e tosses os ardinás.
Sobre os telhados, lentas, rolam brumas.

Gatos esgueiram-se de portais escusos
ou, nos caixotes, olfateiam lixos.
Da trapeira, olho. Sobre uma cabeça
corre um caixão ao *rendez-vous* dos bichos.

Pardo borrão, a cidade. Lama e cinza.
Esferas vivas rolam, rodopiam,
e chocam-se, saltam, e esmagam-se,
polarizam, repelem-se e se aliam.

Luta. Luta sobre o asfalto viscoso do relento.
Fecho a trapeira e volto à cama, frio.
E eis que zumbe, num canto, presa à teia
uma mosca. E a teia acena-me como branco lenço.

17/7/55

Carlos Camposa

Considerações sobre Teatro

POR DÉCIO NUNES

DESDE, pelo menos, o «Teatro Livre» de Antoine, que no mundo da cena se trava um permanente diálogo sobre a importância que cabe, no espectáculo teatral, ao elemento plástico, ou seja à encenação.

A luz, a cor, o ritmo, o cenário, o movimento, tanto como o texto literário ou os recursos de interpretação do actor, são considerados preceitos primordiais para corporizar o poema recriando aquilo que lhe é, muitas vezes, inerente apenas em potência.

Gordon Craig, por exemplo, vai até o ponto de subordinar total e absolutamente, a peça à encenação como parece deprender-se dos seguintes passos do diálogo com o «Amador de Teatro»:

«O AMADOR DE TEATRO: Considera o encenador um artifice e não um artista?»

O DIRECTOR: Quando ele interpreta as obras do dramaturgo, sem a colaboração dos seus actores, decoradores e outros artifices, ele próprio é o artifice-Chefe. E quando por sua vez, ele souber combinar a linha, a cor, os movimentos

e o ritmo, tornar-se-á num artista. Nesse dia não mais precisaremos do dramaturgo. A nossa arte será independente».

Noutro passo:

«O DIRECTOR: Que faltará então, no dia em que o poeta deixar de escrever para o Teatro?»

O AMADOR DE TEATRO: A Peça.

O DIRECTOR: Tem a certeza? Claro que não haverá peça, no sentido em que hoje se entende.



O AMADOR DE TEATRO: Em todo o caso, é necessário que exista uma qualquer coisa que se mostre ao público.

O DIRECTOR: Evidentemente. Mas engana-se quando crê na necessidade de essa qualquer coisa ser feita de palavras. Uma ideia, por exemplo, não é já alguma coisa?»

Então, o texto não seria mais válido do que, como de certo modo, acontecia com a «Comédia dell arte» na qual era unicamente elemento a servir as faculdades histriónicas do actor e, no caso de que agora nos ocupamos, limitar-se-ia a tornar evidente o talento plástico do encenador.

Gaston Baty incluiu mesmo no Index Sua Excelência a Palavra. Entretanto a tragédia grega é glosada em França por um dramaturgo da estirpe de Anouilh (caso da Antígona) e em Portugal por Mestre António Pedro.

O professor Paulo Quintela apresenta em Coimbra «Medeia» e se não entusiasma os lentes da Lusa Atenas conquista o reconhecimento de quantos neste país prestam culto à religião do Teatro. O Anfítrion, que já inspirou o nosso grande épico, vimo-lo, no «Teatro Experimental do Porto», recriado por um notável autor brasileiro. Para assistir à representação de uma peça de Shaskpeare em Inglaterra, no Theater de Stratford-on-Avon, é indispensável marcar lugar com meses de antecedência.

Quero dizer Sófocles, Euripides, Plauto e Shaskpeare chegaram até os nossos dias exactamente através do verbo, a malquista, para Baty, Sua Excelência a Palavra.

Tchecov, mesmo sem o génio de Stanislavsky teria passado à posteridade. E o certo é raras vezes associarmos aos nomes de Strindberg, Ibsen, Shaw, Pirandelo, Sartre, O'Neil, Miller, Tennessee e Wilians e tantos mais, os dos encenadores das suas peças.

Claro que seria estultícia pretender minimizar o contributo do encenador.

Mas considero lapidar o conceito de Appia, quando afirma que a arte de encenação é a arte de projectar no espaço o que o dramaturgo apenas pôde projectar no tempo.

Teatro é, ao que julgo, essencialmente acção dramática. O encenador: o Artista que «transporta o texto às dimensões do palco», dando-lhe forma, harmonizando e valorizando o que nele existe de explícito ou em potência.

E o quanto essa Arte tem de sublime, ilustrou-o há pouco ainda António Pedro, com a encenação de Ratos e Homens. Mas a ver-



CINEMA PARA CRIANÇAS

NO seu último número, «Imagem» traz um pequeno artigo de Manuel Pina, com uma introdução ainda mais breve de Mary Field, sobre a necessidade internacional dum cinema para crianças. «As crianças podem ser ajudadas a apreciar bons filmes e assim aprender a rejeitar o que é de mau gosto e sem valor intelectual. Assim procedendo, protegeremos não só a criança contra maus filmes mas também os bons filmes de um mau acolhimento por parte de um público juvenil não treinado». Isto escreve Mary Field, que mais adiante acrescenta: «As crianças necessitam de filmes recreativos feitos especialmente para elas, se desejamos prepará-las para virem a ser espectadores de cinema, inteligentes e conscientes».

Estas frases podem não ser muito originais, mas contêm um princípio básico, que é necessário ter em conta e pôr em execução quanto antes. A receptividade da criança deve ser aproveitada com espírito formativo e construtivo, dando-lhe através do cinema os elementos fundamentais para que venha a ser não só um bom espectador cinematográfico, mas um ser com uma visão ampla e compreensiva do mundo que o rodeia.

M. Pina, no seu artigo, chama a atenção para outro problema também importante: não basta a criança conhecer o cinema; é necessário que os produtores e exibidores de filmes infantis conheçam a criança! Este problema de conhecer a criança não é tão fácil como pode julgar-se e os pais podem testemunhar, com experiência própria, as centenas ou milhares de vezes que foram surpreendidos pelas reacções inesperadas de seus filhos.

E ao ler tais escritos, e ao pensar nos louváveis esforços que modernamente estão a ser feitos para levar o cinema junto da criança — e mais uma vez teremos de apontar o exemplo de alguns cine-clubes portugueses — lembremo-nos da utilidade que haveria em constituir uma comissão de pedagogos, de verdadeiros educadores, com a missão de fazer uma revisão na classificação de filmes considerados ou não próprios para crianças.

Não se trata, realmente, apenas de rever os filmes classificados como próprios para crianças, alguns dos quais se não recomendam de nenhum modo como tal, mas também do contrário, de filmes que foram classificados para maiores de 13 anos e até para adultos, que algumas vezes poderiam ser recomendáveis para crianças!

Não nos poderemos espantar com isto, dado que a comissão encarregada dessa classificação não é, ao que supomos, constituída dum modo geral por pessoas especialmente qualificadas como educadoras. Também haveria, por outro lado, que encarar a sério o problema do cinema educativo. Quer dizer, se o cinema não é apenas um negócio e é também arte e cultura, há que proteger com leis especiais o cinema artístico e cultural, bem como o cinema para crianças.

Neste, como noutros aspectos, não nos devemos deixar atrasar demasiado em relação aos outros países. Saibamos olhar, como merecem, pelas crianças portuguesas.

De «A margem do cinema nacional», de Manuel de Azevedo.

dade é, também, que tudo o que nos emocionou na encenação está implícito na admirável peça de Steinbek. António Pedro foi, por isso, um digno colaborador do ilustre dramaturgo americano.

Pode, na realidade, uma ideia, como pretende Craig, bastar à realização de um espectáculo. O ballet nos nossos dias quase se tornou independente do teatro, constituindo espectáculo pleno de beleza e emoção. A mimica, o ritmo, o movimento, a cor, podem ser motivo de elevada expressão estética. Todavia, com singular clarividência, Robert Pignarre, no prefácio da «História do Teatro» escreveu: «... a arte teatral, como qualquer outra manifestação

artística, só é definível pelos seus próprios meios técnicos e estes não são redutíveis a uma caneta e algumas folhas de papel. Seria, porém, absolutamente vão negar a sua dependência da Literatura, pois é dela tributário através das obras primas que lhe são próprias e sem as quais não conseguiria ultrapassar o nível de actividade de feira.

Um número de trapézio pode constituir um poema tão puro como uma tragédia o consegue ser; simplesmente o princípio da sua beleza encontra-se no corpo perecível do seu executante».

Eterna, sim, a Palavra, libertadora de génio e ideias que, mercê dela, se tornaram imperecíveis.



A poesia vista de relance

Por António Baptista

MUITO se tem escrito sobre poesia, contudo ainda se não disse tudo e não seremos nós que iremos preencher essas lacunas. Sim! Ainda não seremos nós.

Ainda se não mostrou, com toda a clarividência, que é possível, dentro do fenómeno poético, enquadrar o caso particular de cada um.

Cada poeta tem a sua gama própria, a sua essencialidade, a sua emancipação, enfim, cada poeta é uma natureza em comunicação consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Por outras palavras, cada poeta tem as suas reacções, o seu vocabulário próprio, a sua espontaneidade, o seu arranjo imaginário com emoções expressas, quase sempre indomá-

veis, gritantes, ajustando-se intrinsecamente «à vida emocional ou intelectual» do seu eu com o eu do leitor inteligente.

A poesia é, em boa verdade, «um complexo de forças expressivas» numa movimentação de ideias e imagens em que o verdadeiro e puro sentido do mundo real se observa na impressão verbal, ao longo de uma natureza predestinada a saber sentir. Quer dizer, se o artista que sentiu e escreveu os versos é realmente poeta... teremos de o enquadrar nessa categoria; mas, por outro lado, se o indivíduo, que a si mesmo se alcandora de génio, apenas rascunhando frases de efeito e já feitas, com desdobramentos sensíveis de personalidades

(Continua na página seis)

«CONFLITOS E OUTROS CONTOS»

e FERNANDO LOPES, vistos pelo jornal de artes e letras «Dom Quixote»

Com a devida vénia, transcrevemos a nota crítica que segue:

Um escritor novo, ou um novo escritor? Talvez ambas as coisas, o que mais ainda nos desvanee. Nada literário, natural mas não naturalista, óptimo conversador, comovido observador, com desprendimento e vivacidade, do povo real sem contos e que nestes aparece vivo e redivivo, popular mas não populista, sem propósitos moralizantes porque, sob todos os aspectos, lhe sobra carácter, virtude cardial de um escritor, parece-me que, com o maior júbilo, temos de saudar e consagrar em Fernando Lopes um grande escritor, uma grande revelação.

Andamos tão cansados de gente culta e inteligente, a discutir Sartre, a traduzir os saxões, de tanta gente made in Paris, Roma, Rio e... Lisboa, andamos tão cansados de prosadores e poetas importados e de exportação, cosmopolitas e internacionalistas, com muita ou alguma água no bico, tão cansados de malas bagageiras com rótulos de toda banda menos de Portugal, que abençoado o escritor aqui nascido e que às fontes proverbiais da nossa literatura tradicional, do nosso idioma oral busca a originalidade que outros buscam na Estranja sem nunca encontrarem.

Além de Papinniano Carlos, não conhecemos outro nosso contista ao mesmo tempo mais português e mais universal, outro que melhor fale, no idioma do povo.

Eis um bom livro para as bibliotecas rurais. Eis um bom livro para toda a gente. Lembrem-se dele os prémios oficiais. À excelentíssima crítica peço que na venal confusão de valores que costuma praticar não leve, de longada, este livro nem o misture com outros do mercado que andam a parecer que são mas não são. Vamos distinguir, já porque era virtude muito querida dos latinos (ou não era?), já para saber o bom do mau e o que vale, afinal, a pena ler. Sem exagero, ou com exagero e tudo, porque mal não nos irá se nos excedermos em entusiasmos com o que, mais para aqui, menos para acolá, é sempre bom, inexcusable e inexplicavelmente bem, não estamos aqui para analisar, porque desde já nos confessamos ineptos como analistas do fenómeno literário, mas tão só para averbar, para inventariar o que se vai escrevendo e publicando; pelo instinto, pela capa, pelas orelhas da capa (que são umas indiscretas, estas orelhas) logo se vê, pelo andar da carruagem, quem vai lá dentro. Contentemo-nos, confiadamente, em informar o leitor com honestidade e habituá-lo a confiar em nós, na impressão geral e talvez superficial do que lemos.

Não sei onde mora Fernando Lopes. A edição é do autor, claro! Os editores andam muito ocupados com outros e transcendentais problemas do bilhar literário (bolas e carambolas!). De Barcelos, onde se editou, esperamos que Fernando Lopes nos visite com a sua colaboração que, com muita honra, incluiremos neste jornal.

Descubra-se este escritor! Permita-se que os vivos vivam! Fernando Lopes tem anunciado, na tábua bibliográfica, o seu próximo livro. Chama-se «A Vontade de Deus».

Afonso Cautela

«Dom Quixote», n.º 5, Maio-Junho — 1957

Um capítulo da novela em preparação

«A Vontade de Deus»

Por Fernando Lopes

TONE pensou, ao ver a mãe meter a faca no pão: «Está com o toco. Não cheiro ceia tão cedo.» A mãe veio com o pão, e caiu sobre o filho, língua afiada, azeda que metia medo:

— Inda não é hora de ceia. Coma pão e é um pau. Ora o lorde!

Tone aguentou em silêncio. Se refilasse... Bem, se refilasse talvez comesse soco no lombo. Era preciso saber lidar com a mãe. E Tone conhecia aquele génio: rebentava em mil coriscos, mas amansava logo. Esperou, por isso, que a mãe desabafasse, desse dois pontapés no mocho, que lhe cha-

Os irmãos de Tone tinham vindo à babugem. Tone entrou em casa e os irmãos não o largaram mais, foram-no seguindo, interesseiros, ou não soubessem que a chegada de Tone representava faca no pão. A mãe, vendo-se cercada, azedou-se e desandou tabefes nos filhos mais novos. As crianças choramingaram, espernearam:

— A mãe deu ó Tone... deu ó Tone, mãe. Nós queremos, mãe!

A mãe tentou resistir, distribuiu bofetada mais pesada, praguejou, ameaçou: «ai ele é disso, ele é disso, estafermo refilão!» O filho Quim cantou grosso e



masse «odre» e «estes comedores são a minha desgraça». Esperou um bom minuto, até que arriscou, num cicio choroso:

— Mas eu venho mortinho de fome, mãe... Acredite!

E a mãe, tocada, deixou apenas escapar um resmungo surdo:

— E eu? Oram viram?

Redemoinhou, nervosa, olho cravado no rapaz, largando o resmungo «e eu? e eu?», até que estacou e deu com toda a prole enchendo a cozinha acanhada, de chão batido.

apanhou com o soco. «Espera que eu te aqueço!»

— Deu ó Tone. Ele está a comer. Ai... ai mãe... ai que me deu num osso!

O soco andou no ar e do Quim passou a uma das raparigas, mas a canalha não desistia. E a mãe resolveu-se. Arrepanhou os cabelos, deixou escapar um berro estridente, atirou o segundo soco à filharada, mas começava já a amansar. As crianças não arredavam pé, e os olhos aguados eram uma súplica que quebrava

UNIDADE LITERÁRIA

Devemos chamar a nós todos os intelectuais a fim de manifestarem os seus anseios artísticos.

A. B.

o coração. A mãe não tinha outro remédio: meteu a faca no pão e cortou três buchas. E os filhos correram, famintos, cada um querendo filar a bucha maior.

Bucha engolida, sumiram-se. Ouviam-se agora falar lá fora no quinteiro.

Tone ficou só com a mãe. Tone ia dizer o que sabia, nem sabia nada. Ia jurar a pé junto. Se a mãe lhe cascasse de duro, paciência. Antes aguentar o soco nos costados do que perder as calças de cotim azul e as botas novas. O soco só dói na ocasião; passa logo. «Não que nem mais uma migalhinha: ficou no se Gomes, pronto! Ela que fosse ver, que fosse cheirar ao se Gomes ou à venda.» Tone, enquanto mastigava, fazia cara de alheado aos rodeios e longos silêncios da mãe. Mas Tone sabia bem o que queriam dizer os amuos da mãe. Estava era a preparar-se para lhe saltar em cima, apanhá-lo distraído. Tone sabia que se houvesse osso na panela ou petisco na masseira, era ocasião para lho apanhar. Era só pedir e a mãe caía logo. A mãe estava mansa, e além de mansa, queria ver se o filho lhe contava. «Não que nem mais uma migalhinha; que fosse ver, que fosse cheirar à venda. Ele não ia agora perder as calças de cotim azul e as botas novas, não!»

— Senhora... — chorou Tone.

A mãe fez que não ouviu. Mas começou a resmungar baixinho, e Tone percebeu logo que a mãe tinha ouvido muito bem. Tone deixou passar mais um esquichinho de tempo. A mãe esperava. O filho queria deixar passar aquele esquichinho de tempo indispensável. Mãe e filho, sondavam-se, batiam-se em silêncio. Lá de fora, do quinteiro, nada, nem um som, nem o ladrar do cão, nem a voz da canalha.

— Senhora...

— Diz, Tone.

— Eu venho mortinho, mãe! Venho mortinho de fome...

— Vou pôr a ceia ao lume, Tone.

— Mãe... a senhora tem ali na masseira... Cheira, mãe...

— Cheira a sardinhas cruas, só se for.

— Asse uma, mãe. Uma ou duas. Venho mortinho, mãe...

A mãe não respondeu de pronto.

— É tu juras, filho? Juras que não enganas a tua mãe?!

— Juro! Juro a pé junto, mãe!

A mãe sondou o rosto do filho. A testa enrugou-se-lhe. Fazia um grande esforço. Tone parecia sincero.

— Se juras...

A mãe tinha seis sardinhas fechadas na masseira, e eram sardinhas para a ceia. Fazia contas e as rugas da testa cavavam-se mais.

— Jura por esta luz, Tone!

— Por esta luz, mãe! Inda seja ceguinho!

Parecia sincero e era um menino ainda, o seu Tone. Bem... acrescentava mais no caldo; era mais um punhadinho de farinha; até ficava um caldo mais grosso. Era... um punhadinho de farinha... Os lábios da mãe abriam-se outra vez e deixavam escapar aquele murmúrio em surdina que Tone conhecia. Tone ia comer as sardinhas, era como se as tivesse já no papo. É o rapaz começou a mastigar o pão mais lentamente, a poupá-lo. Sardinha sem pão é comida de fidalgo. Tone gostava era de sardinhas com pão: uma dentada no pão por cada lasquinha de sardinha. Tone, apesar de ter as sardinhas como certas, rematou ainda:

— Olhe que venho mortinho, mãe!

A mãe tentava avivar as brasas do borralho, revolvendo-as. Mas tanto soprou, que acabou por engasgar-se. A fumarada encheu-lhe os pulmões e a tosse pô-la num vermelhão, olhos inflamados. E Tone pensou: «Vai pôr-se de toco outra vez. Corna de fumaça.» E falando:

— Deixe lá, mãe. Eu sopro, eu avivo o lume.

A noite caía, e na cozinha mal se enxergava já. Lá fora, no quinteiro, os irmãos de Tone impacientavam-se. Uma vaca mugia na corte, o cão latia, fomento.

— Quim, vai lá ver... podias ir lá cheirar... Vês... é fumo... é a mãe a fazer comer pró Tone... Vai lá... — disse uma das crianças, cá fora, no quinteiro.

Mas o Quim mandou a irmã. Ele bem via o fumo saindo pela chaminé, mas não arriscava surtida até à cozinha. Ainda se o pai aparecesse lá ao fundo, na curva... Só assim. Um deles corria à cozinha e a pretexto de avisar a mãe botava uns olhos para o lume. Mas o pai não vinha tão cedo. Vinha sempre a que horas. Os filhos já dormiam, quando ele chegava. E a canalha sabia que o pai vinha a que horas porque a mãe se punha a refilar para ele e ele para ela. Faziam tanto alarido que os filhos acordavam e ficavam na cama olhando uns para os outros, cheiinhos de medo. Agora não. O Tone vinha sempre adian-

(Continuação na página sete)

A poesia vista de relance

(Continuação da página cinco)

várias, teremos de lhe dizer, em alta voz, que anda enganado a enganar os outros, de tal modo que o leitor desprevenido ou ingénuo possa precaver-se contra tamanha insensatez. Daí, como é óbvio, nasce a grande desconfiança do público leitor ao ver nos escaparates das livrarias um amontoado volume de poemas... não sabendo, as mais das vezes, se leva gato por lebre.

Não tenhamos ilusões, só podemos chamar poeta ao indivíduo que, sentindo a sua alma em luta ocasional com a sua inteligência em fogo, se sabe dispersar nos seus poemas em vibrações naturais que são, afinal, a constante, dum mundo sensitivo que sente necessidade de comunicar com o mundo exterior.

Entendemos que se abusa, por vezes, de determinados vocábulos, rebuscados a este ou aquele poeta, como se fossem absolutamente necessários e imprescindíveis na função poética contemporânea... Lamentável inferioridade dum sector que ainda tem algumas responsabilidades consigo mesmo.

O poeta pode seguir a trajectória desta ou daquela escola literária, porém, uma coisa é certa... não é a escola que fará o poeta, mas sim este a escola.

Entenda-se que os poetas, músicos ou pintores nascem, não se fazem. Podem, quando muito burocraticamente determinadas sinuosidades próprias da condição humana.

De facto, o poeta pode enquadrar-se numa feição literária de nítidas influências intelectuais discutíveis; mas o seu caso, a sua essencialidade, a sua fulgurância como inspiração divina, não mais se condicionará a quaisquer arbitrariedades, porque isso seria despersonalizar a sua própria originalidade. E quando um poeta não é, de facto original (//mesmo com todas as suas limitações ou grandezas//) torna-se, muitas vezes, inexistente — perdoe-se-me o paradoxo — embora exista aparentemente.

Um poeta terá de se transmitir, embora, quantas vezes, o mundo tente avassalá-lo, dominá-lo... enfim, embora, quantas vezes, o mundo dos homens pretenda esmagá-lo totalmente.

Porém, ele, poeta, terá de enfrentar o mundo tempestuoso da adversidade a fim de levar a sua mensagem, como afirmação perene da sua emotividade congénita.

Para isso o poeta encontra no amor (tantas vezes imaginário ou

jamais vivido) o fluído da sua inspiração como «foco irradiante» para as suas líricas, que são as suas próprias confidências. «O poeta ama-se nelas, amando-se em si.»

Observa-se o grande poder emocional dum poeta quando o seu amor vai de encontro aos humildes, aos pobres, aos infelizes, aos desgraçados e, principalmente, à mulher, sustentáculo vivo, cuja órbita elegiaca faz extravasar a sua sensibilidade violenta — tantas vezes descontrolada — para cantar a dor dos outros, que é, a bem da verdade a sua própria dor.

E se penetrássemos no Romantismo em Portugal e estudássemos a sua evolução desde Garrett, Herculano, Castilho e seus sucessores e continuássemos esse estudo pelos Dissidentes de Coimbra, com João de Deus, Teófilo Braga, Antero de Quental e seus continuadores, como Guerra Junqueiro e outros e nos debruçássemos no Parnasianismo e Naturalismo, com Cesário Verde e desdobrássemos a Reacção do Simbolismo, com Eugénio de Castro, Camilo Pessanha e outros, encontraríamos, ao fim e ao cabo, toda uma pleiade de poetas com tendências diversas, embora com características afins, principalmente nas estigmatizações pessoalíssimas e inconfundíveis de todos quererem encarar o mesmo fenómeno social.

Garrett publicando o seu «Camões» (1825) deixa reflectir todas as suas tendências românticas numa libertação pelos «moldes, processos e regras a que então a sujeitava a lamentável interpretação de classicismo: Adulterando o princípio da autoridade artística (natural à arte clássica) até à imitação servil, deformando os princípios de equilíbrio e disciplina em constrangimento sobre as fontes mais vivas da emoção, da expressão, da beleza — a poesia portuguesa ia descambando, ou descambara, a um academicismo perfeitamente oposto a qualquer espírito poético.»

Em Herculano, por exemplo, verifica-se o cinzelador da forma, o preocupado pela «beleza pura.» Porém, Herculano, não foi um grande poeta, pois a sua «Harpa de Crente» não tem aquela inspiração corrente, natural... dum grande poeta.

Havia na sua mente uma série de preocupações latentes: a política, a religião, a moral. Contudo, se Herculano não foi um grande poeta foi, pelo menos, um dos maiores historiadores portugueses e, acima de tudo, um carácter de primeira água.

Castilho, o poeta das preocupações estilistas, distinguiu-se tão somente na sua forma de escrever, tida por «modelar.» Contudo, não marcou a sua passagem «nenhum sulco fundo» digno de relevo especial.

Dos seus sucessores devemos salientar João de Lemos, Mendes

AS SENHORAS DE BOM GOSTO SÓ USAM MALHAS

TEBE

Um capítulo da novela em preparação

«A Vontade de Deus»

(Continuação da página seis)

te, com o gado. O pai estava muito mudado.

— Anda... Quim. Olha o fumo... — insistia a rapariga.

— Que me importa o fumo. E o soco? Não que ele dói...

E a rapariga, desanimada:

— Cagão é o que tu és. Um cagão!

— Eu dou-te! Eu chego-te... aí chego!

— Chega lá, ora viram?! Tira o dedo do nariz, morcão.

Quim tirou o dedo do nariz e chegou um sopapo à irmã. A rapariga choramingou, chamou outra vez cagão ao irmão, e meteu ao caminho, em direcção à curva.

— Vou acusar ó pai! Vou acusar, vais ver...

— Vai à mãe, mijona. Vai dizer à mãe que mijas na cama, vai lá!

Quim ficou só com a irmã mais novinha. Mas a outra depressa

voltou. Chegou à curva e desistiu.

Dentro de casa, Tone avivava o lume. A mãe chegou o fogo à torcida do cochicho, pois já não se via. Pelo janelo estreito, de vidros enegrecidos pelo fumo, não passava uma réstia de claridade. A chaminha trémula do cochicho inundava o ar de fumarada negra que tresandava a petróleo queimado e projectava nas paredes sem cal, em deformações fantásticas, os vultos da mãe e do filho Tone.

— Tone, vai espiar os teus irmãos. Não quero ougá-los — disse a mãe.

Tone foi ver e veio logo, numa ânsia de devorar as sardinhas.

— Estão no quinteiro, mãe. A Zeza até está a chorar. Se calhar foi o Quim que lhe cascou.

Sardinhas assadas, a mãe cortou duas rodela de cebola e passou pelas sardinhas um fiinho de azeite. Para o filho:

— Avia-te. Come lá isso depressinha. Não quero ougar os teus irmãos.

Enquanto Tone comia as sardinhas, a mãe puxou um mocho para junto do lume, cruzou as mãos sobre as pernas, e ficou-se pensativa, cismática. Lá de fora, vinha até eles ora os latidos do cão, ora as vozes das crianças. Um graveto verde, chiava e estalava, comido pelo lume. O fogo avivava e aprontava-se agora a ceia. Línguas de fogo subiam pelo bojo negro da panela. A vaca continuava a mugir na corte. O sino da igreja tocava a trindades, e como a igreja ficava a dois passos, o sino ouvia-se distintamente. A noite tombava pesada e no céu atropelavam-se nuvens prenhes de água. Lá do fundo, do rio, começavam a descolar maciços rolos de nevoeiro que vinham envolvendo toda a aldeia e alagavam os campos mais do que as chuvas.

— Tone — falou a mãe. — Tu passaste na ponte e bem podias ter descido ao ribeiro para lavar as gaitas aos bois. Podias ter feito isso, filho.

A voz da mãe era mansa, quase doce. A mãe, à tardinha, quando o negrume maciço da noite se avizinhava e o sino tocava a trindades, ficava sempre assim quebrada, quase docc. Tone sabia, e nem respondeu. Era como se a mãe estivesse falando só. Se Tone falasse, ela nem ouviria: era como se estivesse falando para dentro de si. Tone sabia, todos os filhos sabiam: à tardinha, quando a mãe viesse assim mansa, sem soco na mão, braços cruzados no

regaço, os filhos faziam-se moucos.

— Devias, Tone. Com um punhado de areia e uma esfregadela, punhas as gaitas num brinco.

Ao ser atacado pelo fogo, um graveto mais verde deu em torcer-se num desespero, numa chidela prolongada, até que estalou e num rompante voou para o chão batido. E a mãe abandonou a postura. Descruzou os braços, largou o mocho e foi arrastar, com a biqueira do soco, o graveto para debaixo da panela. Tone, atento, deu pelo voo do graveto e observou que a mãe não voltou a alapar no mocho. «É agora — pensou Tone —, agora é que vai ser.» A mãe levantou a tampa da masseira e retirou uma saca com a farinha. Voltou à panela. Levantou o testo e espreitou; enxergando mal através duma nuvem de vapor, contou dois punhados de farinha e fez o acrescento ao caldo. «Vamos ter papas outra vez — pensou Tone. — Sempre papas, só papas!» Com a ajuda do joelho, a mãe quebrava agora um graveto em pequenos pedacinhos e metia-os no lume. Com toda a precisão, a mãe calculava a lenha de que necessitava para aquecer a ceia. Nem um graveto a mais, nem mesmo um pedacinho de graveto.

Tone ia na segunda sardinha.

— Mãe... só mais um fiinho de azeite. Assim a seco até nem sabe...

A mãe deixou que a garrafa chorasse mais duas lágrimas de azeite e cortou mais uma rodela de cebola.

— ... E sal, mãe. Só três pedrinhas de sal...

Inesperadamente, o cão ladrou lá fora. A argola da corrente arrastava-se ao longo do arame. Pelo ladrar esganiçado do cachorro, alguém devia estar ao portal, e não era nenhum dos filhos de certeza. A mãe correu ao janelo e tentou esfregar um dos vidros encardidos. Espreitou. Ninguém. Apenas os três filhos e o cachorro às guinadas ao arame.

Tone engolia a segunda sardinha. Sentia a mãe prestes a desfiar o interrogatório temido. «É agora. É agora que vem o padre-nosso.» Tone ainda tentou escapular-se, mas não teve coragem; arrependeu-se e voltou a sentar-se.

— Tone — começou a mãe, supplicante —, diz lá Tone! Não me enganes mais.

— Não engano quê, senhora?

— Diz lá onde se meteu o teu pai. Jura, Tone!

— Eu... eu... ora viram? Eu

Continuadores

De Guerra Junqueiro, o poeta violento, por vezes pouco profundo, devemos salientar as suas «rajadas de imagens e rimas altitonantes». A sua poesia vive na memória de todas as gerações que vieram e hão-de vir, talvez pelo «imprevisto de imaginações» e pelo potencial harmónico da sua riqueza de rimas e de efeitos.

«A ironia amarga, o humorismo sarcástico, o cinismo criticista, o espírito de revolta, a artificialização da inteligência, são características não só do seu D. João, mas até certo ponto, do autor: e são águas profundas (tanto quanto o possam ser num artista tão extravertido) pelas quais Junqueiro vai aflorar a arte do grande, belo e sério imoralista de *As flores do mal*. Assim se prolonga e amplia nele o satanismo esboçado por Antero em três ou quatro poesias dos *Raios da extinta luz*».

Pernasianismo e naturalismo

Cesário Verde é o mais legítimo representante do naturalismo, pois os seus poemas são a afirmação viva dos seres e das coisas no seio de um ambiente vincadamente natural. Ele pinta-nos os campos contando-nos o desenrolar da vida com uma sensibilidade invulgar e, por isso mesmo, com um poder de análise que o torna simultaneamente um esteta, verificando-se através de toda a sua poética uma inclinação secreta que o põe naturalmente em comunicação com Sá-Carneiro e Fernando Pessoa.

Por nos termos alongado sobre um assunto que sempre nos interessou e por verificarmos que o espaço de que dispomos não nos permite versar o simbolismo, ficaremos por aqui para prosseguirmos oportunamente.

A seguir focaremos Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, António Nobre e Teixeira de Pascoais.

Deixemos, também, o modernismo em Portugal, com Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa que trataremos posteriormente.

Leal, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato e Soares de Passos.

Um poeta tem de se transmittir, embora, quantas vezes, o mundo tente extingui-lo.

De toda esta série de poetas nenhum deles se nos apresenta revestido de qualquer novidade, embora cada qual com a sua poética interessante. É certo que se estava numa época de pura adulação, predominando a «balada romanesca e nocturna» e também «a poesia patriótica e oratória, os cenários merencórios, os amores infelizes, as imagens orvalhadas de pranto, o culto da vida individualista. Tudo isto traduzido, requintado, quase caricaturado, — e simultaneamente complicado e simplificado — por um temperamento poeta tísico; tudo musicado por um fino ouvido sensível aos sons e aos ritmos, que só mais tarde encontrará seu superior no poeta também tísico António Nobre.

Os Dissidentes de Coimbra

Dentre os vários poetas que mais se distinguiram neste período dos dissidentes devemos salientar Antero de Quental que reagiu «sobre a poesia anterior».

E João de Deus marca a sua presença com uma poesia diferente deixando-se «ficar o que era: uma alma simples, ardente, elevada».

Teófilo Braga, embora não fosse um grande poeta, foi um bem intencionado, faltando-lhe, de certo modo, a «universalidade e a eternidade» de um João de Deus.

Antero é um poeta pleno de uma alma «sequiosa de ideal e entendimento cultivado pelo naturalismo, — o que fez a sua impossibilidade de acção persistente, a sua inadaptação à vida».

Antero é um poeta filósofo, cujo sentido eterno se pode ver nos seus sonetos que são sempre belos, quer pela forma, quer pela eternidade das ideias universais que os completam. Antero é um temperamento ébrio de conflitos filosóficos de cuja visão superior se alastra a sua sensibilidade requintadíssima nos sonetos que são um mundo de preocupações entre o seu eu e o Além.

Os boletins de Setembro e Outubro sairão juntos no fim do último mês. A razão desta excepção foi originada pela acumulação de trabalho com o presente número.

CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DE UMA HOMENAGEM

Por Claudio Corrêa d'Oliveira Guimarães

A homenagem que S. Pedro do Sul, donairoza vila da região de Lafões, liricamente debruçada para o lusitaníssimo rio Vouga, acaba de prestar à família Corrêa d'Oliveira, representada por três das suas gerações, revestiu-se de esplendorosa grandiosidade e alta vibração emocional.

A formosa terra-berço do eminente autor do «Terezinha» e de seu irmão o notável prosador João Corrêa d'Oliveira, ao fazer a sua festa em honra e louvor da prestigiosa família a que pertencem, quis associar ao nome glorioso do bardo lusíada, os nomes do Pai do Poeta, o Dr. José Corrêa d'Oliveira e de seu filho o Dr. José Gonçalo Corrêa d'Oliveira, Sub-Secretário de Estado

do Orçamento, que acaba de se afirmar, também, através dos magníficos discursos pronunciados em S. Pedro do Sul, um intelectual da mais alta estirpe.

Linda ideia, foi essa!

De novo se glorificou o génio literário do poeta — teólogo do Job, a quem já tantas e tão justas consagrações têm sido prestadas.

Poeta de nascença, por decreto nominativo de Deus, com uma obra vastíssima pela extensão das suas páginas e pela profundidade espiritual que as reveste, António Corrêa d'Oliveira cultivou, como ninguém, com rara maestria a rondilha, a que imprimiu características inconfundivelmente nacionais e a quadra de feição popular, modeladas dentro do

não sei, mãe. Inda seja ceguinho que não sei!

— Tu vinhas com ele. Saiste daqui de casa às cinco da manhã com ele e andaste no pagode todo o dia com ele. Tu sabes, Tone! Vinhas ou não vinhas, estafermo?!

— Eu... eu cá... a senhora vem com cada uma... Eu não sei, mãe. Ele só disse que trouxesse o gado... Ele disse que tinha de falar ao se Gomes barbeiro. É só o que eu sei, mãe.

A mãe quedou-se uns momentos, pensativa, olhos cravados no fogo que lambia o bojo negro da panela. Quando voltou a falar, tinha amansado.

— Tone, tu não devias enganar assim a tua mãe. Eu é que te dei de mamar em pequenino, Tone! Eu é que te tive, Tone! É que tive as dores! Tu não devias enganar assim a tua mãe!

Tone ficou mudo. A mãe chorosa, suplicante, abalava-o. Tone não resistia à mãe, quando ela lhe falava assim.

— Tone, meu filho, jura lá, não faças penar mais a tua mãe: nunca ouviste nada, nenhum murmúrio? Tone, tu é que andas lá por fora mais ele. Tu sabes, Tone!

— Eu? Mas eu já disse!

— Jura lá, Tone: nunca ouviste nada, nem um nadinha, Tone? Tu desconfias, Tone?

— Eu... mas desconfio o quê, senhora?...

— Do que se murmura lá por fora. Eu sei que se murmura. Tenho a certeza, Tone? A certeza, ouviste! Há anos que se murmura, filho. Há anos! Ele é um desalmado, Tone. Perdeu a cabeça é o que é. O teu pai perdeu-se, filho!

— O pai...?

— Sim, sim! E tu sabes de tudo, Tone. Tu sabes de tudo que se murmura lá por fora. Jura lá, anda, jura aqui por esta luz!

— Mas eu juro, mãe! Juro a pé junto! Inda eu seja ceguinho!

A mãe suspendeu-se, ansiosa. Era impossível que o seu Tone fosse tão velhaco. Ele era ainda uma criança, era ainda um menino! Era impossível!

— Jura lá, filho. Jura lá que ele deixou de ir à venda. Ele dantes estava sempre lá metido.

— Dantes estava, mãe... Juro!

— Mas deixou de lá ir, Tone. E tu sabes muito bem que deixou de lá ir e por que deixou de lá ir, filho! Tu sabes isso tudo, filho! Tu não enganes a tua mãe, tu não me mintas, Tone! Tu sabes que ele andou metido com a se Joana... Jura por esta luz... anda, jura! Toda a gente murmura isso.

— Juro a pé junto, mãe. Inda eu seja ceguinho! Eu não sei lá nada do pai e da se Joana. Acredite, mãe. Só sei que ele há que tempos que não vai à venda. Se soubesse eu contava à mãe...

— Tu mentes, estafermo! Mentas com quantos dentes tens na porca dessa boca! Mas eu racho-te, guloso! Eu racho-te de pancada!

— Inda eu seja ceguinho, mãe! Num desespero, de tino varrido, cega de furor, a mãe empunhou o soco e foi sobre o filho. Tone raspou-se, ainda a mastigar. O soco voou rente à cabeça de Tone.

— Não me fijas, odre! Comedor! Melhor eu te abafasse quando te tive! Mas eu racho-te! Juro que te racho, pela luz dos meus olhos que te racho!

E Tone, de longe, já com os irmãos a rondá-lo:

— Mas eu juro, mãe! Eu já disse que juro...

A mãe, depois de se esfalfar em alta grita, amansou. Era sempre assim.

Então os filhos vieram medrosos espiar. E viram que a mãe, alapada no mocho, braços cruzados no regaço, fitava o lume, e viram que as lágrimas que a mãe chorava eram lágrimas cor de sangue.

As Malhas TEBE

Caminham por todas as ruas de Portugal
NÃO RECEIAM CONFRONTOS...

As Malhas de Algodão, Seda e Nylon

Ultrapassam todas as fronteiras porque são confeccionadas com boa matéria prima e levam o requinte do bom acabamento.

NYLON TEBE É SINÓNIMO DE BELEZA...

TEM UMA COR PARA CADA GOSTO...

RAZÃO PORQUE TODAS AS SENHORAS DE BOM TOM SABEM PREFERI-LAS!

espírito das melhores poesias do Cancioneiro.

Acentuando a estreia similitude existente entre as quadras do grande poeta de Belinho e outras de origem popular, afirmou, algures, com a profundidade crítica que o distinguia entre os homens de pensamento de Portugal, o Dr. Jaime de Magalhães Lima: *Por mistério de impulsos íntimos que o sujeitam sem lhe dar razões do seu império, António Corrêa d'Oliveira terá cedido sem trepidação nem reserva àquela insinuação bíblica que o chamou a verter o vinho novo na vasilha antiga; com uma agilidade que é maravilha e um dos segredos do seu poder, desse labor fez sua arte, uma arte sã, robusta, como virgem, que é inspiração extreme, alheia a todo o cálculo de efeitos, fiel à consciência e assim alcançando definir toda a complexidade da emoção e do pensamento adulto do nosso tempo no símbolo remoto e consagrado, naquelas fórmulas populares, ingénuas, infantis, nas quais há longos séculos, cristalizou e reside a alma étnica da nossa gente, aí transparecendo na sua resplendente unidade, tanto na mais alta elevação religiosa como no mais singelo aviso com que nos acautele os passos cotidianos da vida prática.*

Essa afeição às formas populares bastaria para que António Corrêa d'Oliveira tivesse fundado em perpetuidade o seu génio.

Tendo dado alma e voz a todos os anseios, vibrações e sentimentos anímicos da alma pátria, os versos do grande Poeta dir-se-iam cristalizações do próprio sentimento ráxico.

Em todas as fases da sua evolução poética, António Corrêa d'Oliveira foi sempre, sempre, profundamente cristão e português. Acentuando o carácter lusitanista da sua obra, escreveu o eminente polígrafo Dr. Júlio Dantas: *é um poeta retintamente nacional, de inspiração popular—quer dizer um poeta que o povo sente e entende mesmo quando se eleva ao plano filosófico—um panteísta cristão, místico da Renascença trans-*

viado no mundo contemporâneo, aedo profético em cujos versos se adivinha o veio de ouro de Camões e de Frei Agostinho da Cruz, e que ficou tão entranhadamente nosso, que as belezas de expressão da sua obra dificilmente podem ser trasladadas a línguas estrangeiras.

Grande poeta nacional, Corrêa d'Oliveira foi, depois, um grande poeta católico. No «Verbo Ser e Verbo Amar» o lírico lusíada ascende a tal altitude espiritual, que o excelente crítico brasileiro Tasso da Silveira não hesitou em afirmar que esse assombroso livro é, uma das mais gloriosas realizações da língua portuguesa. Nele, o espírito iluminado do autor sobe, num grande e formoso voo, como a águia de Pathmos, das altitudes da suprema filosofia aos domínios imarcescíveis da teologia pura.

Linda festa foi, pois, aquela que em Julho findo, S. Pedro do Sul prestou a três gerações de uma ilustre família dali oriunda, fadada por Deus (como muito bem acentuou o excelente lírico, crítico, historiador e ensaísta Doutor Américo Cortez Pinto), para as lides da inteligência e do espírito e a quem Deus concedeu generosamente a mais pura vocação literária. Aquela vocação que se continua em outros membros da família e tão alto se afirma nesse espírito subtil de poeta que se exprime em prosa: João Corrêa d'Oliveira, irmão do insigne autor do «Job». *A sua forma literária bem musculada de prosador e dramaturgo cintila de coloridos, harmoniza-se de ritmos, impregna-se de poesia e dá-nos páginas rápidas e nervosas de impressionismo palpitante e comunicativo.*

Parece vir de muito longe, a tradição literária desta família sonche de Artistas. Talvez que, perdida nas brumas da distância, todas de cinza e ouro, se encontre essa ancestralidade poética, no bom tropeiro Gesto Ansués, o bardo delicioso do:

«Al figueiral, figueiredo».

Visão Retrospectiva do Boletim Social da Tebe

Quatro anos de existência do

«Boletim Social da TEBE»

Por SIDÓNIO FERREIRA

JÁ decorreram quatro anos, que o «Boletim Social da Tebe» — órgão de trabalhadores para trabalhadores — marca no campo literário, a sua acção inabalável, como chama viva e palpitante, que no espírito daqueles que o lêem (todos deviam ser daqueles), incute uma ideia sã e firme, dura como granito, que através do tempo, é, e sê-lo-á sempre, um amigo cultural, que os conduzirá na sua marcha constante, denominada vida.

Desde o primeiro momento que despontou, teve sempre uma missão estável a cumprir, com olhos postos no alvo, que a pouco e pouco, tem vindo a abranger, merecendo dos incansáveis esforços, daqueles que o superintendem. Por isso, tudo o que nele se desenrola, tem uma sinceridade intransigente, uma fé inalterável, enfim, uma verdade pura, na causa que defende.

Assim, o título basta para defini-lo e ver a quem se destina. Ele vê, não o indivíduo isolado, mas em sociedade. Ele vive, sobretudo, para os que mais precisam — os operários da TEBE.

Depois de um dia extenuante de trabalho, é como que um lenitivo que eles encontram no jornal, lendo assuntos que lhes dizem respeito e que visam as suas necessidades.

Portanto, não foi por mero acaso, nem impensadamente, que o seu fundador, o lançou em público. Mas com a ideia con-

creta de lhes amenizar a vida, por vezes, tão árdua e dura.

Para presidir tal «Boletim», é necessário um espírito forte e imaginação firme. Mas não basta ainda; é necessário experiência, conhecimento minucioso das camadas sociais, e sentir em si beleza, para a transmitir a outrem.

Tal misticismo de sentimentos num espírito uno, surgiu, na pessoa do Senhor António Baptista, que arvorando a sua bandeira de liberdade e fraternidade, conseguiu levar ao seu povo — os trabalhadores da TEBE — não só a cultura espiritual, mas também, uma pouca de distração. E assim, em vez de esbanjarem os salários à mesa do jogo ou na taberna, como muitas vezes sucede, o «Boletim», chama-os à realidade e alimenta-os mentalmente, evitando-lhes não só a ruína moral e física, como também a da sua família. Para eles, é como que o paladino da verdade, o guia, o impulsionador de nova vida e de ideias firmes, como Dante, Petrarca e Bocácio o foram na difusão do Humanismo.

A sua leitura, é um bálsamo sublime, que desce sobre a nossa alma, dando-nos um oásis de felicidade, neste deserto da vida.

Não tenho palavras com poder de conjecturação possível para o definir, nem tão pouco, é necessário. Só digo que o ideal da verdade, paira mais alto e vive, função de órgão cultural, no sentido mais amplo que a palavra

Mais um aniversário A nossa saudação

(Continuação da página quarenta)

(Continuação da página quarenta)

implica. E eis para mim a sua maior qualidade, até porque órgão cultural não passa de puro logro se lhe falta esse espírito de independência que é característica do seu jornal. Independente como é — e já se disse quanto é raro um espinhaço direito num jornal de fábrica, não falando nos outros — o «Boletim da Tebe», ao dispensar encômios aos elementos directivos da empresa não o pode fazer esbanjando adjectivos rebuscados, queimando foguetório.

E já que me alonguei exclusivamente no que toca à feição independente do seu jornal, deixei-me agora dizer-lhe porquê: é que além dessa particularidade representar para mim uma qualidade básica, representa ainda aquilo que cada vez menos se vê, nos jornais e fora deles. Um espinhaço direito, é o diabo! Por mais estranho que pareça, faz doer o peito. Sabemos todos o que isso vale como canseira de todo o instante, arrelia de todo o instante, desgosto e picuinha de todo o instante. Sabemos todos, embora não o digamos todos. Sabemos todos, mas só você, como

eterno, na fé dos que o impulsionam e por ele se batem, e na alma das multidões, que sofregamente o lêem.

O «Boletim Social da TEBE» caminha e caminhará sempre, na sua rota indestrutível, como uma bandeira que assinala aos ventos, cercado duma auréola de luz, alheio a todas as injustiças que lhe façam...

ce, vencendo todas as tempestades.

Paradoxos da vida!

E é justamente da realidade deste paradoxo que a massa anónima dos leitores se serve, saboreando os frutos dos diversos campos literários em que a dinâmica e insinuante figura de António Baptista é, sem dúvida, fértil.

Os nossos emboras a todos.

Flor do Tojo

director, o sente na própria pele. Por isso eu afirmo que não merecemos todos os parabéns nem de parabéns estamos todos. Imagino o que lhe deve ter custado em sacrifícios quatro anos de direcção do seu belo «Boletim», e não posso deixar de lhe endereçar a si, só a si, os parabéns, já que cavador do jornal não conheço outro.

Que comemore muitíssimos mais aniversários, é o que este colaborador e amigo sinceramente lhe deseja, a bem da TEBE e dos seus trabalhadores, a bem de Barcelos; e que caminhe sempre como até aqui, direito, arejado, desinfectado, fresco — um jornal que prestigia a imprensa regional.

É o que queria dizer-lhe, amigo. Não faltará quem lhe fale das outras qualidades do «Boletim», que são muitas.

Com um abraço do

Fernando Lopes

○ Plano de Formação Social e Corporativa, instituído pela lei número 2.085, de 17 de Agosto de 1956, propõe-se realizar um vasto e notável programa de acção tendente a divulgar e robustecer o espírito corporativo da Nação e a formar e estruturar em bases sólidas a consciência dos deveres sociais dos portugueses.

A actividade dos vários órgãos de orientação e de acção, criados pela mesma lei, está já a desenvolver-se amplamente, pelo que, dentro em breve, o Plano de Formação Social e Corporativa estará a realizar integralmente a alta missão que lhe foi cometida.

No nosso distrito está já constituída a Comissão Distrital que tem como funções legalmente determinadas as de colaborar «na acção tendente à formação da consciência dos deveres de cooperação social».

Comissão Distrital do Plano de Formação Social e Corporativa

Preside àquela Comissão Distrital o Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, que tem a valiosa e competente colaboração das seguintes individualidades com largos serviços prestados à política nacional do Estado Novo, à cultura, aos problemas sociais, económicos e do trabalho, à educação nacional, etc.: Dr. Francisco de Araújo Malheiro, pelo Governo Civil do Distrito; P.^o Dr. António de Castro Xavier Monteiro, pela Hierarquia; Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva, pela Faculdade Pontifícia de Filosofia; Dr. Felício do Vale Rego Campos, pela Junta de P. do Minho e pela Comissão Distrital da União Nacional; António Ma-

ria Santos da Cunha, pelas Câmaras Municipais do Distrito; D. Teresa Afonso Esquivel, pela Obra das Mães pela E. Nacional; Dr. Francisco Miranda de Andrade, Dr. Olindo Casal Pelayo, Engenheiro Jorge Segismundo Alvares Pereira de Lima e Professor Abílio da Conceição Fernandes, pelo Ensino; Dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto, pela Organização Nacional «Mocidade Portuguesa»; Manuel de Araújo, pela «Legião Portuguesa»; Padre António Luís Vaz, pela Imprensa; Fernando da Costa Vilaça, pelos Grémios do Comércio e da Indústria; Dr. José António Rodrigues de Faria, pelos Grémios da Lavoura; Dr. Manuel Faria Gonçalves e Adriano Fernandes Costeira, pelos Sin-

dicatos Nacionais; João Pinto Gomes Veiga e Manuel de Freitas Correia, pelas Casas do Povo; Dr. Ilídio Fernandes das Neves e José Moreira, funcionários da Delegação de Braga do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

A Comissão Distrital de Braga do Plano de Formação Social e Corporativa, de que demos a constituição, vai ser empossada brevemente durante cerimónia especialmente realizada para o efeito.

A envergadura intelectual, política e social das individualidades escolhidas para a Comissão, garante o cumprimento duma acção diligente e esclarecida e duma cooperação estreita com o ilustre Ministro das Corporações e P. Social, Snr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, a quem se deve o grande esforço renovador da política corporativa portuguesa.

Secção Histórica

BARCELINHOS

A CAPELA DE S. JOÃO DA LAGEM

Por **Anthero de Faria**

A ocidente de Barcelinhos, logo a seguir a Meresses, demora o lugar de Medros, limitado, em parte, da freguesia de S. Paio do Carvalhal, por um ribeiro que muito perto dali vai levar as suas águas ao rio Cávado.

Pelo meado do séc. XVIII era este vilar constituído por algumas casinhas humildes, destacando-se apenas duas de construção mais avantajada.

Atravessava o lugar um caminho estreito e sinuoso, continuação da antiga rua da Esperança, de Barcelinhos, a ligar com um velhíssimo pontilhão sobre o ribeiro, que ainda subsiste e dá passagem para as terras da outra banda.

Sobranceiras ao ribeiro, que tem a nascente na freguesia de Remelhe e toma o nome das terras por onde tem seu curso, afloram enormes lages que serviram de fundamentos a uma sólida e elegante capelinha que desde há duzentos anos naquele lugar se ergue.



(Cl. D. Maria Amélia Reis Faria)

Barcelinhos — Capela de S. João da Lagem (Séc. XVIII)

Esta capela foi erecta em 1757 pelo vigário da freguesia de Barcelinhos, Padre João Gomes, que mandou gravar na verga da porta principal o ano da construção, o seu nome e o do orago:

HANC FECIT
JOANI JOANES
GOMES VICARIOS ANNO
1757

É conhecida hoje, e desde há muitos anos, por *Capela de S. João de Medros* e, possivelmente, o seu instituidor, que então paroquiava a freguesia de Santo André de Barcelinhos e assistia em Medros, em propriedades suas, deu-lhe o nome de *S. João da Lagem* por assentar a construção nas lages que ali emergem.

O dobar dos anos obliteraram o nome primitivo.

E o seu fundador diz, muito ambiguamente, nas disposições testamentárias que «por seu falecimento o administrador della (a capela) a pessoa chamada na sua instituição».

Porém, os seus actuais administradores, que são ainda da família do fundador, no quase abandono a que a botaram, deixam a Cruz mutilada, que emerge do vértice da cimalha, a reclamar restauro fácil e de insignificante dispêndio.

Em tempos idos, no dia 24 de Junho, festejava-se ali o S. João Baptista, e afluía muita gente de romaria ao local.

De entre as habitações de então, chegou até nós uma casa de boa construção, situada muito próximo da capela, com as suas lojas, piso superior e nicho na fachada principal onde se lê:

AN 1721 OS

Esta casa ainda conserva os restos do laçar de azeite que foi o único na freguesia de Barcelinhos.

As *Memorias Paroquiais de Barcelos e Barcelinhos (Séc. XVIII)* dizem:

«Tem o Rio Cabado as azenhas assima ditas, e os Ribeiros, que nele se metem nesta freguesia tem o de Santo Antonio no sittio dellas trez moinhos, e o de Medros dose, e hum engenho de fazer azeite: os povos usam livremente de suas agoas para beberem os gados, e lavar; porem para regas não, por ser fundo.

Este reduzido agregado populacional, de setecentos, contudo sempre laborioso, foi-se lentamente desenvolvendo e ao antigo caminho, de que restam acentuados vestígios, sucedeu ampla estrada e ponte de cantaria com arco elegante. Hoje, o lugar de Medros, é já populoso e progressivo bairro da ridente e fidalga Barcelinhos.

Secção Social

O Problema Social

À LUZ DO EVANGELHO

Por **A. Rocha Martins**

UM dos problemas mais sérios, de consequências mais decisivas na vida moderna é, indiscutivelmente, a questão social. Vivemos, como tem sido tantas vezes acentuado, uma época do social em que todas as actividades são orientadas no sentido da luta pela vida a fim de obter uma melhoria da condição social do homem do século vinte. No entanto, verificasse, em tantos casos, uma inteira desarmonia entre os factores que directamente influem no bom resultado deste anseio, isto é, uma luta entre o capital e o trabalho, aquele representado pelo patrão e este pelo operário. Da conjugação harmoniosa destas duas realidades há-de surgir, esplendorosamente, o bem estar colectivo.

Entre operários e patrões, sob pena de lutas nocivas, tem de haver uma mútua compreensão dos direitos sagrados e invioláveis da pessoa humana.

Resulta deste facto que a toda a vida social, a todas as actividades do homem tem de presidir, como juiz implacável, a consciência, faculdade espiritual que sempre aponta o que devemos fazer e o que devemos evitar.

Quando faltar esta sentinela vigilante ou for desrespeitada a sua influência, essa influência que nos lembra uma certeza intemporal e divina, **tudo**, absolutamente tudo é possível dentro das organizações da actividade humana e social, ainda mesmo as mais repugnantes baixezas e as injustiças mais flagrantas.

Os patrões esquecerão que os operários não são peças duma engrenagem laborante, mas antes **pessoas**, com direitos e com deveres, com um destino a cumprir

intrinsecamente ligado a toda a sua actividade neste mundo. Não se pode, sob pena de traição, dissociar o destino do homem em duas realidades: uma terrena, outra eterna. O homem é um **todo** e este todo realiza-se na eternidade.

Assim, os patrões, quando imperam as leis da consciência moral bem formada, respeitarão e dispensarão o melhor carinho àqueles que intimamente colaboram com eles no desenvolvimento dos seus bens e, por outro lado, não esquecerão que eles tomaram parte colaborante no aumento desse capital, pelo que é de toda a justiça participarem nos lucros que só foram possíveis mediante o trabalho, o esforço e o sacrifício dos operários.

Estes, por sua vez, quando vivem o problema da sua vida à luz do teocentrismo e se deixam orientar pelos princípios do cristianismo nos dogmas e na sua moral, procedem na sua vida duma forma exemplar, respeitando sempre os direitos, a pessoa e os bens do seu Patrão.

O operário com esta formação moral vê no seu patrão um Pai e um Amigo e não se poupa a trabalhos para zelar os interesses daquele com quem colabora, embora noutra esfera, com o seu labor humilde e obscuro.

O operário, de recta consciência moral, não defrauda o seu patrão, nem na fazenda nem na pessoa, e alegremente contribui com o trabalho diário para o desenvolvimento da sua indústria.

Dentro destes princípios, que assentam na justiça e na caridade — virtudes cristãs de excepcional valia — encontramos a solução, segura e luminosa, para a tão de-

Talvez não saiba que:

- Em cada segundo se evaporam à superfície do mundo dezasseis milhões de toneladas de água.
- As alfarrobas contêm 22 % de sacarose, 19 % de glucose, 3 % de matérias azotadas e 0,5 de matérias gordas, razão porque é considerado um alimento rico.
- A 7 de Março de 1311 foi criada por carta de D. Sancho II a «Feira da Ladra», em Lisboa.
- A água, por vezes, chega a alcançar a média de 100 quilómetros à hora.
- Os alfinetes tiveram a sua origem em França.
- Que ninguém se livra da sombra.
- Pinhel foi fundada pelos Túrduos, 500 A. C.
- O segundo elefante que apareceu na Europa foi o que D. Manuel I ofereceu ao Papa Leão X.

As malhas **TEBE**

não receiam confrontos...

Continuam na vanguarda do bom gosto.

A Nobreza do Trabalho

De António de Azevedo Pires (extraídas de «A Nobre Missão do Homem»)

PODEMOS afirmá-lo: nos tempos em que vivemos, há-de o homem conseguir a sua valorização pessoal por meio do trabalho. Este representa, em alto grau, título de incontestável dignidade.

E vejamos porquê:

A actividade de quem trabalha utiliza os elementos físicos e psíquicos do indivíduo, solidários entre si e actuando segundo as leis naturais e morais que lhe são próprias.

E, neste campo, não há que entender apenas à parte física do homem, como erradamente fizeram alguns economistas de feição liberal ou marxista.

Modernamente se reconhece, depois das luminosas Encíclicas sociais, que os valores do espírito devem presidir às actividades físicas, e isto para as enobrecer e lhes aumentar a eficácia.

O trabalho tem efeitos directos de produção e colabora com os outros factores económicos: revolve a terra e desenvolve-lhe a capacidade produtora; move e aplica os capitais que previamente gerou.

Sem ele, nem a terra daria pleno rendimento nem o capital chegaria a existir.

Facto incontestável: não pode o homem dispensar-se de trabalhar. Foi Deus que, ao criá-lo, lhe assinalou tal actividade. E a marca dolorosa que possui, veio-lhe depois, como fruto do pecado.

«Comerás o pão com o suor do teu rosto», eis a divina sentença. E sujeitar-se a ela, na aquiescência e na aceitação, representa, para o homem, sacrificio meritório de expiação e resgate.

O trabalho não é apenas necessidade. Vale também como condição de felicidade humana e de harmonia universal.

Em conceito amplo, trabalho é actividade dos músculos e actividade da inteligência, uma e outra encaminhadas no sentido de aperfeiçoamento humano. E, deste modo, não haverá lugar para a pretendida luta social, onde algumas classes prosperariam com a ruína das demais.

Ouçamos o claro dizer de certo pensador moderno: «Nada mais digno, nada mais belo nem mais

glorioso, do que o Trabalho; nada mais nobre, mais significativo no plano do Universo, do que o trabalhador(...). O Trabalho é antagonista do Capital, desde que o Capital se conserve nos limites justos do conceito cristão da propriedade. Pois o Capital é uma condenação do próprio Trabalho, uma soma de energias concretizadas num potencial económico(...). A água não deixa de ser água, quer(...) em estado de vapor, quer se apresente em forma de líquido, quer nos apareça nos blocos sólidos do gelo.

O comunismo pretende solucionar o problema económico-social, como alguém que quisesse que todos os gelos e todos os vapores do mundo se liquifizessem, ou todos os líquidos se solidificassem(...). Cumpre considerar o Trabalho como elemento único, apresentando-se em expressões diferentes».

Não falemos, pois, de classes sociais levantadas umas contra as outras. Falemos antes, e muito alto, da grande tarefa colectiva que é o trabalho humano a repartir por todos, segundo as capacidades e a vocação especial de cada um.

Quer se trabalhe com a enxada ou ao torno, com o cinzel ou com a pena; quer se passem as horas do dia na fábrica ou na oficina, no escritório ou na repartição; quer se desempenhem funções modestas ou funções de comando, todo o trabalho tem eminente dignidade.

Uns com predomínio da inteligência, outros sobretudo com o braço, mas todos a realizarem obra necessária. Os que trabalham com a inteligência orientam as actividades manuais; os que trabalham com o braço tornam possível a actividade de quem orienta. É a lei universal, desde sempre estabelecida, e a que não podemos furtar-nos.

E, deste modo, o operário que executa e o engenheiro que projecta, o tipógrafo que compõe e o escritor que redige, o modesto funcionário que obedece e o ministro que resolve os grandes problemas que lhe passam pelo gabinete, colaboram todos em nobre tarefa colectiva. E sempre de-

que luta acaloradamente pela obtenção duma melhoria da condição de vida da Humanidade e segue, nos seus processos de doutrinação, os princípios cristãos e sociais preconizados pelos Papas. Entre esta imprensa, cuja penetração no meio social é bem notória, contamos o **Boletim Social da TEBE**, dirigido pelo espírito combativo e sensato de António Baptista a quem, neste dia de glorioso aniversário, calorosamente felicitamos.

Agosto de 1957

Fábrica de Malhas

TEBE

Honra a indústria nacional, mercê do alto nível dos seus esmerados artigos.

OS ARTIGOS

T E B E

vendem-se em todo o País nas casas da especialidade

pendentes uns dos outros. Cada um precisa de todos.

Este sentimento de humana solidariedade e de fraterna colaboração expulsa para muito longe ódios e malquerenças e desenfreadas cobiças.

O homem vê no outro homem um irmão seu e em todo o trabalho descobre valor grande, pois nele circula sangue humano.

Aquele que levanta uma carga ou pega numa enxada merece respeito. É para todos que o faz.

O trabalho tem, como vemos, altíssima dignidade e eleva aquele que o realiza.

Para tanto, haja cultura de alma, pois só assim o trabalho se aprende e se executa na plena irradiação da beleza que possui.

Exerça cada qual o seu ofício, não por simples ou negra necessidade. Suba mais alto. Envolve-o em respeito e amor. Veja nele meio indispensável e óptimo de aperfeiçoamento próprio e de colaboração com as tarefas que outros realizam.

Quando o homem abraça o trabalho com dignidade e nobreza e, deste modo, se integra na grande fraternidade humana e na colaboração honrosíssima com a obra da Criação, sente que a vida se lhe transfigura e o trabalho se torna gerador na mais profunda alegria.

«No trabalho devemos ver uma necessidade para a nossa sustentação, e acima disso uma colaboração com Deus, a realização da nossa personalidade na obra que se faz, glorificando assim o Criador e levando-O pelos dons que pôs em nós(...). É preciso fazer que muitos operários que desconhecem a riqueza do Evangelho tomem consciência da sua dignidade como trabalhadores, como cidadãos e como filhos de Deus.

Eu também, antes de regressar à Igreja, não via as coisas como hoje as vejo. Então, eu e muitos outros como eu, afastados da Igreja, iludidos por muitos que

nos pintavam quadros que tinham alguma coisa de verdade e muito de mentira, lançávamo-nos não na construção dum mundo melhor, mas na luta de classes.

Infelizmente, aproveitam-se muitas vezes, para melhor enganar, dos erros e das omissões de muitos que se dizem cristãos, o que muito os ajuda a levar a água ao seu moinho(...).

Em 18 de Junho de 1937, no Parque dos Príncipes, em Paris, 70.000 operários franceses entoam hino formosíssimo ao trabalho e à cidade humana e divina das almas, que aquele ajuda a construir.

Assim disseram em coro impressionante:

«Ó Cidade que vens de nós, tu és o fruto da nossa vida, pois quando movemos a plaina ou fazemos a argamassa, é a ti que construímos (...). Ó Cidade fraterna, na qual, de mãos dadas, ainda os mais ignorados colaboram. Cidade em que todos somos solidários, porquanto o mais isolado dos mineiros, a cada golpe de picareta, pode afirmar que colabora... A mais desprezada das costureiras, a cada ponto que dá... O último dos aprendizes, quando pega na lima... pode dizer que colabora, para a edificação da Cidade» humana e divina.

E podemos concluir:

Sim, ó trabalho, nós reconhecemos-te fecundo e queremos realisar-te com a alma enobrecida.

Por ti, grangeia o homem o seu sustento, o serve a grande família humana, e atinge a sua total medida e enche de júbilo o peito, e torna o mundo mais belo, e colabora conscientemente na obra magnífica do Criador.

Sim, ó trabalho, o esforço que nos pede é benção fecunda que nos dá. Tu és fonte de felicidade e, por isso, nós te saudamos com alegria e te abraçamos com amor!

EMISSORA NACIONAL
10 de Abril de 1933

batida e tão explorada questão social.

Muito se tem trabalhado em Portugal neste sentido e é de toda a justiça salientar e registar a acção notabilíssima desenvolvida pelo dr. Veiga de Macedo que, com uma legislação inteligente, procura pôr termo aos conflitos tantas vezes gerados entre as duas classes — operários e patrões — que jamais poderão progredir sem união cimentada na compreensão e no respeito mútuo.

Felicite-se também a Imprensa

JUAN CABRAL era um Mexicano alto que trabalhava para meu tio, podando videiras. Era um pobre com muitos bens: sua mulher Consuelo, seus filhos Pablo e Pancho, suas três filhas, seu primo coxo Frederico, quatro cães, um gato, uma viola, uma espingarda, um cavalo velho, um carro velho, e uma data de panelas e caçarolas.

Eu estava no quinteiro a falar com meu tio, na manhã em que Juan veio da estrada, no seu carro, para pedir trabalho.

"Que é isto?", perguntou meu tio.

"Mexicanos", respondi eu.

"Como sabes?",

"Pelos cães", disse eu. "Os mexicanos são um povo pobre e simples. Nunca são tão pobres que não possam ter uma matilha de cães. São índios, misturados com outras nobres raças".

"Que querem eles?",

"Trabalho", respondi eu. "Desgostá-los-á profundamente admiti-los, mas é isso o que querem".

"Não preciso de ajudantes", disse o meu tio.

"Não se importarão", disse eu. "Voltarão as costas e seguirão para a vinha seguinte".

O carro veio vagorosamente até à vinha e Juan Cabral deu os bons dias em mexicano. *Buenos dias, amigos*. Em mau inglês acrescentou: "Há trabalho nesta vinha para um mexicano robusto?".

"Quem?", perguntou meu tio.

"Vamos a ver", disse-me.

"Eu", respondeu Juan Cabral.

"Juan Cabral", disse meu tio.

"Não, não há trabalho".

"Quanta paga?", perguntou Juan.

"Que disse ele?", perguntou meu tio. Acendeu um cigarro para ajudar a desvanecer a perplexidade.

"Quer saber quanto paga", expliquei.

"Quem falou aqui em pagar?", disse meu tio. "Não estou a contratar ninguém".

"Quer sabê-lo, mesmo assim", disse eu. "Ele sabe que o tio não está a contratar ninguém".

Meu tio estava assombrado. "Bom", disse ele, "estou a pagar trinta centimos a hora aos japoneses. Muitos lavradores pagam vinte e vinte-e-cinco".

"O ordenado é de trinta centimos a hora", disse eu a Juan.

"Não é bastante", disse o mexicano. "Há muitas bocas a sustentar este inverno".

"Que diz ele?", perguntou meu tio.

Meu tio estava zangadíssimo, e não queria compreender nada do que Juan dizia enquanto eu não o repetisse.

"Diz ele que trinta centimos a hora não é bastante para todas as bocas que tem a sustentar este inverno".

"Que tem ele a sustentar?", perguntou meu tio.

Os Mexicanos

Um conto de WILLIAM SAROYAN

"Toda aquela gente na carroça", disse eu.

"Onde vão eles viver?",

"Não sei", disse eu. "Hão-de achar um lugar algures, suponho".

Juan Cabral não falou. Um dos seus cães aproximou-se de meu tio e lambeu-lhe a mão. Meu tio deu um salto e olhou em volta assustado. "Que é isto?", gritou.

"É um dos cães dos mexicanos", expliquei eu.

"Tira-o daqui", disse meu tio.

Disse ao cão para voltar para a carroça, e ele foi.

Meu tio observou o cão a ir-se embora. E não só o observou, estudou-o também a ir-se embora.

"Tenho treze bocas a sustentar, não contando a minha", disse Juan. "Trinta centimos por hora não é bastante".

"Treze bocas?", disse meu tio.

"Ele conta também com os animais", expliquei eu.

"Não me parece que ele saiba podar um videira", disse meu tio.

"Sabe podar uma videira?", perguntei a Juan.

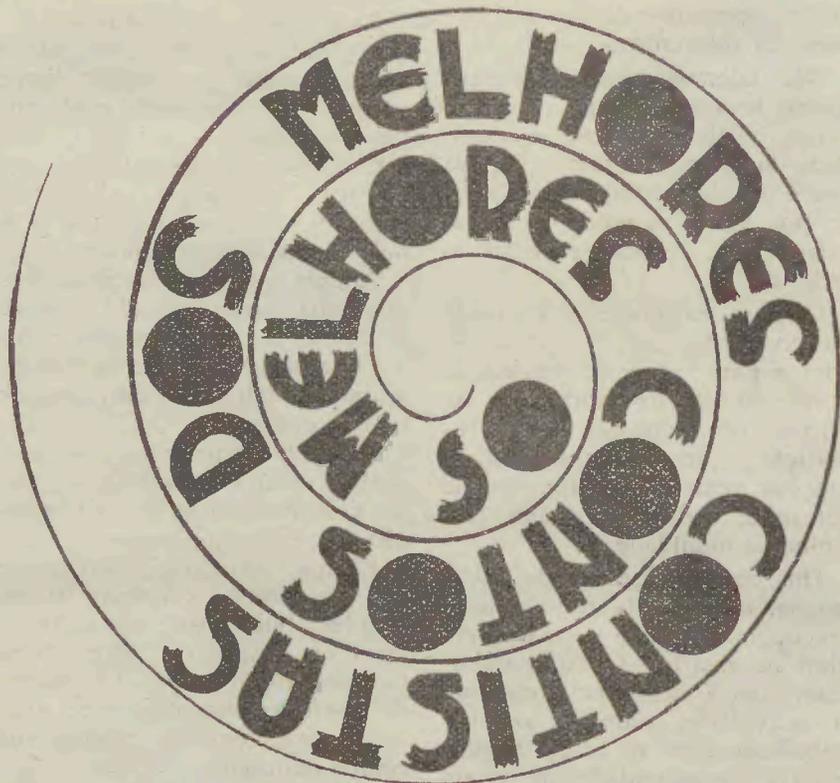
"Não, senhor", disse ele. "Sou soldado".

"Que disse ele?",

"Diz que é soldado".

"A guerra acabou", disse meu tio.

O mexicano puxou da espingarda e estava a levá-la ao ombro para demonstrar a sua qualidade de soldado, quando meu



"É um cão vulgar", disse ele. "Vêem-se centenas deles nas ruas".

"É verdade", disse eu.

"Aquele cão não vale um penny", disse meu tio.

"Nem mesmo muito menos do que um penny", disse eu. "Não era possível livrar-se dele por dois dólares".

"Não o queria nem que me pagassem três dólares", disse meu tio. "Que faz ele? Caça coelhos ou coisa parecida?".

"Não", disse eu.

"Espanta os ladrões?".

"Não", respondi eu. "Iria lamber-lhes as mãos".

"Então? Para que serve?"

"Para nada".

"Para que querem eles tantos cães destes!"

"São mexicanos", disse eu.

"São mexicanos ingénuos".

"Dizem que os mexicanos se fartam de roubar", disse meu tio.

"Levam tudo que não tenha raízes na terra", disse eu.

Meu tio lhe notou a brincadeira. Deu um salto para trás de mim. "Diz-lhe que desvie a espingarda", disse ele. "Não estou para que um mexicano me mate por acidente. Acredito-o. Acredito que seja um soldado. Diz-lhe que desvie o raio da espingarda. É capaz de me matar só para provar que é soldado".

"Não. Isso não é", disse eu.

"Não preciso de ninguém", repetiu meu tio.

"Trinta centimos por hora não é bastante para sustentar treze bocas, não contando a minha", disse o mexicano.

Pôs a espingarda de lado, e meu tio só viu cinco carinhas mexicanas a olharem para ele. Quase perdeu o equilíbrio.

"Quem é esta gente?", perguntou.

"São os filhos, dois rapazes e três raparigas".

"Que querem eles?",

"Feijão, farinha e sal", respondi. "Não querem muito".

"Diz-lhe que desapareçam", disse meu tio. "Ele não sabe podar videiras".

"Toda a gente aprende a podar videiras", disse eu.

"Vai dar-me cabo da vinha", gemeu meu tio.

"E roubar tudo que não tenha raízes na terra", acrescentei.

"Pago mais dez centimos por hora do que muitos lavradores", disse meu tio.

"Ele diz que não chega".

"Bom, pergunta-lhe lá quanto é preciso".

"Señor Cabral", perguntei ao mexicano, "quererá trabalhar por trinta e cinco centimos por hora? Meu tio não precisa de ajudantes, mas simpatiza consigo".

"Têm morada para minha família e para os animais?", disse o mexicano.

"Temos", disse eu. "Modesta mas confortável".

"O trabalho é muito?",

"Pouquíssimo".

"É trabalho simpático?",

"Simpático e saudável", disse eu.

Juan Cabral saltou do carro e aproximou-se do meu tio. Meu tio assustou-se imenso. Os cães vinham atrás do mexicano, e os filhos dele já estavam à volta do meu tio.

"Señor", anunciou-lhe o mexicano. "Trabalharei na vossa vinha".

"A honra é minha", disse meu tio. Estava atrapalhadíssimo. Principalmente por causa dos cães, mas também pelas cinco crianças mexicanas, e pelas maneiras magníficas do mexicano.

Não era com certeza pela espingarda. Meu tio não se deixaria intimidar por ninguém deste mundo.

Pelas três horas da tarde, os mexicanos estavam instalados na sua casinha, e levei Juan Cabral, seguido por Pablo e Pancho e o primo coxo Frederico, a uma videira, para o ensinar a podar. Expliquei as razões de cada corte das tesouras. Para conservar a forma da videira. Para a conservar forte. Para lhe deixar os ramos jovens subir e crescer para o sol. E assim por diante. Passei dessa fila de videiras para a seguinte. Passei-lhe a tesoura de podar e perguntei-lhe se não gostaria de experimentar podar uma videira. Foi muito delicado e respondeu que seria para ele um prazer. Trabalhou ponderada e vagorosamente, explicando aos filhos e ao primo coxo, como eu lhe explicara a ele, as razões de cada corte da tesoura. O primo coxo Frederico, que era um homem de sessenta anos ou quase, ficou muito impressionado.

Sugeri-lhe que continuasse a podar videiras até ao anoitecer, e voltei para meu tio, que estava sentado ao volante do Ford, sonhando.

"Que tal te parece?", perguntou.

"Excelente", disse eu.

(Continua na página 29)

AS ALMINHAS O 4.º ANIVERSÁRIO DO «BOLETIM»

Por Maria Lúcia Miranda Baptista

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA DOIS)

HOJE, veneram-se apenas, mas não há muitos anos ainda, se erguiam, simples, singelas, recatadas. Pelos caminhos sinuosos e toscos que ligavam as povoações, atravessando vales escondidos, subindo ladeiras agrestes, rasgando, nos penhascos das serras, passagens para os homens e meios de transporte rudimentares, construíram-se alminhas. Essas alminhas lembravam ao caminhar o sofrimento das almas no purgatório e para elas pediam



uma oração recolhida, um sacrifício, uma esmola. Ao caminhar lembravam, também, que mais penoso é o sofrimento das almas pecadoras, que todas as infelicidades, misérias e agruras da vida terrena. Ao caminhar lembravam que o homem não tem apenas de viver anos incertos na terra, mas sim uma eternidade... e essa eternidade, feliz ou desgraçada, a vai preparando ele, dia a dia, hora a hora, na consciência ou inconsciência de uma vida regada ou estranha a normas da lei moral e religiosa que ampara e orienta.

As «alminhas», dispersas pelas nossas aldeias e cidades, enternecem-nos, pelos sentimentos de fé e amor que as inspiraram. São relíquias dum passado em que era mais profunda e sentida a fé cristã e mais nítido o sentimento dos homens pela eternidade da sua alma. Há problemas em que as gerações presentes se não quedam a meditar, porque os dias se passam num atordoamento, numa ansia insatisfeita e devoradora de gozar a vida, de lhe sorver todos os seus prazeres, de abraçar todas as suas tentações, como se ao experimentar-las inteiramente o homem atingisse a felicidade. Mas quão grande é a desilusão, porque, na medida que o mundo oferece confortos e prazeres, mais e maior é a ambição que cresce dentro do homem: pobre ser que não conhece a insuficiência e o vácuo da vida mundana. Que pena não continuarem a erguer-se, simples e recatadas «alminhas», pelas ruas das grandes cidades, que, como um sinal de alarme, dissessem à juventude inconsciente e aos homens de corações fechados: pára, medita, oral...

A ciência, na sua velocidade ciclópica, parece ter penetrado nos segredos mais profundos da matéria. O suicídio colectivo avizinha-se no desenrolar de uma próxima guerra.

Sempre esta incógnita avassaladora: O que será o amanhã?

Einstein, antes de morrer, deixou ao mundo a interpretação do seu sentir:

«Para que a humanidade possa sobreviver, é indispensável uma nova maneira de pensar». E o Papa Pio XII avisou o homem erguendo a sua voz desta maneira:

«O género humano quase perde a esperança de que seja possível deter esta loucura homicida e suicida».

Em face deste panorama tão confrangedor é mister chamar o homem a bom caminho e fazer-lhe ver ainda a tempo o valor de uma reconciliação universal.

Cabe à imprensa (à grande e à pequena) fomentar o bom entendimento entre os homens nossos irmãos, suavizando-lhes a existência com a leitura sã e acessível, embora nem sempre demasiadamente profunda.

«As metafísicas estão gastas. Parece ter-se renunciado à procura duma verdade absoluta, duma explicação definitiva do universo para, mais modestamente, se pensar nas possibilidades do homem, trazendo toda a busca para um plano mais acessível.

Pode-se explicar talvez esta tendência pela destruição das noções fundamentais em que vivíamos (tempo, espaço, matéria), destruição que leva o escritor a encarar apenas hipóteses temporárias e duma necessidade imediata.»

Portanto nunca será demais convidar os homens de boa-vontade a renunciar a uma próxima guerra, enfim, nunca será tarde demais convidar os homens que ainda crêem em Deus a respeitar o seu semelhante à luz da doutrina do mesmo Deus...

Nunca será demais lembrar, pelo menos, as grandes doutrinas dos homens bons que, sensatamente, desejaram construir um mundo melhor, «libertos da dúvida e das incertezas porque possuíam, à priori, sólidas directrizes e o privilégio de se moverem num universo ordenado com hierarquias e com finalidades marcadas.»

Evidentemente que antes de iniciarmos a publicação do nosso «Boletim» pensáramos antes de mais, encontrar o sentido equilibrado para a nossa divisa... e, felizmente, encontrámo-la neste triângulo cujos vértices são: DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA.

Procurámos também defender os nossos princípios às exigências, doentias, de qualquer sectarismo... embora, algumas vezes, tivéssemos sofrido a incompreensão de uns tantos que nem sempre compreendem o que se escreve ou o que se diz...

Procurámos, de certo modo, consolidar as nossas considerações às exigências do meio que servimos, quer levando-lhe artigos sérios, quer, ainda, divulgando conhecimentos de valores altamente reconhecidos.

Portanto, ao iniciarmos o quinto ano de labor e ao fazermos um exame retrospectivo, constatamos que não foram perdidos os muitos minutos que demos em prol daqueles que nos leram e compreenderam, quer com a inteligência, quer com o coração.

Que o novo ano que vai desenrolar-se traga para todos os mais altos princípios do amor entre os homens e melhor compreensão entre os povos.

António Baptista

A gente do passado o tempo que levava a percorrer um caminho agreste e isolado dava-lhes para rezar orações pelas almas do purgatório abandonadas, por as almas dos que morreram sem um parente, sem um amigo, sem uma lágrima de saudade; mas hoje o tempo não chega para rezar, nem para meditar sobre os problemas da própria alma, que anda amarfanhada, submissa, paralizada, ante as magnas preocupações da vida material.

Quando, porém, pelas estradas ou recantos das nossas aldeias, deparamos com umas «alminhas», quedámo-nos enlevados e recolhidos, numa admiração sincera, por essas gerações que sabiam sentir a grande tristeza dos abandonados e para eles impunham a obrigação duma breve jaculatória,

duma oração simples mas dita com devoção, num instante de recolhimento.

As «alminhas», tão variadas, singelas, toscas, arrebitadas, elegantes e artísticas, todas elas porém impregnadas dum sentimento tão profundo de piedade, são um apelo, talvez que um grito aflitivo dos que viveram horas más, dos que sofreram sem resignação, dos que ganharam dinheiro perdendo a consciência, dos que pecaram conscientemente, porque confiaram no perdão de Deus, numa hora de arrependimento, que talvez surgisse tardia.

Graças ao Senhor, que o nosso povo tem ainda entranhado o culto pelas «alminhas» e, por isso, as vemos retocadas com carinho, guarnecidas com flores e raramente lhe falta o azeite na lam-

Insatisfação

A voz do «Boletim Social da TEBE» dirigindo-se ao seu criador e alma de poeta, António Baptista

Moço escritor, que te deste
À vida, da qual eu vim,
Quantas dores não sofreste
Criando a Beleza em mim?

Vivo o Sonho, que viveste
Num sonho longo, sem fim,
— Alto sonho o que tiveste
Como nunca houve outro assim.

E agora, matéria feito,
Dando corpo ao sonho teu,
Que mais queres, Moço eleito?

Porque me elevas ao Céu
— Se o Céu mesmo é algo estreito
P'ró sonho que em ti viveu?

Flor do Tojo



TINTO GARANTIDO

Alminhas de Gilmonde

O desenho à pena que ilustra o artigo «As Alminhas» é da autoria do artista barcelense Jorge Corrêa.

parina, que mãos piedosas e devotas acendem e vigiam.

Cada uma dessas alminhas terá talvez uma história: ingénuas, simples ou dolorosas. Todas elas, porém, abandonadas por caminhos intransitáveis, escondidas em socos, abeirando-se de encostas alcantiladas, ou aconchegadas entre o casario das povoações que cresceram; elas são o testemunho vivo da sinceridade das convicções da gente portuguesa, que sempre, nos momentos felizes ou trágicos da sua história, erguia os olhos a Deus.

Que mãos carinhosas continuem a velar pelas «alminhas» das nossas cidades, vilas e aldeias, para que as gerações presentes se lembrem, como as passadas, das pobres almas do purgatório, para quem não há lágrimas nem flores, mas para quem haverá ainda preces fervorosas.



Dirigida por Waldemar Esteves

ECOS DESPORTIVOS

Por **Jone & Tone**

Parabéns, C. D. da TEBE

Terminou o Campeonato regional de Oquei em Patins, em que ficaram apurados para a fase seguinte, Guimarães, Vianense, TEBE e Famalicense.

O nosso clube, alcançou um excelente 3.º lugar, classificação esta, que honra o Oquei patinado barcelense.

Com um começo um tanto incerto, o C. D. da TEBE, impôs-se principalmente na 2.ª volta, na qual apenas perdeu pontos em Viana. Isto diz tudo.

Agora, vamos às eliminatórias, para competência ao Nacional. Os resultados, dadas as características dos jogos — que aliás, não concordamos — são autêntica lotaria. Eliminado ou não, o C. D. da TEBE, tudo fará para elevar uma vez mais o oquei da sua terra: Barcelos.

À luz das realidades

Ultimamente temo-nos insurgido nestas colunas, contra aquilo que denominamos "paixão clubista" da maioria dos desportistas barcelenses, que os leva a não ver ou a não querer ver as realidades.

O C. D. da TEBE, que pela sua valia técnica e pela correcção e aprumo dos seus atletas tem merecido os maiores elogios dos desportistas de Viana, Braga, Guimarães, etc., longe de ser amparado e acarinhado, pois cotou-se como a melhor equipa de Barcelos, tem sido o mais atingido, pela febre clubista, a ponto de os barcelenses incitarem as equipas forasteiras que o defrontam.

Isto temos nós chamado a atenção sem encontramos eco, na imprensa local. Finalmente alguém nos secundou. Alguém que viu algo mais que "paixão clubista", que alheando-se do ambiente, por vezes escaldante, embrenhou-se no jogo, "naquilo" que se passava no rink,

(Continua na página 27)

O Clube Desportivo da «TEBE» e o seu BOLETIM SOCIAL

Portugal d'Aquém e d'Além Mar fala assim das nossas actividades:

«A Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. (Tebe), preocupa-se com o bem-estar do seu pessoal e, por isso, tudo facilita para que os seus colaboradores e trabalhadores usufruam o máximo de regalias sociais e alcancem um regular nível de cultura desportiva e literária.

Os empregados e trabalhadores da empresa lançaram-se em duas iniciativas muito interessantes que foi a fundação do seu Clube Desportivo e de um «Boletim Social».

O Clube Desportivo é uma organização presidida pelo Senhor João Figueiredo, afinador da fábrica, dedicando-se especialmente ao oquei em patins, mas também pratica outras modalidades de desporto, como ciclismo, ténis de mesa, atletismo e campismo.

Os componentes do grupo cheios de brio desportivo, já conquistaram para o seu clube algumas valiosas taças.

O Boletim Social, de publicação mensal, é de excelente aspecto gráfico, é colaborado pelos próprios trabalhadores e empregados tratando de assuntos de interesse desportivo e cultural.

Esta interessante publicação impressa a cores, em bom papel, é dirigida pelo Sr. António Baptista, também funcionário da Empresa, e que é um apaixonado das letras.

Aos distintos Directores e colaboradores destes dois departamentos sociais da TEBE endereçamos cordeais saudações».



O grupo de honra do Clube Desportivo da TEBE

Momentosa entrevista com José Lopes

Vice-Presidente do Clube Desportivo da TEBE

Pela primeira vez, nas colunas deste jornal fala um dirigente do C. D. da TEBE. A excelente classificação alcançada pelo nosso clube, que veio premiar as canseiras dos seus atletas e dirigentes, a próxima participação do C. D. da TEBE no apuramento para o Nacional, foram argumentos que nos levaram a escolher alguém, com responsabilidades no clube, que por intermédio deste jornal expusesse aos nossos leitores, as suas impressões sobre o Campeonato Regional da época em curso, e quais os projectos para o futuro.

A escolha recaiu em José Lopes, uma dedicação do nosso clube. Posto ao corrente do nosso desejo, prontamente acedeu.

— Diga-nos, Snr. Lopes, gostou do Campeonato Regional?

— Não. Sobretudo na parte que diz respeito a disciplina, pois esta deixou muito a desejar. Quanto aos clubes, não duvide: O Vitória de Guimarães foi a melhor equipa. O Famalicense desiludiu-me enquanto o Taipas foi demasiado frágil.

— Qual o jogador que mais o impressionou?

— Dos que vi em acção, o defesa do Vianense Miro.

— Do público (de fora é claro) qual o melhor?

— De um modo geral, todo correcto.

— Qual o jogo, disputado pelo nosso clube, que mais o emocionou?

— Poucos vi; mas não esquecerei o TEBE-Famalicense, realizado cá em Barcelos.

— Sua opinião sobre Ranito?

— A melhor possível. Bom jogador, correcto e leal. Dele, só posso dizer bem.

— Aspirações para a fase final?

— Apesar de jogarmos desfalcados (Ranito está impossibilitado de jogar) confio no brio dos nossos rapazes.

— Tenciono ficar na Direcção para o próximo ano?

— Não. A minha vida particular não o permite, pois dispo-

(Continua na página 27)

João Duarte Veloso

QUANDO falamos com orgulho na TEBE, na sua grandiosidade, na repercussão deste elemento fabril no aglomerado barcelense, não podemos deixar de evocar um nome — o do Ex.^{mo} Snr. João Duarte. Se a Empresa Têxtil de Barcelos é hoje um valor considerável na indústria Nacional, se alguém lhe deu corpo e meios de se expandir, se os seus produtos se impõem dentro e fora do País; a sua criação, o início da sua vida, o interesse pelo desenvolvimento inicial desta indústria, todos sabemos que partiu do grande industrial — João Duarte.

A cidade de Barcelos, pode e deve orgulhar-se deste seu filho, que graças à sua inteligência, tenacidade, constância e visão precoce dos problemas dos nossos dias, conseguiu criar e dar vida florescente a importantes e consideráveis empresas industriais — riqueza notável para a terra, ganha-pão para centenas de famílias, elemento de valor na economia nacional.

Se devemos render homenagem ao grande industrial que é o Ex.^{mo} Sr. João Duarte, não devemos menos prestar-lha pelas suas altas qualidades morais que o impõem à gratidão dos seus operários. Por eles se interessa, procurando da ma-



neira mais justa ampará-los e melhorar-lhes o nível de vida. Todo o pessoal que se sintia angustiado na resolução dos seus problemas, encontra no Snr. João Duarte, o Amigo de coração aberto, disposto a ajudá-lo e a orientá-lo.

O «Boletim Social da TEBE» não pode deixar de registar nas suas colunas o valor da vasta obra social deste grande Barcelense e não o faz por lisonja ou por adulação, pois o que aqui escrevemos é o que a qualquer momento podemos ouvir da boca dos seus operários.

Leia, Assine e Divulgue

«Boletim Social da TEBE»

Uma esperança no presente a caminhar para uma certeza no futuro . . .

Os artigos **TEBE** levam sempre o seu timbre como testemunho da sua garantia e perfeição.

Os artigos de seda, nylon e algodão só são garantidos quando levem o nome **TEBE**, quer em etiquetas, quer ainda mencionados no próprio artigo.

Para seu próprio interesse e segurança exija sempre artigos **TEBE**.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

V.º de Alberto Rodrigues Bulhosa

Telef. 95 — S. JOÃO DA MADEIRA

A casa recomendável para o fornecimento de Etiquetas Metalizadas, a uma ou mais cores, alto relevo, papel e cartolina, prateada ou dourada.

Um produto bem etiquetado, é um produto vendido.

AFIRMA..... O BOM GOSTO

Da minha grande saudade

À MANUELA ARRIEGAS — do seu tio Matos

(Inédito)

Tu, jovem e senhora . . . alheia ao mundo vil
Buscaste mais além . . . apelo que faltava . . .
E imersa na saudade . . . que tanto magoava
Partiste bem segura com rumo ao Brasil.

E a sorte . . . a tal senhora . . . por vezes arredada
Correu, enfim, p'ra ti . . . com olhos d'entender
E presa nos teus braços, ajudou-te a vencer
Fazendo do teu sonho : certeza aureolada.

Partiste com saudades . . . deixando-nos ficar
Chorosos, sem sabermos a sorte que terias . . .
Mas tu, bem confiante . . . enfim, que vencerias,
Soubeste descobrir, sem nunca recuar.

Que a protecção divina te proteja também
Eis tudo que minh'alma te envia neste canto
Bem pobre de talento . . . mas grande porque é santo
O meu sentir saudoso e o teu sentir de mãe.

Lisboa, Abril de 1957

Luis de Assumpção Matos

Dr. Valentim de Almeida e Sousa

NÃO pode o «Boletim Social da TEBE» ao completar mais um aniversário deixar de ter uma palavra de amizade e de reconhecimento para com o Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, ilustre Delegado do Instituto N. de Trabalho, que, para este jornal, tem sempre um gesto acolhedor e uma palavra de incitamento. Espírito aberto aos graves problemas sociais e morais que atormentam a classe operária ele, procura, com todo o interesse e com todo o carinho, ajudar os trabalhadores a solucionarem-nos ou, pelo menos, a encará-los de frente com coragem e com a resolução de atenuarem as suas graves consequências. Temos tido sempre no Senhor Dr. Valentim de Almeida e Sousa um amigo, e o Snr. Doutor Valentim pode crer também na dedicação e no espírito colaborador do «Boletim Social da TEBE» — Jornal de Trabalhadores para Trabalhadores. Curvamo-nos por vezes cansados ante a grande responsabilidade de dirigir este «Boletim» que deve ser a fonte pura e límpida donde brotem ideias altas e normas dignas de orientação, neste deserto árido e seco de elementos de cultura, neste aglomerado de homens e máquinas onde só conta para o conjunto o trabalho individual, e, onde, para o indivíduo, só interessa a recompensa material. Fazer esquecer aos

operários o ruído monótono das máquinas, fazê-los desprender o espírito do trabalho quotidiano, acompanhá-los e dirigi-los na ânsia dum enriquecimento de cultura é a nossa preocupação, que procuramos conseguir ver realizada, embora por vezes nos escas-



seiem os meios ou nos falte colaboração dedicada. Por isso o «Boletim Social da TEBE», tem no Snr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, o amigo que compreende, que anima, que ajuda, que perdoa insuficiências e que exalta esforços. É pois para o «Boletim Social da TEBE» um amigo e como tal o abraçamos neste dia festivo.

Antes Decorativas

Procuramos enquadrar o bom-gosto na fisionomia das linhas dos objectos, dos desenhos, das esculturas, dos anúncios e em quaisquer reclames que a função publicitária haja de pôr nas ruas, nas frontarias dos prédios e nas vitrinas.

Façamos guerra ao horrível, ao estúpido mau gosto duns tantos que pensam... que possuem esse dom... por Deus concedido aos artistas com um A grande.

Tracemos armas e não deixemos habituar o comerciante inculto a incluir no baptismo dos seus produtos a série incomportável de estrangeirismos ridículos, por vezes bem longe de traduzirem a ideia que se pretende.

Sejamos austeros e avezemo-nos a distinguir o belo do feio, o formoso do horrível, o equilibrado do inestético e saibamos ainda fazer crítica judiciosa até onde nos leva a nossa sensibilidade humana.

Existem cartazes, por vezes, tão mal equilibrados que apetece escrever por baixo:

É pena não ser feito por um artista.

Mas também é verdade que os críticos responsáveis deviam observar e censurar esse mundo desconjuntado de cartazes com letreiros errados, indecifráveis alguns, nulos de sentido e totalmente alheios de beleza...

Devia-se estimular os comerciantes a ordenar o interior das vitrinas com equilibrado bom-gosto, com requinte de cores e coordenação dos artigos expostos...

Um bom expositor, caixeiro ou não, deve ter por inspiração um sentido bem aferido da sensibilidade do comprador e, ao mesmo tempo, deve dispor os artigos de tal modo que vejam sem a velha confusão dos amontoados.

Escola Técnica de Barcelos

A notícia da criação da Escola Técnica em Barcelos veio alvoroçar a população cidadina que, de alma aberta, acolheu festivamente tão significativa notícia.

A todos que, de qualquer maneira, contribuíram para a criação da Escola Técnica de Barcelos vão as nossas mais sinceras e justas homenagens.



Cabeça, por J. Fernandes

Casamento elegante do sócio da TEBE, Snr. Engenheiro João Augusto Vieira Duarte Veloso

Num ambiente requintadamente elegante e na poética aldeia de Grimancelos, na Capela da Casa de Assade, no pretérito dia 31 de Julho, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Clara de Assis Corrêa de Vasconcelos Furtado, filha muito querida do Ex.^{mo} Snr. Dr. Fur-



tado Martins e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Isabel Maria Corrêa de Vasconcelos Miranda Furtado (já falecida), consorciou-se com o Ex.^{mo} Snr. Engenheiro João Augusto Vieira Duarte Veloso, sócio da TEBE, filho do Ex.^{mo} Snr. João Duarte Veloso, digníssimo industrial e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso, ilustre senhora da nossa melhor sociedade.

Serviram de padrinhos, da noiva, seu pai e a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Alexandrina S. M. D. de Almeida Machado Pereira e do noivo, seus pais.

Celebrou a cerimónia religiosa o Reverendo David R. Novais, que, no momento oportuno, falou do significado do acto.

Após as cerimónias religiosas foi servido na casa do Pai da noiva um primoroso banquete assistido por dezenas de convidados da melhor sociedade.

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão desejando aos noivos um porvir venturoso.

Poesia Inútil

(INÉDITO)

No mar imenso
Andava a boiar sobre os sargaços
E foi no instante preciso
Em que apareceste
E me estendeste os braços,
Que eu submergi
Depois voltei à tona d'água
Feita sereia
— Sereia tonta! —
Pois cria e esperava em ti.
Não me quiseste,
Com a tua indiferença — afastaste-me,
Fiquei chorando
A pensar:
Há tanta, tanta sereia no mar!

Maria Helena Fonseca

Antes Plásticas

Todo o verdadeiro artista é um transformador de energias, e como tal, a obra de arte nunca poderá ser um acto gratuito. A sua melhor, a mais espinhosa tarefa é reintegrar o homem na sua dignidade humana.

Em arte só o real é verdadeiro, aquilo que se pode verificar pelo comportamento emotivo do homem.

Daí sucede, por vezes, que numa arte distanciada do público os primeiros contactos sejam quase sempre dolorosos e decepcionantes.

Necessariamente que o homem comum, entregue aos azares dos seus recursos individuais, não pode ter uma visão excepcional do mundo. Todo o artista deve (e tem) de ser um criador activo, isto é, um colaborador actuante e interessado no conjunto das funções sociais. O que pretende expressar deverá ir além da sua vida afectiva ou intelectual, e compartilhar da aventura quotidiana, numa familiaridade constante com os restantes indivíduos.

Uma obra de arte resulta sempre bela e universal, na medida em que foi possível ao artista comunicar ao mundo exterior qualquer parcela da sua profunda emoção das realidades humanas.

Manuel Ribeiro de Pavia



Mário Campos Henriques

Trabalho feito com retalhos de malha TEBE da autoria de Eduardo António

Artes plásticas



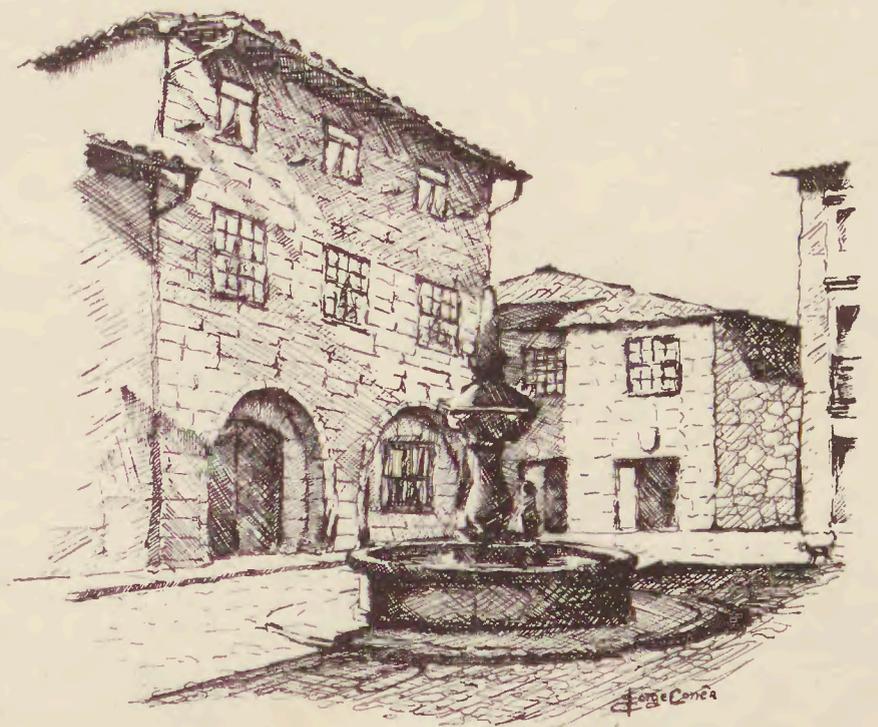
Retrato a óleo «LOBO DO MAR» da autoria do pintor Gonçalves Torres.



«PEIXEIRAS» de Fão, carvão do escultor António Carlos.



«PRAÇA DO COMÉRCIO», Lisboa, aguarela do pintor Jerónimo Fernandes.



«LARGO DO APOIO», desenho à pena do pintor Jorge Corrêa



Um conto para nossos filhos

O PALHAÇO

(INÉDITO)

De ANAPOLI

ERA uma vez um Circo...
E dentro dele havia um mundo de lutas, de amor, de sonho... e de fantasia.

A fantasia, o sonho, o amor e a luta, viviam na alma de Tóni, o palhaço... sim o palhaço!

Tóni amava a rapariga do trapézio, queria-lhe bem; mas queria-a só para ele...



A rapariga do trapézio chamava-se Mafalda e queria o triunfo, amava as palmas, os aplausos, os sorrisos... a fantasia.

E Tóni amava Mafalda... queria-a só para ele... Contudo

quando a trapezista subia para o trapézio, Tóni subia com ela; mas só com os olhos, com os ouvidos, com a alma... E enquanto ela riscava os ares deixando na assistência a respiração contida, Tóni lutava consigo mesmo e, alheio a tudo e a todos, quando Mafalda descia batia as palmas perdidamente e respirava com ela os risos estridentes da vitória.

Um dia Tóni, antes de entrar em cena, falou seriamente a Mafalda... disse-lhe que a queria para esposa, esta, rindo, troçou de Tóni.

Daí a momentos, Tóni, com a alma amargurada, ria para fazer rir os outros. Dentro da sua alma vivia um turbilhão de dor... e tinha de rir para fazer rir... E os meninos riam do palhaço ignorando-o um homem como nós, com a mesma sensibilidade, com os mesmos desejos e com os mesmos sentimentos.

Aquele homem, que ria no Circo para fazer rir, chorava por dentro...

E um dia, Tóni, desapareceu daquele Circo. Hoje, o palhaço Tóni, num outro Circo qualquer recorda-se, talvez, de Mafalda, dos seus triunfos e dos seus aplausos...

Tóni é o exemplo vivo do circo do mundo, onde, cada qual, tem de cumprir a sua missão... rindo, quantas vezes, com vontade de chorar.

dor respira a sua grande parte da vida... e é ali, também, que aprende a compreender a grandeza de Deus e a pequenez dos homens.

Começamos pela secção da seda. A um lado estavam as máquinas a transformar em peças as finíssimas teias e, à frente delas, o nosso amigo e companheiro de trabalho, Sr. Pires Bigote que, nada surpreendido com a nossa pergunta, afirma:

«Pedir uma opinião acerca deste «Boletim» a um antigo colaborador e amigo de sempre, é arriscar-se a receber uma resposta um tanto suspeita e que não prime pela imparcialidade.

Para fugir a tal, não será de modo algum uma crítica o que farei, ficará apenas aqui expresso aquilo que, sinceramente, sinto acerca dele.

Não vou focar o aspecto literário, os seus defeitos ou qualidades, nem apreciar os assuntos expostos com mais ou menos propriedade; é impossível fazê-lo, porque, além de não possuir bagagem para tal, sei bem quais as dificuldades que encontra um mensário deste género, não só sob o ponto de vista de colaboradores como também de assuntos de interesse para os leitores.

Apenas quero, sinceramente, deixar aqui expressa a minha profunda admiração por todos aqueles que, apesar de tudo, ainda conseguem mantê-lo e manifestar uma esperança de que continuem a fazê-lo, sem desfalecimento, para esta pequena manifestação espiritual, luzinha trémula no meio do materialismo que nos cerca, se tornar um dia brilhante farol para melhor iluminar todos aqueles que carecem da luz imensa da cultura».

E assim ouvimos o Sr. Pires Bigote. Seguidamente passamos ao acabamento. Paramos um pouco a presenciar a azáfama deste pequeno mundo, parte integrante de um outro: a fábrica.

Uma peça de malha é cortada aqui, passando as diversas partes talhadas para uma série de máquinas que as completam para harmonizar, enfim, o artigo pretendido. O artigo, depois, é revisto e encaixotado... pronto para sulcar as mais diversas rotas da vida comercial.

Dirigimo-nos ao chefe da secção Sr. José Quintas que disse, mais ou menos, o seguinte:

«Sempre gostei do «Boletim». Abandonamos a secção da seda e seguimos ao Lactário onde as crianças, formosa colmeia do amor vinda da vida, que Deus abençoa, estavam satisfeitas e bem cuidadas, graças à acção persistente do corpo clínico que periodicamente as visita, não se poupando nunca a esforços.

Amavelmente a D. Conceição, que tem a seu cargo este mundo pequeno, sabendo ao que íamos nos disse:

«Tenho lido o nosso jornal com um interesse sempre crescente achando-o de grande utilidade, principalmente para nós trabalha-

dores, pois traz sempre assuntos de cultura que nos ajuda, muitas vezes, a nossa sensibilidade a procurar a sua leitura.

Ao seu director, Sr. António Baptista, os meus sinceros parabéns».

Sáimos. E fomos de encontro ao bater ritmado do «tac-tac» dos teares. Desejamos, também, ouvir o encarregado dessa secção, Sr. Gonçalves que nos disse:

«Na passagem deste 4.º aniversário do «Boletim», quero manifestar o meu regosijo por mais um ano decorrido.

O nosso jornal singra triunfantemente. Seguidamente tece palavras de justo louvor para todos que nele colaboram».

Agradecemos as suas judiciosas palavras e fomos bater a outra porta, donde um cheiro a anilinas e um vapor intenso quase proibiam a nossa entrada... mas sempre entramos.

Desejamos ouvir o Sr. Armando Coutinho que elogiou, sinceramente, o «Boletim» e seu director.

Sempre a correr, fomos à secção de algodão onde, sem grande retórica, ouvimos a Isolete, que acerca do «Boletim» disse:

«É um jornal honesto, desempoeirado, que ensina e educa e, por vezes, as suas anedotas dão-nos grandes momentos de alegria.

É pena que seja tão pequeno para alguns e, por vezes, mal recebido por outros.

Felicito o seu director e todos que nele colaboram vaticinando-lhe um brilhante porvir».

Logo a seguir surge-nos Manfred, um apaixonado do desporto, a quem perguntamos algo sobre o «Boletim». Imediatamente responde:

«Gostei sempre do «Boletim» por trazer um pouco de tudo. Como desportista, estranhei, durante algum tempo, a limitação da «Página Desportiva»; hoje, porém, o jornal cai dentro de mim porque a «Página Desportiva» vem variada».

Terminou por felicitar o seu director e todos que, de boa-vontade, com ele colaboram.

Fomos à Cartonagem indagar também do que pensam do «Boletim». O Sr. Lima prontamente responde à nossa pergunta.

Entre outros conceitos fixamos esta passagem: «O «Boletim Social da TEBE» de bom aspecto gráfico, óptima apresentação, excelente colaboração e variedade de assuntos bem merece ser melhor acolhido pela massa trabalhadora, pois a sua leitura instrui e educa. Estão pois de parabéns os *Directores e Colaboradores* do «Boletim».

E porque o tempo de que dispúnhamos não era muito, ficámo-nos por aqui, colhendo a certeza de que o «Boletim» é necessário como órgão de cultura no seio do nosso aglomerado fabril.

Saibamos ser justos e acarinhe-mos o nosso jornal.

INDAGANDO

O que pensa do nosso «BOLETIM?»

Por ANTONIO LUÍS

COM este número vai «Boletim Social da TEBE» comemorar o seu 4.º aniversário e, por este facto, facto a todos os títulos digno de relevo, lembramo-nos de ouvir as opiniões de alguns empregados e operários... acerca do nosso jornal.

Um jornal para trabalhadores é sempre observado em todos os ângulos. Se vem muito elevado... alguém diz: só tem literatura. Se traz pouca literatura... o jornal é só para os desportistas... enfim, Deus não agradou a todos... e, tanto assim foi, que sucumbiu num madeiro.

Ora, pondo de parte facciosismos, temos de concluir, em boa

verdade, que o jornal só nos honra e à Empresa também.

Ele tem triunfado, é certo, pela dedicação e amor que o seu director lhe tem consagrado. Ao Sr. António Baptista, por vezes mal compreendido, devemos a ideia e a fundação do jornal...

Percorremos as várias secções a fim de auscultarmos a opinião dos seus encarregados e, de uma maneira geral, todos fizeram justiça ao jornal e ao seu director.

Em todas as secções se respirava aquela atmosfera de trabalho intenso, a que já nos habituamos e que representa, sem favor, o mundo do operário... É ali, no ambiente de uma obediência natural e humana, que o trabalha-

TEBE! Um nome na indústria nacional.

A Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}

é uma grande Organização a honrar a Indústria Nacional

O «MUNDO DESPORTIVO», no seu número 1771 referiu-se à **TEBE** nestes termos:

«Da já extensa e brilhante série de notáveis empreendimentos no nosso País, destaca-se dentre os primeiros sem dúvida a grande Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}, que tornou mundialmente conhecida a famosa marca «TEBE» — hoje alto padrão que nunca desmente a sua garantia original de comodidade, finura, conforto, solidez e muito fino gosto.

Como todas as grandes coisas, a importante Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}, teve simples início.

O categorizado estabelecimento fabril, cuja fundação data de 1948, começou por produzir as modernas cuecas e a clássica ceroula, de malha. Singelos princípios — mas geradores de mais altos empreendimentos.

Pouco a pouco, de progresso em progresso a Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}, ganhou envigadura e amplitude de laboração.

Hoje é uma indústria monumental. Os seus inúmeros produtos enchem e satisfazem os mercados mais exigentes, todas as camadas sociais.

Destacamos da sua admirável produção as malhas de seda, lã e algodão, de uso interior ou exterior, para senhoras, homens e crianças; as suas excelentes cintas elásticas de todos os tipos, e sem costura, laváveis, únicas no País; os tules, de transparência de teia aracnídea em seda «nylon» e algodão; os artigos de passamanaria para todas as aplicações; os robes de alta costura, para senhoras e homens, além de outros produtos de perfeito acabamento que seria longo enumerar.

O prestígio da marca «TEBE» ultrapassou há muito as fronteiras. A Empresa em referência recebe importantes encomendas de vários pontos do Mundo, nomeadamente da Grã-Bretanha, França, Alemanha, Bélgica, Índia, Madagáscar, Congo Belga, etc.

O difícil é satisfazê-las, porque a fábrica, não obstante a sua enorme produtividade, não pode abastecer outros mercados além dos nacionais. Estes absorvem totalmente a sua produção. Para se avaliar a grandeza desta notabilíssima unidade fabril, bastará dizer que os seus estabelecimentos ocupam uma área de 11.000 metros quadrados, com instalações a coberto e a descoberto.

Pois este espaço, dada a prodigiosa actividade que já referimos, é insuficiente para satisfazer a todas as necessidades de laboração da fábrica.

Da modéstia de início ao apogeu actual muito caminho se percorreu! Começou-se a traba-

lhar com um grupo de doze operários! Hoje, a mão-de-obra é variada e numerosa, atingindo a sua capitação mais de oitocentos indivíduos.

Mas a Empresa evoluiu com relativa rapidez, expandindo-se os seus produtos com firmeza por todo o País, graças à excelência da mercadoria e do impulso voluntarioso dos seus fundadores e dirigentes.

Cabe-nos agora, e com toda a justiça, destacar o nome de um Homem — o de Mário Campos Henriques, o grande criador, animador e impulsionador desta obra extraordinária. Vontade inalterável, carácter íntegro, visão funda e aberta a todas as possibilidades da indústria a que se consagrou, Mário Campos Henriques conseguiu realizar algo de que pode orgulhar-se: «A TEBE». Sem o seu esforço, sem a sua clarividência, sem a sua energia tenaz e incansável, porventura tamanha obra se não teria consumado. Teve e tem ainda colaboradores a quem devemos igualmente prestar justiça, como o seu consócio Luís Fernandes Pinheiro, que dedica boa parte da sua actividade na empresa comum, principalmente na gerência dos escritórios, à frente dos quais muito há feito e concorrido para os progressos da fábrica.



Ex.º Sr. Mário Campos Henriques

INSTALAÇÕES MODELARES

Quem visita as modelares instalações da Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}, não pode ficar indiferente ao interessante espectáculo que se lhe oferece, desde o dinamismo da maquinaria à laboração do pessoal, através das múltiplas secções do grande estabelecimento. Complexas e inúmeras máquinas para os mais diversos fins e das mais variadas origens — inglesas, suíças e americanas — ali funcionam, com perfeito ritmo e máximo rendimento.

Divide-se o amplo salão de máquinas em duas secções distintas: a de doagem onde se prepara o fio de algodão, para alimentar as tecedeiras e a de malhas para camisolas (de homem, senhora e criança), cuecas, calças, etc.

Qualquer destas secções funciona em vasto e arejado salão, onde os operários trabalham nas melhores condições de salubridade e higiene.

No mesmo recinto encontram-se ainda outras secções com teares que fabricam artigos de seda, para homens, senhoras e crianças, além das urdideiras que preparam as teias destinadas a alimentar os teares.

Trabalham nestas secções centenas de operárias especializadas.

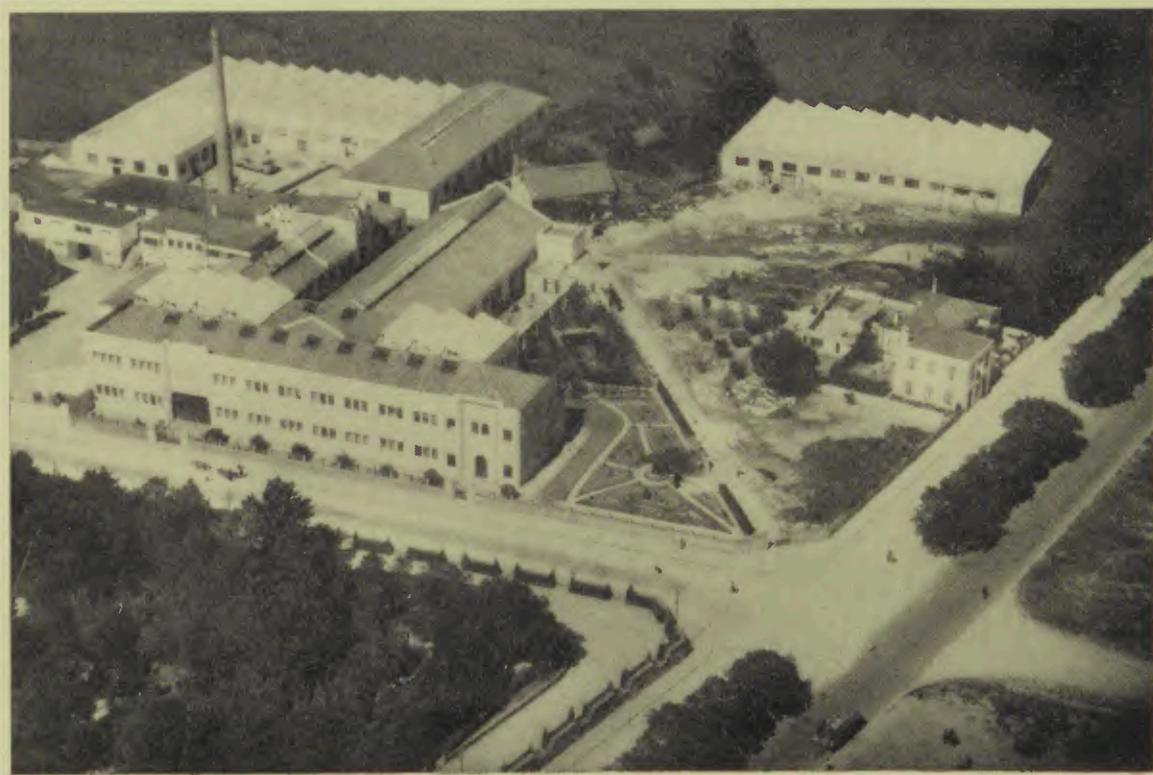
Outra secção importante é a de secagem das sedas, com a sua enorme

Mário Campos Henriques e Luís F. Pinheiro

É-nos grato prestar esta despreziosa mas sincera homenagem ao Sr. Mário Campos Henriques, digno sócio-gerente da Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}, porquanto se trata de um homem merecedor da maior consideração dos seus concidadãos.

Activo e dinâmico, o Sr. Mário Campos Henriques dispõe de um conjunto de qualidades de carácter e de trabalho que o têm imposto como autêntico chefe de uma das mais importantes empresas do fabrico de malhas em Portugal.

Justo será englobar nesta singela homenagem o seu mais directo colaborador e consócio o Sr. Luís Fernandes Pinheiro, outro espírito empreendedor, dinâmico e que, como gerente dos escritórios, muito tem contribuído para o êxito da sólida organização.



Vista aérea da TEBE que deixa observar a grandiosidade do seu aglomerado fabril

estufa, onde se procede à seca de fios de algodão e seda, malhas, etc., depois do que passam ao respectivo armazém para receber os arranjos de acabamento. Nas secções de teares fabricam-se também fitas para etiquetas e outros acessórios, empregados depois nos tecidos de algodão, lã e seda, além das fitas para guarnecer diversos artigos da mesma fabricação.

Importantíssima a secção de rendas, com teares especiais, que fabricam rendas preciosas e magníficos tules de seda, algodão e outros materiais.



Ex.º Sr. Nunes Hall

Uma das secções mais bem dotadas é a tinturaria, que se compõe de duas partes: a de branqueação e a de tinto. Nesta, como seu nome indica, tingem-se fios e peças já prontas. Está apetrechada com máquinas dos últimos modelos na indústria da especialidade. Tem ainda a mesma secção uma estufa para secagem de tecidos em peça e de



Ex.º Sr. Luís Fernandes Pinheiro

fios. Máquinas centrífugas extraem dos tecidos toda e qualquer humidade; estes passam depois às estufas, donde seguem com destino às calandras para acabamento.

Secção cheia de interesse também a de roupas interiores para senhora: ali pode admirar-se numerosa e riquíssima colecção de «parures», camisas de dormir, em «nylon» e seda, com delicadas guarnições de rendas finas, muitas das quais ali fabricadas, além das famosas cintas higiénicas e de elegância — uma das mais brilhantes criações da fábrica em referência.

Seguem-se as secções de dobragem e cartonagem, que produzem todas as caixas para embalagem dos artigos; os armazéns de fios; e a casa da caldeira de vapor, que aquece uma área com mais de cento e cinquenta metros quadrados.

Finalmente, digna de admiração é também a importantíssima secção de acabamentos, vasto salão, onde são acabadas todas as malhas procedentes do fabrico das diversas secções. Mede cem metros de comprimento por trinta de largo. Luz a jorros. Máquinas de costura em aturado e constante labor.

Nesta secção cortam-se, mensalmente, mais de quatro toneladas de seda para confecção de artigos de senhora!

Com as rendas importadas, da Suíça e outras origens, e as do fabrico próprio, anda por 200.000 metros de rendas fabricadas



Ex.º Sr. Francisco Faria Torres

nesta fábrica que são aplicadas para a confecção dos seus artigos de sedas.

«E todo este conjunto se vai avolumando à medida que as exigências vão surgindo.»

É magnífica a apresentação dos artigos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um lactário modernamente apetrechado, cuja assistência médica é superiormente dirigida pelos digníssimos clínicos Dr.ª D. Maria da Soledade Pinheiro e Dr. José António Faria Torres





O Ex.^{mo} Sr. Alfredo Fonseca, sócio da firma Vilas & Vilas, nossos Agentes em Lisboa e consócios da **TEBE**, na companhia do nosso director, Sr. Mário Campos Henriques, quando fotografado para o «Boletim Social da **TEBE**», de quem é um grande amigo.

*Esta fotografia recorda a última festa feita pela **TEBE** à digníssima caravana dos nossos estimados clientes da Capital.*



Uma das caminhetas que completam o nosso sistema de entrega de mercadorias.



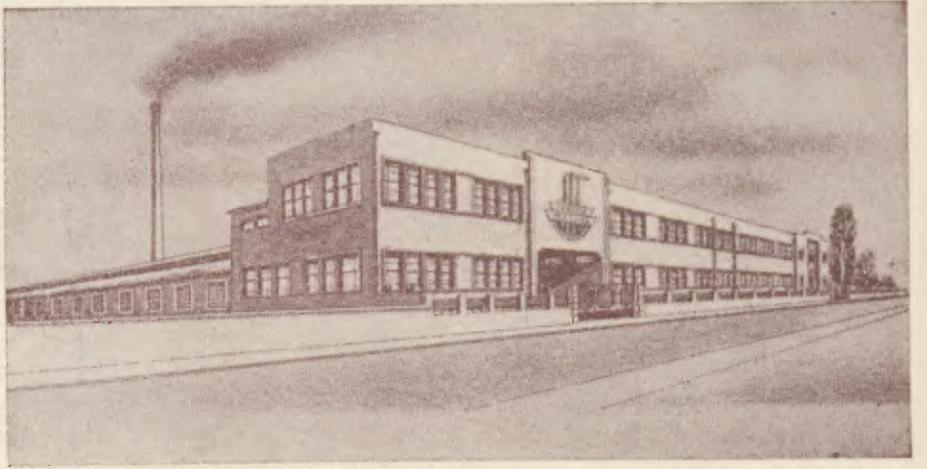
Pormenor da saída do pessoal da **TEBE**, deixando ver centenas de operárias que, cheias de confiança, vão encarando o futuro com optimismo.

A **TEBE** é um elemento de grandeza social, pois estas operárias encontram ali o seu ganha-pão e o dos seus.

A **TEBE** é uma grandiosa unidade fabril a engrandecer o panorama industrial da Nação.



As camisolas TEBE são a beleza e o bom gosto ao serviço dos pequeninos.



Frontaria da Fábrica de Malhas TEBE



Uma das secções da Fábrica TEBE



MALHAS TEBE LÃ 100%

Lã TERMOGÉNICA
 IMPORTANTE

Para que as camisolas de Lã Termogénica «TEBE» protegidas contra a traça, mantenham constante aspecto de novas, aliado à sua perfeita durabilidade, é indispensável que sejam tratadas em água quente, segundo as fórmulas dos diversos fabricantes de malhas, mas nunca ESFREGADAS nem TORCIDAS.



Outra secção da Fábrica



555

MALHAS TEBE INTERLOCK

Em defesa de si próprio compre sempre a camisola TEBE

não só pela sua qualidade, como por ser a única que tem punhos Cotton. Mantém sempre a sua elasticidade.



Secção de Acabamentos



O Snr. Dr. Marcelo Caetano fala da Perseverança no Presente e Confiança no Futuro

Discurso proferido pelo Sr. Professor Doutor Marcelo Caetano, Ministro da Presidência, na Feira das Indústrias Portuguesas, no dia 26 de Maio de 1957, ao inaugurar as instalações da Feira e os Congressos da Indústria e dos Economistas:

Está hoje geralmente admitido que se quisermos acelerar o progresso económico de Portugal de maneira a satisfazer os anseios de nós todos, será pela via de uma intensiva e inteligente industrialização que teremos de caminhar

« Poucas vezes no nosso País a realização de um Congresso terá despertado a expectativa que rodeia os que neste momento o Senhor Presidente da República se digna inaugurar solenemente.

Vários motivos concorrem para que assim seja: o tema, a ocasião, a conjugação dos dois Congressos. O tema, porque está hoje geralmente admitido que se quisermos acelerar o progresso económico de Portugal de maneira a satisfazer os anseios de nós todos, será pela via de uma intensiva e inteligente industrialização que teremos de caminhar. A ocasião: no momento em que se prepara um novo Plano de Fomento é a altura de suscitar o diálogo entre o Governo e todos os que possam dar contribuição útil ao estudo dos grandes problemas nacionais que o planeamento põe em causa. Diálogo que se torna ainda mais necessário e conveniente pelo facto de sermos forçados a encarar a hipótese de profundas alterações no comércio internacional, que não deixarão de ter incidência no mercado interno. Ora para dialogar com o Estado sobre tão graves assuntos não se poderia encontrar mais qualificada assembleia do que esta, onde os economistas se sentam lado a lado com os industriais. Trazem uns a experiência que só a prática dá; contribuem outros com o método da pesquisa científica e o espírito de sistematização e de abstracção que fazem a teoria. No fundo creio que não será difícil entenderem-se, tanto mais que não é excepção entre nós o indus-

trial com preparação teórica, nem os economistas vivem todos no mundo dos símbolos matemáticos ou confinados exclusivamente ao ensino dos livros. O saber é sempre de experiência feito porque, como dizia o grande Duarte Pacheco Pereira, que foi marinheiro e soldado da Índia ao mesmo tempo que sábio, « a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira ». A própria actividade da inteligência requer a sua experiência. E os homens experientes em formar, associar e deduzir as ideias têm muitas vezes o privilégio de ver largo, de adivinhar caminhos e de preconizar soluções muito antes que a verdade se imponha aos que não querem aceitar senão os factos, deixando-se, por isso, quantas vezes, conquistar pela rotina.

Será, pois, certamente muito fecunda a conjugação dos dois Congressos neste momento inaugurados: o Segundo Congresso dos Economistas Portugueses, da iniciativa do Centro de Estudos Económicos anexo ao Instituto Nacional de Estatística, e que vai continuar o trabalho encetado com tanto êxito em Luanda, em 1955; e o Segundo Congresso da Indústria Portuguesa que reúne empresários e técnicos de todos os sectores industriais com notável amplitude de representação.

Em meu entender o papel do Governo neste momento devia ser o de ouvir, ouvir atentamente as vozes que aqui vão erguer-se, para escutar as suas sugestões, aproveitar dos seus comentários e examinar as suas críticas. Seria no final o momento mais azado para encetar o diálogo. Entenderam, porém, os organizadores que era útil aos congressistas, e talvez de interesse para a Nação, que o Ministro a quem tem estado atribuída a coordenação dos trabalhos de elaboração do novo Plano de Fomento e que tem presidido aos estudos relativos à posição a tomar perante o movimento livre-cambista europeu, falasse nesta sessão inaugural. Curvei-me perante o seu modo de ver e não soube escusar-me à deferência que o convite representava. E aqui estou.

Aqui estou, não para fazer própria-mente o discurso solene que talvez fosse indicado para condizer com as galas desta reunião, mas para começar o diálogo. Quer isto dizer que julgo corresponder à intenção do convite recebido se, evitando quanto possível a retórica (e digo — « quanto possível » — porque a retórica é uma inevitável fatalidade dos discursos...

...) for direito a dois ou três pontos que estão no primeiro plano das preocupações do Governo e quero crer que no espírito dos congressistas também.

Será primeiramente o lugar da indústria no novo Plano de Fomento.

Dispensar-me de dizer aqui o que por várias formas e por vários tons há-de ser dito e redito no decorrer dos Congressos

acerca da necessidade de prosseguir na industrialização do País para aumentar sensivelmente o produto nacional, criar novos empregos e melhorar o nível de vida médio da população. São verdades universalmente admitidas e cuja formulação não carece de esforço.

Mas como havemos de promover o incremento da industrialização, dirigindo-a



A

TEBE

fez-se representar com seus pavilhões na «Feira das Indústrias Portuguesas», da qual inserimos dois aspectos.

As malhas **TEBE** continuam no apogeu... porque, além de perfeitas, cómodas, elegantes e de grande duração, são confeccionadas em Portugal por operários portugueses.

As malhas **TEBE** não receiam confrontos... continuam na vanguarda do bom gosto.

A senhora distinta só usa malhas **TEBE**. A senhora que trabalha adora as malhas **TEBE**.

no sentido mais conveniente à economia nacional? Esse é que é o problema que está posto aos organizadores do Plano.

É preciso criar novas indústrias, e, quanto antes, reorganizar muitas das existentes

O programa industrial português foi formulado na lei n.º 2.005, de 14 de Março de 1945, proveniente de notável proposta do Governo cujo relatório continua a ser um dos documentos basilares deste processo. Estão de pé os dois objectivos visados pela lei: é preciso criar novas indústrias, e, quanto antes, reorganizar muitas das existentes.

A quem compete este esforço? Pois, em primeiro lugar, e sobretudo pelo que respeita ao lançamento de novas actividades industriais, compete à iniciativa privada. Não o digo por, como homem de direito, ter o dever de reverenciar a letra da lei e estar neste caso perante preceitos da mais alta hierarquia legislativa, que são os constitucionais. Tampouco me subordino aos preconceitos de uma doutrina política ou económica, habituados como estamos nos tempos que correm a ver a cada passo os governos afastarem-se da rigidez das ortodoxias revolucionárias para tomarem as decisões que as circunstâncias impõem.

É a iniciativa privada que traz à vida económica a imaginação criadora e com ela o despertar de novas necessidades e a ampliação dos mercados com perspectivas novas

Move-me neste caso a convicção mais profunda de que a iniciativa privada tem potencialidades de êxito que só por excepção se encontram no sector público. O apetite do lucro — e quantas vezes! — o simples desejo de afirmação pessoal, da realização de uma obra, de aplicação de energias, aguça o engenho inventivo, incita à diligência, desperta a tenacidade, cria o amor do risco, dá coragem para a adversidade e chega a transformar a execução de um empreendimento na paixão, devotada até ao sacrifício, de uma vida inteira. O vulgo contempla certos triunfadores com admiração não isenta de inveja: mas o triunfo na indústria obtem-se à custa de trabalhos, penas, cuidados, aflições e sofrimentos que raramente se suspeitam... É a iniciativa privada movida pelo motor do interesse pessoal (mas, com quanta frequência, interesse que apenas visiona ao longe um êxito contingente), é a iniciativa privada que traz à vida económica a imaginação criadora e com ela o despertar de novas necessidades e a ampliação dos mercados com perspectivas novas.

Eu sei... Eu sei quantas críticas são feitas e quantas reservas levantadas à iniciativa privada em geral e particularmente em Portugal. Há dias, tendo querido reler meia dúzia de obras fundamentais sobre problemas da indústria portuguesa, tirei da estante um volume que é, porventura, a primeira monografia moderna sobre o assunto. Creio que está bastante esquecida, porque as condições da publicação não lhe deram a difusão que merecia. Escreveu-a no longínquo ano lectivo de 1914-15 o estudante da Faculdade de Direito de Lisboa José de Azeredo Perdigão e foi tal o mérito que o Conselho da então recém-criada Faculdade lhe achou que a fez imprimir nos Arquivos da Universidade de Lisboa.

Ora ao relê-la com crescente e verdadeiro interesse, encontrei uma página que, escrita há quarenta e tal anos, me pareceu ainda tão actual que não resisto a reproduzi-la aqui como homenagem também à clarividência de espírito de um rapaz que, ainda não chegado aos vinte anos, tão bem sabia retratar o ambiente nacional.

Dizia ele: «Dentro de uma noção metafísica do Estado todos lhe reclamam, contínua e religiosamente, a sua interferência no bom êxito das empresas particulares. ... Para cada interesse é exigida uma norma protectora, para cada empreendimento um seguro contra riscos, para toda a sociedade que se constitui com o fim de explorar qualquer indústria levemente beneficiadora do público, uma garantia de juro. Faltando-nos a audácia que leva aos grandes triunfos, destituídos de espírito de iniciativa e de confiança no cometimento a tentar, seremos sempre como as crianças que experimentam os primeiros passos, tímidos de todas as contingências perigosas que possam surgir nesse primeiro feito infantil, tão novo mas tão obscuramente cortado de escolhos. O espírito antigo duma raça aventureira e confiante nas vitórias degenerou assim numa tibieza de resoluções, numa dúvida do-

A relutância do capital ao investimento nas empresas industriais é uma das maiores dificuldades a vencer

Porque essa é uma das dificuldades maiores a vencer: a relutância do capital ao investimento nas empresas industriais. Não que seja perfeitamente legítimo aos capitalistas examinar com cautela e analisar com prudência as propostas que lhes são feitas pelos irrequietos imaginativos, quase sempre, com muito talento e pouco dinheiro. Mas é um facto que o capital português é excessivamente tímido e impaciente, preferindo as aplicações já conhecidas e reputadas seguras à aventura de uma empresa nova. É talvez por isso que em vez de procurarmos actividades não experimentadas por outros, temos tanta tendência para concentrar recursos naqueles sectores em que alguém está a ser bem sucedido.

Aceitemos, portanto, que é ainda muito generalizada a atitude receosa e reticente da gente portuguesa perante os grandes empreendimentos. Para se afoitarem requeriam há quarenta anos os candidatos a industriais a protecção, o auxilio e a companhia do Estado. E as coisas nesse ponto mudaram pouco.



Aspecto do pessoal da TEBE quando da sua 1.ª excursão a Lisboa (pormenor dum Hotel da Figueira da Foz)

tia que revelam debilidade de energia e vícios de educação colegial. O amor ao ar livre, à luta intensa, à perseverança disciplinada e à audácia, que preparam todos os triunfos na vida, não são aparágio psicológico do português contemporâneo».

Isto era o que dizia o estudante de direito de 1914 ao fazer a apologia entusiástica da industrialização, afirmando mesmo com arrojo que, de resto, justiça seja feita, o ensino da Faculdade estimulava e documentava, ser Portugal «um país de largo futuro industrial». Não poderemos negar que as suas palavras continuam — e contém ainda — uma grande porção de verdade. Mas já em 1914 havia excepções — excepções que, por sinal, compreendem alguns dos vultos mais ilustres dos pioneiros da indústria portuguesa. E felizmente não têm deixado de surgir os homens empreendedores com todas as virtudes necessárias para o lançamento de novas iniciativas, sem esquecer o aliciamento imprescindível da confiança dos capitalistas.

São já bastantes as empresas industriais em que o Estado tem intervenção directa como capitalista. Em raros casos essa intervenção resultou de um propósito deliberado para executar certa política de acordo com princípios doutrinares intervencionistas. Em geral teve de intervir para a iniciativa andar por diante — logo de começo ou na altura em que se começava a cansar a paciência ou a bolsa dos fundadores.

Para quem, como nós, acredita na conveniência de utilizar a iniciativa privada na vida económica, o que se impõe é estimulá-la, favorecê-la e animá-la, embora disciplinando-a

Mas para quem, como nós, acredita na conveniência de utilizar a iniciativa privada na vida económica, o que se impõe é estimulá-la, favorecê-la e animá-la, embora disciplinando-a.

E o Estado tem muitas maneiras de

facilitar e de apoiar a iniciativa dos particulares, assim como de a orientar e disciplinar. Não falarei já na manutenção do clima de ordem pública e de paz social que permita o trabalho fecundo, a segurança das previsões e a continuidade dos progressos. Nem farei mais do que apontar a necessidade de prosseguir numa política financeira que tenda a manter no mercado dos capitais dinheiro abundante e barato. Na Europa, presentemente, só na Suíça a taxa de desconto do banco central é inferior à do Banco de Portugal. E tem sido raro e discretíssimo o recurso do Estado ao empréstimo público, justamente para não fazer concorrência às emissões dos particulares.

Desde sempre a indústria portuguesa se tem queixado, e com razão, da falta de crédito adequado às suas necessidades. Ainda aí o Estado lhe tem valido através da Caixa Nacional de Crédito e do Fundo de Fomento Nacional e de outros institutos, mas penso que poderá fazer mais, e está nos planos do Governo que o faça.

A industrialização carece também da existência, nas melhores condições possíveis, de uma infra-estrutura criada e modernizada através de obras públicas

A industrialização carece também da existência, nas melhores condições possíveis, de uma infra-estrutura criada e modernizada através de obras públicas: o Estado favorece a iniciativa privada na medida em que coloca ao seu dispor boas estradas e bons caminhos de ferro, portos, aeroportos, e uma rede satisfatória de telégrafos e telefones. E até serviços públicos capazes e diligentes, que sirvam verdadeiramente o público — e não entorpecem e embarçam escusadamente com mal compreendida burocracia o trabalho dos cidadãos.

Estas são as principais condições gerais de fomento industrial a cargo do Estado. Mas a par delas há outras específicas. É a investigação científica aplicada ou aplicável à indústria. É o ensino técnico destinado a preparar melhores operários, os indispensáveis contramestres e o número de engenheiros suficiente para termos uma indústria conduzida por quem seja capaz de fazê-la produtiva e progressiva. É finalmente a protecção fiscal, traduzida sob a forma de isenções concedidas aos investimentos de utilidade social, da tributação moderada de tudo quanto representa investimento útil e também, quando a defesa razoável do trabalho nacional o imponha, mediante os direitos aduaneiros sobre a importação do estrangeiro.

O condicionamento continua a ser uma necessidade da nossa organização económica, com a ressalva de que, quanto possível, seja realizado sobre inquéritos actuais às indústrias e de tal modo que se não converta em factor de estagnação da técnica e da defesa dos incapazes

Temos tido há mais de vinte anos, o condicionamento industrial. Em período tão dilatado não admira que a sua aplicação tenha já conhecido fases várias: mais rigorosa umas vezes, benévola em demasia noutras. Por mim creio que o condicionamento continua a ser uma necessidade da nossa organização econó-

PISCINA E PRAIA FLUVIAL

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE» envia o seu cartão de parabéns às entidades que, denodadamente, têm sabido manter e alindar a piscina fluvial do nosso Cávado.

mica. Com a ressalva de que, quanto possível, seja realizado sobre inquéritos actuais às indústrias e de tal modo que se não converta em factor de estagnação da técnica e da defesa dos incapazes. Mas se conseguirmos que o condicionamento não impeça a modernização constante das empresas nem a selecção conveniente dos empresários, claro está que a Nação só terá a lucrar em que os capitais não afluam todos aos mesmos sectores, antes se distribuam pelo maior número possível de actividades diversas de maneira que em cada uma possam ter o máximo de produtividade.

Não nos devemos afastar muito, no Novo Plano de Fomento, da linha de orientação traçada quanto à indústria no que está em vigor: reservar ao Estado o máximo do esforço nas obras públicas tendentes ao melhoramento da nossa utensilagem económica; fazê-lo participar, quando necessário, no lançamento das indústrias-base, sobretudo na produção de energia, no seu transporte e distribuição; e intensificar vigorosamente o ensino técnico, difundindo-o com largueza pelo País inteiro. A mais, — a investigação científica e o crédito de Fomento

De tudo quanto acabo de dizer depreende-se que não julgo que nos devemos afastar muito, no Novo Plano de Fomento, da linha de orientação traçada quanto à indústria no que está em vigor: reservar ao Estado o máximo do esforço nas obras públicas tendentes ao melhoramento da nossa utensilagem económica; fazê-lo participar, quando necessário, no lançamento das indústrias-base, sobretudo na produção de energia, no seu transporte e distribuição; e intensificar vigorosamente o ensino técnico, difundindo-o com largueza pelo País inteiro. A mais, — investigação científica e o crédito de fomento.

E através do crédito de fomento apoiar uma obra já de há muito delineada, esboçada aqui e ali, mas a que é preciso lançar mãos quanto antes, com os métodos experimentados ou com outros melhores, porque está na base da nossa resistência a perigos futuros: quero referir-me à reorganização de muitas das indústrias existentes.

Perante as perspectivas que se abrem hoje à economia europeia, e direi mesmo à economia mundial, é preciso criar rapidamente condições de sobrevivência à indústria portuguesa

Ai o Estado tem uma palavra a dizer. Palavra que primeiramente será de advertência e de conselho aos particulares; mas quando os conselhos e os avisos não sejam escutados com a prontidão necessária, terá de passar sem hesitação à palavra de comando. Porque perante as perspectivas que se abrem hoje à economia europeia, e direi mesmo à economia mundial, é preciso criar rapidamente condições de sobrevivência à indústria portuguesa. Trata-se de verdadeiro imperativo de salvação pública em face do qual os governos não podem hesitar, nem transigir quanto às providências que ele imponha.

Já V. Ex.^{as} adivinharam que estou a pensar na posição portuguesa perante o movimento livre cambista europeu.

(Eu fico fiel à terminologia clássica que ao proteccionismo opõe o livre-cambismo para designar a circulação das mercadorias no comércio internacional

sem o embaraço das barreiras aduaneiras. Parece-me mesmo mais expressiva neste sentido a expressão livre-câmbio que uma outra agora muito empregada — o comércio livre — porque o comércio pode ser livre quando esteja, como agora se diz, liberalizado, quanto às restrições quantitativas provenientes de licenças oficiais, contingentes ou restrições cambiais, sem que isso implique isenção aduaneira).

Estamos neste momento perante uma inegável realidade: a da existência na Europa ocidental do forte movimento no sentido de ser criado um grande espaço económico onde livremente circulem as mercadorias, as pessoas e os capitais

Ora estamos neste momento perante uma inegável realidade: a da existência na Europa ocidental do forte movimento no sentido de ser criado um grande espaço económico onde livremente circulem as mercadorias, as pessoas e os capitais.

Encorajados pelo êxito da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço — que começou a funcionar em 1953 — os seis países do que correntemente se chama a «Pequena Europa» — a Alemanha Ocidental, a Bélgica, a França, a Holanda, a Itália e o Luxemburgo — firmaram em 25 de Março deste ano em Roma dois tratados instituindo, um, a Comunidade Económica Europeia, e o outro a Comunidade Europeia de Energia Atómica (Eurátomo).

A Comunidade Económica Europeia visa o estabelecimento de um mercado comum aos seis países participantes. Para esse efeito os seis países propõem-se: eliminação dos direitos aduaneiros e das restrições quantitativas nas relações entre eles; a adopção de uma pauta aduaneira comum e de uma só política comercial em face dos restantes Estados; a abolição no território da Comunidade de todos os obstáculos à livre circulação das pessoas, dos serviços e dos capitais; a instauração de uma política comum na agricultura e nos transportes; e, finalmente, a coordenação das políticas económicas e a aproximação das legislações nacionais na medida necessária ao bom funcionamento do mercado único sobretudo nos domínios social e fiscal, tudo acompanhado da criação de um Fundo social europeu para fazer face a repercussões eventuais na massa dos trabalhadores e de um Banco Europeu de Investimento destinado a facilitar a expansão económica e a exploração de novos recursos. A Comunidade foram associados em condições especiais, os territórios ultramarinos dos países membros.

Esta gigantesca tarefa, que não tem intimidado os homens de Estado que a ela lançaram mãos, deve ser levada a cabo, segundo o Tratado, no decurso de um período transitório de doze anos, prorrogável até quinze e dividido em três fases sucessivas.

O pensamento que tem presidido a este movimento da criação de várias Comunidades europeias com o fito confessado de chegar à Comunidade Europeia, tout court, compreendendo a política e a defesa (e lembramo-nos todos que já foi tentada a Comunidade Europeia de Defesa), é o de que no Mundo actual, em que predomina a preocupação da automatização e da produtividade, só têm lugar as economias de grandes espaços, isto é, dispondo de grandes mercados. A Europa Ocidental, retalhada em numerosos Estados, cada um dos quais aspirando à autarcia económica e prossequindo uma política egoísta em áreas de mercados de dimensões mesquinhas estaria condenada a ficar dependente, mais tarde ou mais cedo, do Bloco comunista ou dos Estados Unidos da América.

(Continua no próximo número)

BAIRRISTA

O bairrista é «o defensor entusiasta dos interesses da sua terra.»

PODE ser de «vil e apagada tristeza» o rincão em que nascemos, dum quase ignorada aldeia, escondido numa serra, mas para os que têm alma, esse rincão tem o carácter de cidadania!

Não importa, pois, ao nosso coração que seja humilde, escondido, longe, no alto! Isto não conta! Mas quando temos de assinalar pelos actos as figuras que prelustram ou prelustraram a Arte, a Ciência, a Santidade, o Heroísmo procuramos logo meios e modos para a distinção. Ampliamos o panorama conforme as circunstâncias, portanto: Vila, Cidade, Concelho, Distrito e Província! Mas requinta a nossa sensibilidade quando ausentes do País de origem englobamos tudo no saboroso nome de Pátria!

Na Alemanha, dentro de um templo, deparou-se-me a Imagem de Santo António de Pádua e não descansi enquanto não disse ao Sacristão que era Português! Meu Patrício!

Às vezes até tomamos atitudes um tanto exageradas. Ali, em Braga, assistia à passagem dum cortejo e nele figuravam viaturas de corporações de Bombeiros e a de Barcelos era a de melhor categoria. Alguém, na minha frente, a distinguiu e eu não me contive, alteando a voz:

— É de Barcelos; da minha terra!

Adivinho, leitor, que haverá quem se ria disto, mas atrevo-me a pedir permissão para me poder rir de qualquer atitude semelhante... em semelhantes emergências.

Vem tudo isto a propósito de duas entidades, minhas amigas, evidentes na nossa imprensa diária, terem dito que Tomé de Sousa, 1.º Governador do Brasil, era dos Barcelenses de antanho e da categoria dos Alcaides de Faria.

Vai Tomé de Sousa reluzir na estátua ao «Pai Português» a levantar no Rio. Quis ter a certeza da sua naturalidade.

Soube que, por volta de 1500, um Prior da Vila de Rates foi pai de vários filhos e entre eles o Tomé em referência. É conhecida a data em que foi nomeado 1.º governador do Brasil e também aquela em que faleceu. Não está, porém, registado o seu nascimento e, por isso, ignora-se a terra da sua naturalidade. É presumível que seja Rates. Mas mesmo que seja Rates, falta esclarecer se nessa época pertencia ao nosso Concelho. Vou consultando Mestres neste assunto bairristico... que me demove, para suavisar a minha velhice.

Também ando a perguntar «a meio Mundo» onde fica o templo de Santo António da Castanheira no qual há um jazigo assim com estes dizeres:

SEPULTURA DE TOMÉ DE SOUSA
E DE MARIA DA COSTA SUA
MOLHER

Li que devia fazer-se como em Santarém se faz, a Pedro Alvares Cabral, uma romagem à sepultura desta invulgar figura da nossa História.

A. Soucasaux

P. S. — Li vária correspondência de Tomé em que se salienta a sua invulgar acção como 1.º Governador do Brasil e colhi esta frase por ele escrita: «fiz do coração tripas e das tripas coração».

Rumos

Com a devida vénia transcrevemos do «Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Líbris», de Agosto, 57, o seguinte:

«António Baptista é um Poeta com uma sensibilidade atenta ao mundo social. As dores, as amarguras, as ânsias e sonhos dos que lhe são irmãos vêm ressoar no seu coração como um búzio e assim é que os seus versos humedecidos de ternura, humanos e puros — sem retórica, na simplicidade e no próprio encanto das palavras.

Se o Poeta não tem nada no seu mundo interior, para que cantar?

António Baptista é uma alma religiosa e perante a vida, ainda que pareça um revoltado, é o amor que passa e corre na música do seu cantar.

Eis aqui o Poeta em frente ao seu destino:

Quando eu souber as verdades
dos meus abismos cercados
pegarei em dez espadas
e ao som de tantas saudades
lutarei com meus destinos.
Ó palma de minha mão
de destinos que eu não sei...

Se sofre do fígado experimente beber vinho de PINHEL. Um vinho puro de uva sã.

Noutro poema, «Rumo ao Mar» deixa-se embalar num ritmo de romance, qual se embarcasse numa nova Nau Catrineta:

Levo apenas a minha alma
para com ela cantar.

O poeta consegue dar-nos, em boas notas poéticas, a regularidade e a monotonia da máquina.

Está tudo tão certo,
nos nervos e nos olhos
e tudo se repete na máquina veloz
nos olhos e nas almas.

Os olhos são da máquina
e os pensamentos todos
irmanam-se na força
das linhas geométricas
dos homens e das peças.

Eis aqui o drama do homem em frente da máquina e da impossibilidade fria do seu trabalho regular e monótono.

Alma lacerada é a deste Poeta, mas parece que uma luz lhe ensina o caminho ao coração doente e cansado, como se adivinha nos versos à sua avó.

No concelho de Pinhel cantam-se as seguintes quadras referente a outras terras

Se o mar tivera varandas,
Fôra-te ver ao Brasil:
Assim, como as não tem,
Diz-me, amor, aonde ei-d'ir.

Oh que lindos arrabaldes
Tem a nossa Almeida agora:
Senhora das Neves dentro,
O Senhor da Barca fora.

Fui a Coimbra aos estudos,
Caíram-me os livros no cais:
Julgavas que m'esquecias,
Cada vez me lembro mais.

Eu já vi Lisboa arder,
Pedras finas a estalar:
Já vi o mar a crescer
Tornar ao seu natural.

Já não torno a Jarmelo
Nem a S. Miguel à missa:
Que estão lá dois olhos pretos
Que me prendem sem justiça.

Linda terra é Leiria,
Faz-se lá muito papel:
A minha dama é Maria
E eu também sou Manel.

Lindas águas tem Trancoso
Melhores as tem Marialva:
Água da Fonte Pedrinha
Vai regar a Coriscada.

(¹) Havia e parece que ainda existe uma pedra onde os caminhantes lançam moedas como se se tratasse de uma caixa das almas. «Reza a lenda que D. Inês de Castro, passando por ali, se aproveitou dela para montar na sua mula e daí lhe ficou o nome».

A janela na quadra popular

Eis algumas quadras mais significativas do folclore local:

Tire-se d'essa janela,
Não seja tão janeleira:
Taberna que tem bom vinho
Não precisa ter bandeira.

Cravo que estás à janela
Já te podés ir secando:
Já morreu quem te regara
Eu já me vou enfadando.

Da minha janela rezo
À Senhora da Saúde,
Que me tire do sentido
Quem quis lograr e não pude.

Tenho corrido mil terras,
Mas ainda não fui ao Fundão:
Tenho visto caras lindas...
Como a tua ainda não.

Vila Nova, Vila Nova,
Vila Nova de Fozcoa:
Se eu fôra de Vila Nova,
Vila Nova fôra boa.

Fui ao S. João a Braga,
De Braga fui ao Bomfim:
Achei tudo embandeirado
Com bandeiras de cetim.

Tirem nota, meus senhores.
Subi ao ar num balão:
Logo fui cair
Na serra de Montalvão.

Adeus vila do Jarmelo,
Adeus, pedra de montar (¹)
Enquanto o mundo for mundo
Dinheiro hás-de ganhar.

Se Carvalhal fôra vila
Iria para lá morar:
Mas aldeia por aldeia
Prefiro o Lamegal.

Apontamentos para o livro em preparação «Escorço histórico e etnográfico de Pinhel e outras terras da Beira Alta»

Por ANTÓNIO BAPTISTA

A Pré-história do concelho de Pinhel

A falta de dados arqueológicos não nos permite, com inteira justiça, provar a existência do homem nos períodos paleolítico e neolítico no concelho de Pinhel. Contudo, a Arqueologia, no que se refere ao neolítico, foi bastante mais pródiga, porquanto os monumentos pré-célticos atestam a presença do homem ali, nesses tempos longínquos do passado remotíssimo.



Capa da obra em preparação «Escorço histórico e etnográfico de Pinhel e outras terras da Beira Alta».

Os dólmenes (sepulturas pré-históricas) encontrados nas cercanias de Pinhel afirmam e confirmam a veracidade do que se tem escrito sobre o assunto.

Encontraram-se alguns machados neolíticos e alguma cerâmica, bem como certas lascas atípicas.

Pinhel orgulha-se de possuir no seu museu algumas espadas e machados da Idade do Bronze, apresentando alguns exemplares aneis laterais (palstaves). Iguamente têm sido encontrados machados de talão do tipo ibérico.

Os machados de duplo anel, embora raros, foram encontrados alguns também nas cercanias de Pinhel.

A História de Portugal, edição monumental da Portucalense Editora, a pág. 150 refere-se a Ferreira de Aves como tendo aparecido ali alguns exemplares. Os numerosos fragmentos encontrados na Beira, colocam esta região na vanguarda destes achados.

No «Boletim Social da TEBE», número de Abril/1957 publiquei o seguinte:

Nas cercanias de Pinhel e em toda a faixa Riba-Côa têm aparecido alguns exemplares interessantíssimos de espadas de bronze e machados de bronze atlânticos.

Últimamente o «Primeiro de Janeiro» noticia o aparecimento de mais um destes exemplares em Vilar Maior e, anteriormente, anunciara também a descoberta de um outro em Castelo Bom.

No Museu de Pinhel existem alguns exemplares interessantes, principalmente um que nos foi permitido observar e que apresenta aneis laterais, tratando-se, portanto, de um «palstave».

A corda raiana é próspera nestes machados, principalmente as zonas abrangidas pelos concelhos de Pinhel, Sabugal e Almeida.

«A Idade do Bronze Peninsular desenvolveu-se ao longo de mais de um milénio, tempo suficiente para se realizarem permutas em todos os sentidos capazes de confundirem os arqueólogos de hoje. A abundância no Noroeste de machados do tipo galaico-português de uma e duas aletas parece mostrar que surgiram independentes de qualquer ideia mediterrânica» (¹).

Como a região de Riba-Côa é rica em minérios, quer de estanho, quer de cobre, nada pode contrariar o raciocínio de que esses

jazigos se utilizaram, pois não têm faltado elementos justificativos a prová-lo, como por exemplo, o aparecimento de vários e interessantes moldes.

Seja como for, o que é certo é que ainda não foi bem estudado o clima de vestígios de antigas explorações nas cercanias de Pinhel e, contudo, não muito longe da cidade, têm sido encontrados alguns instrumentos ilucidativos que serviriam para maiores e mais profundas pesquisas sobre a existência de oficinas metalúrgicas nestas paragens.

O período neolítico surge-nos, através dos historiadores, com uma «multiplicidade de aspectos ou fâcies»: «a fâcies troglodítica (abrigos, grutas e cavernas, naturais e artificiais, frequentemente utilizadas para depósitos mortuários)».

A antropologia neo-eneolítica mostra-nos através dos crânios coleccionados que não há uniformidade do tipo físico do homem peninsular em geral e do lusitano em particular.

«Há exemplares de crânios alongados (dolicocefalos) e de crânios curtos e largos (braquicefalos). Há espécimes de nariz estreito (leptorrinicos) como os europeus em geral e espécimes de nariz largo (platirrínicos). E se continuarmos o estudo ao longo dos esqueletos coleccionados verificaremos que existiram homens altos e baixos, com faces proeminentes (prognatas) e não proeminentes (ortognatas) como as do europeu vulgar.

Como é óbvio, os esqueletos do homem pré-histórico encontram-se bastante fragmentados, o que origina que se duvide de algumas afirmações de certos arqueólogos de nome feito.

A revista «Beira Alta», N.º 1 Ano XV a pág. 35 refere-se assim a Pinhel:

«Dum estudo sobre o concelho de Penalva do Castelo, o autor, Fernando Barros Leite».

«O Monte dos Matos oferecia todas as condições de existência ao homem, e este foi, decerto, o local habitado pelas gentes da idade da pedra polida, depositando os seus mortos em dólmenes idênticos a este, cuja câmara nos mostra a magestade da sua ciclópica construção».

Afirma António de Almeida que, num campo próximo àquele monte, foi encontrado um machado neolítico.

A este dólmen — orca das Corgas — se referia certamente o padre João Gaspar Simões, quando afirma que em 1753, indo do lugar de Sobral Pichorro a pouca distância da estrada, viu um altar com a mesma forma do de Pero de Moça da Quinta do Carvalhal, existente entre GUARDA E PINHEL.

Proto-História no concelho de Pinhel

«Entre nós, e com o espírito longe de minudências, só poderemos enquadrar este ciclo histórico no período que se abre a partir do ano 500 até ao despontar da História propriamente dita, por cerca do século I A. C.».

Idade do Ferro	{	Finaliza os tempos proto-históricos
		Inaugura o período calcolítico ou eneolítico (3.000 a 2.5000 A. C.)
Os primeiros habitantes	{	O homem, neste ciclo, usa objectos de pedra e de metal
		Os Dórios chegam à Grécia
Os primeiros habitantes	{	Ligures (povo principal da Idade do Bronze)
		Fenícios
		Celtas (povo princ. da ida. do ferro)
		Cartagineses

Ligures — povo navegador, comerciante e agricultor.

Fenícios

«A antropologia pretende ter encontrado vestígios de colonizações fenícias e púnicas no litoral português» que, por mercê dum desejo inato, se estenderam para o interior com o fim de permutarem com os povos de Pinhel e de toda a Beira Central.

Gregos

Os gregos, segundo elementos do «Periplo de Avieno», na primeira metade do primeiro milénio antes da era cristã, algo sabiam da costa Ocidental da Península.

E Estrabão afirma que os casamentos dos lusitanos eram feitos segundo o ritual grego. Teriam, de facto, os gregos influenciado na vida dos lusitanos?

A origem da palavra Lusitanos

O termo Lusos é empregue no século I. A. C. por Varrão precisamente «para uma etimologia de Lusitani e o vocábulo aparece em textos anteriores, de Aristóteles e de Teopompo».

Os olhos... no seu sentido poético são o tema eterno nos enamorados

(Continuação da página vinte e quatro)

Não olheis para moreira,
Que não tem amoras verdes
Olhai para estes meus olhos
Que os vedes raras vezes.

Eu hei-de minar o adro
Eu hei-de ser minador:
Só para ver se lá encontro
Os olhos do meu amor.

Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de veludo:
Quem me dera de os lograr.
Olhos sanefas e tudo.

O chapéu faz parte das quadras populares

Eu casei co'uma tendeira
Não tenho que pôr na tenda:
Quem tiver um chapéu velho
Por caridade me venda.

Chapéu preto desabado
Faz figura de ladrão:
Se não és das estradas
És do meu coração.

Passas por mim não me falas
Nem o teu chapéu me tiras:
Decerto que te disseram
De mim algumas mentiras.

O meu amor não é este,
O meu amor traz chapéu:
O meu amor ao pé deste
Parece um anjo do céu.

Ó meu amor, quem te deu
A fita para o chapéu?
Que t'a queria eu dar
Azulzinha da cor do céu.

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéu na mão,
Namorando as casadas
Que as solteiras não m'as dão.

Chapéu branco cor de estrela
Forrado de azul claro
Para amor não te quero,
De te falar não me enfado.

O adeus... e saudade persistem como imperativo comum da nossa sensibilidade requintada

Adeus casa da aula,
Adeus pena de escrever:
Adeus, ó linda menina,
Que já te não torno a ver.

Adeus lugar da Atalaia,
Logo ali à cruzinha:
Está ali o meu amor
A tocar a guitarrinha.

Adeus lugar da Atalaia
Rodeada de chorões:
No meio de ti passeia
Um ranchinho de pimpões.

Adeus, que me vou embora,
Que me vou embora, vou:
Vou-me para a minha terra,
Que desta terra não sou.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir:
Já estou posta d'acavalo,
Não me posso despedir.

Adeus lugar da Atalaia,
No meio tens um pedrão
Onde se sentam as moças
Quando para a missa vão.

Adeus, lugar da Atalaia,
Varandinhas ao correr
No meio de tanta rosa
Alguns cravo há-de haver.

Adeus ó sítio do P'reiro
Onde tive os meus amores
Abalei por mor das vacas
E também p'las minhas dores.

Adeus lugar de tal parte
Onde nasce o azevem:
Tu divertes-te comigo,
Quando não achas com quem.

Adeus, lugar d'Atalaia,
Ó cimo, que ó fundo não:
Ao cimo passeia o brio,
Ao fundo a presunção.

O termo pimpão é muito usado na Quinta Nova

Todo o homem qu'é pimpão
E se presa de aviado
Não pede a filha ao pai
Sem com ela ter falado.

Se por hi há algum pimpão
Que na rua se atravesse,
Traga o barbeiro consigo
E o padre que o confesse.

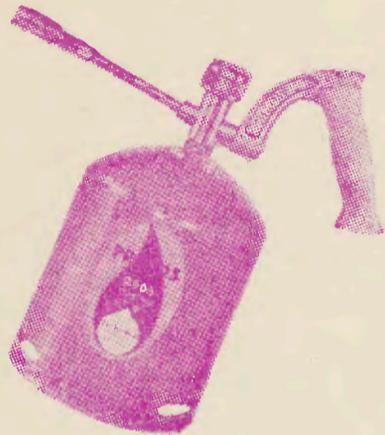
Martins	}	Ligures
Sarmento		Liguses
é partidário		Ligusitani
que Lusitani		-
deriva de:		Liusitani
		Lusitani

«Esta hipótese etimológica foi contrariada com argumentos filológicos e Schulten entende mesmo, como Bosch, que os Lusitanos eram Iberos e não Ligures.»

(Continua no próximo número)

FÁBRICA «PRIMUS» SUÉCIA

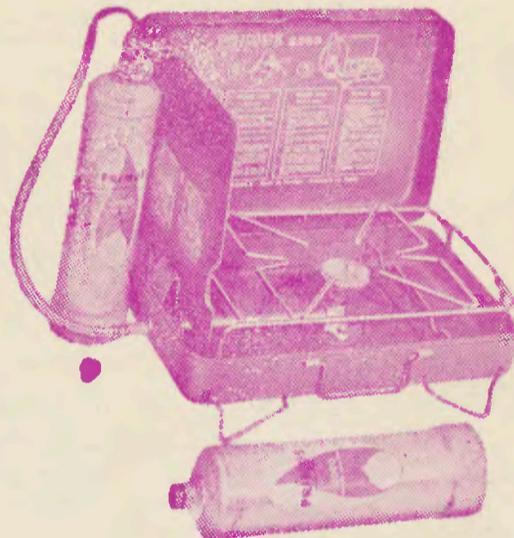
Apresenta à venda no nosso mercado vários aparelhos A PROPACIDLA destinados à Indústria e Campismo



Maçarico 2105



Maçarico 8341



Fogão campismo 2051



Fogão campismo 2055

Representante exclusivo para PORTUGAL

VILAS & VILAS

Rua Primeiro de Dezembro, 45-2.º — LISBOA

TELEFONE 22346

Agência no PORTO

FERNANDO AMARAL

Rua de Sá da Bandeira, 331-3.º — Sala 1

TELEFONE 31482

No 4.º Aniversário do

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE»

SAUDAÇÃO

QUEM teve a ideia de colocar esta legenda «de trabalhadores para trabalhadores» no «Boletim» da TEBE foi, de facto, muito feliz.

Decorreram já alguns anos em que o primeiro número veio à luz da publicidade e, hoje, mais se justifica que tendo servido, com toda a pujança, o clube de que deriva e o Desporto em geral não deixará jamais de continuar a fazê-lo.

Temos de admirar o dinamismo e o desinteresse de meia dúzia de vontades que souberam, sem favor, nortear as directrizes do «Boletim».

Seria interessante que o «Boletim» deixasse escrever nas suas colunas os anseios de toda a massa operária, fomentando os problemas de cada um, que seriam, de certo modo, os problemas da colectividade.

Nunca será de mais lembrar que, dentro duma fábrica, (escritórios, armazéns, etc.) os empregados e operários vivem mais uns com os outros do que propriamente com a família, por isso o espírito de solidariedade tem de estar, em primeiro lugar, no pensamento de todos os que labutam, dia a dia,

pelo seu bem estar, não esquecendo nunca a obediência e o respeito que devem aos seus superiores.

O respeito mútuo é indispensável para a solução dos magnos problemas que completam a vida da massa operária. E só com esse comum entendimento o capital e o trabalho podem seguir a trajetória firme dum progresso material e, ao mesmo tempo, humano.

O patrão deve repudiar o empregado nojento e bajulador que, armando teias de aranha, não recebe prejudicar o seu semelhante.

O patrão não deve suggestionar-se com as falinhas torpes e ignaras daqueles que, nada receando, pouco se importam de lançar na miséria o seu amigo de há pouco.

Fazemos votos pela livre co-operação de uns e outros de tal modo que o «Boletim» possa ainda viver mais anos dilatando a cultura, o desporto e o civismo.

Cumpram-se as máximas de Cristo e então o mundo será melhor.

Ao fecharmos, despretensiosamente, este artigo, queremos felicitar o corpo redactorial do «Boletim» e a Empresa que certamente patrocinará a sua manutenção.

Igualmente saudamos os dirigentes e atletas do Clube Desportivo da TEBE.

Os nossos melhores parabéns por mais este aniversário.

Ribeiro Novo



Piadas com barbas?... Talvez!

Momentos embaraçosos

ELA — O retrato que o senhor me fez ficou estupendo!

PINTOR — É bondade de V. Ex.^a, minha senhora. Eu não passo de um pobre pinta-monos.

— O Senhor é pintor de animais?

— Sim, às ordens de V. Ex.^a

No exame de direito, o professor interroga o aluno que não parecia muito inteirado da matéria:

— Qual a penalidade que se impõe aos bigamos?

— A pena máxima: duas sogras.

JUIZ — Porque é que você roubou estes sapatos tão velhos?

ACUSADO — Porque julguei que eram novos.

Na prisão

CARCEREIRO — Sua mulher quer vê-lo.

PRESO — Diga-lhe que não estou.

ECOS DESPORTIVOS

(Continuação da página 14)

não deixando que os olhos se fechassem à realidade.

É com a devida vénia que transcrevemos de o «Barcelense» parte dessa «crítica» escrita por um desportista e acima de tudo barcelense.

«O Clube Desportivo da TEBE deve ser um dos representantes, da A. P. do Minho, no Campeonato Nacional de Oquei em Patins. O «cinco» — orientado pelo simpático atleta Ranito — tem feito uma prova que muito dignifica os seus atletas e será uma compensação para os dirigentes que muito sinceramente se têm dedicado ao clube.

O grupo da «TEBE» — grupo da cidade de Barcelos — classificando-se para o Nacional é credor dos mais sinceros incitamentos nos encontros a realizar porque, lutando muitas vezes em condições desfavoráveis, soube vencer com brilho a classe dos seus adversários desviando-os do seu caminho — mas sem infringirem as mais elementares regras do desportivismo.

Parabéns a todos e que a sua actuação futura seja mais uma afirmação do valor dos seus atletas — Arantes, Figueiredo, Matos, Carvalho, Ranito e Nestor prosseguindo o caminho que os irmãos Pedras e outros desbravaram para colocarem o «TEBE» no lugar cimeiro».

A quem pertence a taça «Berço de Portugal»?

Infelizmente continuam a aparecer no Desporto casos que pela sua origem apenas o lançam em descrédito perante as massas populares.

Ora é uma agressão que não é castigada e outra que o é, agressões em rínque a treinadores, «vinganças» de dirigentes associativos que punem com 4 e 3 jogos atletas que lhes chamaram a atenção a algo, etc., etc.

No fundo, incompetência, indiferença e não sabemos que mais das entidades associativas.

Agora e mais propriamente na Associação de Patinagem do Minho, onde tudo acontece, apareceu mais esta: a oficialização (por parte da A. P. M., é claro) de taças organizadas por Clubes (Guimarães e Famalicense) aquela para expansão da modalidade, esta para levantar castigos a determinado atleta. Deixando para mais tarde a legalidade desportiva, caso não seja condenada pelos estatutos, da Taça de Famalicão, falemos de Guimarães.

Organizada pelo Vitória vimezanense disputou-se naquela cidade entre o C. D. da TEBE, Taipas, Famalicense e clube local, a Taça «Berço de Portugal».

Dado o carácter particular do torneio, disputado nos moldes

Oquei Minhoto

Terminou, ou melhor, estão quase definitivamente assentes, as posições dos clubes minhotos a respeito do seu comportamento no campeonato, porquanto ainda não se sabe quando a Associação realizará, os dois jogos em atraso.

Pela ordem da classificação,

da Taça Latina, era permitido alinhar qualquer jogador.

Inexplicavelmente e sem qualquer pedido a A. P. M. resolveu oficializar o torneio.

O Famalicense que havia alinhado com um atleta castigado no apuramento (Famalicense-Taipas) e na final (TEBE-Famalicense) estava automaticamente eliminado. Das duas uma: ou a Taça era entregue ao outro finalista (TEBE) ou havia nova final (TEBE-Taipas).

Nada disto houve. A taça foi entregue ao Famalicense. Alguém com responsabilidades na Associação, disse que a Taça era pertença do nosso clube.

Até hoje oficialmente nada se sabe.

Últimamente na circular número 7/57 da A. P. M. entre outros vinha a homologação da Taça «António Figueiredo» realizada depois da Taça de Guimarães. Desta, silêncio absoluto. Perguntamos: A quem pertence a Taça?

Aguardamos uma resposta concreta Senhores Associativos.

O Aniversário do «Boletim Social»

Com este número, comemora «Boletim Social da Tebe» o seu IV aniversário.

Não podíamos ficar indiferentes a esta data, pois é por intermédio deste jornal que o nosso e restantes Clubes Barcelenses, têm revelado os seus anseios e necessidades, ajudando a expansão daquele que devia ser o Desporto n.º 1 em Portugal: o Oquei em Patins.

Ao seu prestimoso Director, Sr. António Baptista, os nossos parabéns, e votos para que, com o mesmo zelo e dedicação, continue a dirigir a obra de que só se pode orgulhar: o «Boletim Social».

Baixa no C. D. da TEBE

Foi com bastante mágoa que recebemos a notícia de que Ranito, o excelente jogador-treinador do C. D. da TEBE, está impossibilitado, por doença, de jogar até final da temporada.

Continuará todavia a orientar as equipas do nosso Clube.

Ao simpático atleta, os nossos votos para um rápido restabelecimento.

vamos fazer uma pequena análise a todos os clubes.

Vitória de Guimarães. Foi sem dúvida o conjunto que Cunha Gonçalves orienta o mais regular de todos.

Só cedeu uma derrota, sendo essa em sua própria «casa», contra o C. D. da TEBE, que realizou a melhor exibição da época.

Sport Clube Vianense. Com vontade, garra e muito treino, aliados à competência do técnico que o dirige, conseguiu o Vianense o 2.º lugar, por tudo isto merecido.

C. D. da TEBE. Conseguiu o nosso clube a melhor classificação de sempre e se não foi além, deve-se em parte à infelicidade que nos prosseguiu e à irregularidade de um ou dois desafios, que nos levaram a este posto. O valor de Ranito, a sua correcção, bem como de toda a equipa, pois no balanço geral, só somaram todos os seus atletas 3 minutos de castigo, deu uma nota agradável sendo considerado por quase todos, o grupo mais correcto do Minho.

Famalicense. É pena que um grupo como este, onde não faltam valores individuais, enveredasse por um caminho oposto a toda a ética desportiva. Se a mais não chegou a culpa é própria, pois não conseguiu vencer (desportivamente) em todos os sítios onde se deslocou e muito menos no seu rínque. Que lhe consentissem todas as arbitrariedades, é um facto, mas também a sua capacidade ético-desportiva andou arredia, o que só o prejudicou.

Académico de Braga. Irregularíssimo, não merecia este posto, porque os seus atletas não se convenceram que para se ganharem jogos é necessário jogarem e não fugirem, por todos os meios, à sua comparência. Em épocas de exames admite-se, depois disso devia ser muito maior o seu amor à camisola.

Completo é uma equipa perigosa, já porque Nuno é capaz de desconcertar a defesa mais sólida.

Oquei Clube de Barcelos. Depois de tudo o que se passou interinamente, não esperávamos tanto deste clube e se o conjunto não impressionou deve-se à falta de treinos nitidamente, bem como certo contrato, que ditava a derrota sem apelo em dois desafios.

Vitória de Barcelinhos. Com uma primeira volta regular afundou-se de tal maneira na segunda onde não conseguiu, ganhar ou empatar um jogo. A carência de um técnico (voltamos a afirmar) é notória e depois disso... Cautela!

T. O. C. Taipas. Equipa pesada mas falha de técnica e desportivismo, deu-nos a impressão de ter qualquer problema interno a modificá-la do que foi nas outras épocas, falta-lhe dirigentes que não dêem instruções «bélicas», a bem da sua reputação.

Waldemar Esteves

MOMENTOSA ENTREVISTA

(Continuação da página 14)

nho de muito pouco tempo. Além disso é preciso dar lugar a outros. Há-os mais competentes do que eu.

Dissemos-lhe, que com isto não concordávamos. A sua competência estava por demais provada nestes dois anos. Ainda arriscamos outra pergunta, um tanto melindrosa:

— Uma vez que não tenciono ficar, indique-nos uma direcção que lhe pareça capaz de continuar a dirigir os destinos do clube.

A princípio o nosso interlocutor recusou-se. Todavia instado, anuiu:

Presidente, Joaquim Rodrigues
Vice, João Figueiredo
Secretário, João Cândido
Tesoureiro, António Luís
Vogal, Carlos Costa.

— Perdoe-nos Sr. Lopes, mas importaria-se se figurasse, na direcção que indicou, a vice-presidente, passando este para presidente, ou seja, como estão actualmente?

Um sorriso, foi a sua resposta. Sorriso esse que foi uma esperança de o vermos novamente a dirigir o clube que tão brilhantemente tem servido.

Jone & Tone

DIZ-SE...

Que Armando Veloso deixará de treinar no Minho com a presente época.

*

Que Cunha Gonçalves será na próxima época o orientador do Vitória de Barcelinhos, Filial do Vitória Vimezanense.

*

Que o Académico de Braga protestou o seu jogo contra o Oquei pelo facto do seu guarda-redes (Aparício) ter feito uma prova oficial antes 6 horas do jogo.

*

Que Acúrsio, proibido pelo técnico de futebol do seu clube, vai abandonar o oquei.

*

Que o Campeonato de Júniores volta a não se realizar.

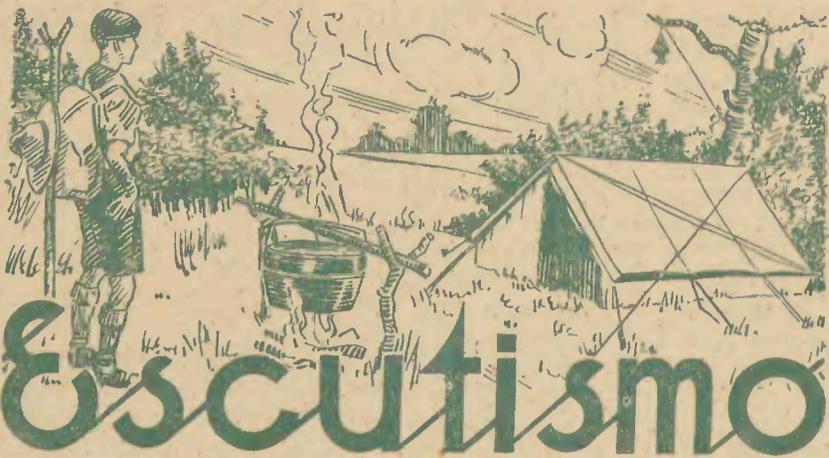
*

N. R. — Aguardamos a confirmação desta notícia para a ela nos referirmos pormenorizada-

*

Que Cândido Arantes volta a Gil Vicente.

EFE



Por JAIME FERREIRA

O Jamboree do Jubileu — Objectivo — Finalidade — Méritos — Fraternidade

QUANDO se convencionou a realização em Inglaterra de um encontro internacional escutista, integrado nas comemorações do Jubileu de Baden-Powell, imediatamente se formou a ideia e o objectivo de tal encontro.

O fervor que se notou em todo o País pela possibilidade da deslocação à Pátria de B. P. foi mais do que um índice seguro para o Escutismo Português, pois deste encontro entre irmãos escuteiros de todo o mundo, do seu conhecimento mútuo, pode resultar melhor a compreensão do artigo 4.º da Lei escuta, pois mais firmes se tornam os laços da fraternidade universal e melhor se preparam as bases de uma paz mundial.

Um Jamboree é, além de um prazer, um jogo feliz de juventudes e de ideal, em favor de um mundo melhor. A unidade dos métodos escutistas e a diversidade das suas actividades e sua aplicação, constitui motivo aliciante para os rapazes de todo o mundo praticarem boas acções, integrados neste movimento fraternal.

Para além da diversidade de países, de cores, de crenças, de culturas, de raças e de costumes, os escuteiros são todos irmãos, trabalhando pelo mesmo ideal e animados das mesmas aspirações. É como mensageiro da paz que o escuteiro de todo o mundo se deve considerar.

De acordo e conforme toda a força da sua pedagogia, o escutismo pretende fazer deste Jamboree, assim como de todos os encontros, paradigmas dos povos de amanhã.

A lembrança dos dias vividos no Jamboree, a frequente evocação de simpatias que nascem, de amizades que se criam e que ficarão para além do tempo e das fronteiras, terão para a juventude, o sentido de uma fraternidade humana e tornar-se-ão na idade adulta, ape-los ao amor entre todos os homens.

O QUE FOI O JAMBOREE

Com as primeiras letras das palavras inglesas JAMBOREE (exploradores) INDABA (chefes) e Moot (caminheiros) formou-se a palavra J. I. M.

A Inglaterra, Pátria do Escutismo, pois o primeiro chefe mundial era inglês — Lord Baden Powell, — quis ser a escolhida para a realização deste J. I. M., deste encontro internacional de escuteiros-irmãos.

Preparou um dos seus numerosos e formosíssimos parques — Sutton Park, e nele dispendeu cerca de 500 mil libras — cerca de 40.000 contos, nos preparativos desta importante concentração.

Basta dizer que se trata de uma pequena cidade, a que nada falta, restaurantes, lojas, quartéis, teatro de campo, instalações sanitárias, etc. Todos os edifícios foram construídos com armações de tubo de metal cobertos de lona.

Levantou-se em Sutton Park **uma cidade de lona**, para os 35.000 escuteiros que durante 12 dias nela viveram.

Calculou-se um gasto de 2 milhões de litros de água por dia. Instalaram-se depósitos de água no cimo de torres de 9 m. de altura, para manter um serviço de fornecimento constante, num percurso de mais de 30 quilómetros através dos subcampos, etc. Estavam previstos os necessários esgotos de água.

Além de Igrejas próprias para as diferentes religiões, bancos, correios, telégrafos, telefones, serviços de bombeiros e polícia, o campo está dividido em oito subcampos, aos quais foi dado o nome dos oito jamborees anteriores, verificando-se ainda instalações para a Imprensa, para a B. B. C. e um serviço de televisão, que permitem a comunicação constante com o mundo inteiro.

Nesta grande cidade, instalou-se um autêntico mercado, um hospital com 300 camas, um posto emissor de ondas curtas e uma grande arena para as exhibições ao ar livre. Ao longo desta, foi levantada uma grande tribuna coberta, com lugares sentados para 5.000 espectadores, além de espaço para alguns milhares, de pé.

O Slogan ao serviço da publicidade

« Boletim Social da TEBE » tem um slogan para cada caso publicitário

Consulte-nos... ficará satisfeito

Basta escrever: O Slogan — Campo 5 de Outubro, 39
BARCELLOS

O consumo diário, esteve assim computado: 20.000 pães, 50.000 litros de leite, além de 2.000.000 de litros de água. Nos 12 dias de duração do J. I. M. devem ter-se consumido aproximadamente 16 toneladas de manteiga, 14 toneladas de chá, 7.000 galinhas (em latas), 40 toneladas de carne fresca e em latas, 48 toneladas de açúcar e 228 toneladas de hortaliças.

Isto para 25.000 exploradores, 5.000 chefes e 5.000 caminheiros, são de facto números colossais!...

Devidamente equipados e em serviço permanente foram instalados diversos postos de primeiros socorros, serviços dentários e hospitalares. O Hospital, além de dispor de todo o material necessário, englobava ainda os seguintes serviços: banco, cantina, cozinha, armazéns, casa do pessoal e 10 enfermarias.

Instalaram-se ainda duas clínicas dentárias ambulantes, com base no campo-Hospital, para tratamentos urgentes, destinados aos «escuteiros mais gulosos que abusam dos doces...»

Dois vezes por dia, em cada subcampo, um serviço de Inspeção Médica, dirigida por médicos locais, prestava consultas grátis aos escuteiros doentes.

Ao cuidado das Guias funcionou um Centro de Informações, relativos a crianças que se percam das famílias dos visitantes.

Todo o mundo sabe que a Inglaterra nestes últimos 70 anos, fez somente 6 ou 7 emissões especiais de selos. Pois para o Jamboree do Jubileu, fez imprimir uma emissão especial, nas taxas de 2 1/2 d, 4 d e 1/3 d. Trata-se ainda do primeiro selo escutista autorizado pelo Governo Britânico, constituindo portanto, este facto uma muito significativa homenagem ao nosso Movimento Escutista.

Dentro da cidade de lona, instalou-se uma tipografia que, diariamente fazia sair um jornal — Jubilee Journal — ao preço de 6 d (aprox. 2\$00) cada exemplar. Era vendido à hora do pequeno almoço.

Portugal, mais exactamente, alguns escuteiros de Barcelos, foram escolhidos para figurarem no primeiro número deste jornal, com uma fotografia, mostrando que dentre os vários países do Globo, também o nosso País se fez representar.

Deve ter sido, na verdade, impressionante a cerimónia de inauguração, a visita de Sua Majestade Graciosa a Rainha Isabel II, e a cerimónia de encerramento, pois deve ser praticamente impossível voltar a reunir um tão elevado número de escuteiros, com tantas facilidades concedidas.

Creemos que somente a Inglaterra seria capaz de se candidatar a efectuar uma concentração mundial como a do Jamboree do Jubileu, para comemorar o centenário de um dos seus grandes generais e o grande obreiro e impulsionador do Escutismo.

A todos os irmãos escutas que representaram o nosso Portugal, a todos os irmãos que se reuniram em Sutton Park, o nosso desejo de que tenham tido **Boa coça**.

Notas várias

Depois de terminado o Jamboree — 12 de Agosto — todos os escuteiros portugueses foram graciosamente recebidos em casas de famílias de escuteiros ingleses, gentileza que os nossos rapazes devem ter apreciado no devido grau.

Esta hospitalidade, bem inglesa representa para os nossos escutas a possibilidade de conhecerem melhor a Inglaterra e o seu povo, pelos passeios, pela familiaridade, enfim pelo convívio e contacto com outros irmãos em Cristo.

Na viagem de regresso devem ainda ficar um dia em Paris, para melhor poderem fazer uma ideia da grande Cidade-Luz.

Quando se vive em equipa, quando se viaja em grupo, ou quando se actua em patrulha, a palavra «EU» não existe.

«Egoísmo» e «Escutismo» são incompatíveis.

Foi este um dos principais «slogans» que os nossos escuteiros se habituaram a ouvir. Colaborar com o chefe, e sentir como suas as responsabilidades dos chefes, isso é Escutismo.

O aprumo, a boa presença, a lealdade, a obediência, o espírito de disciplina e a disciplina do espírito em cada patrulha ou em cada elemento, são normas permanentes.

Que este Jamboree tenha lançado boa semente à terra, e que os frutos sejam colhidos dentro em breve por todos quantos tiveram a dita e a felicidade de a ele assistir.

Os Mexicanos Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

(Continuação da página 12)

Corremos para a cidade a noventa quilómetros à hora, como se meu tio procurasse fugir de algo terrificante, e durante todo o caminho não falámos. Quando estávamos a chegar à Avenida Ventura, perto do Campo Alegre, disse ele:

"Todos aqueles quatro cães juntos não valem um penny".

"Não é pelos cães", disse eu.

"Os mexicanos são assim".

"Julguei que aquele cão me fosse morder", disse meu tio.

"Não. Nem pensou nisso sequer. Nem mesmo se levasse um pontapé. Têm o coração cheio de amor. Tal como os mexicanos. O que eles roubam nunca chega a nada".

"Os miúdos pareciam saudáveis".

"Não os há mais saudáveis", disse eu.

"Que comem eles?".

"Feijão e pão mexicano. Coisas que o tio nem sequer pensaria comer".

"Achas que ele chegará a aprender a podar uma videira?".

"Com certeza", disse eu.

"Não é natural que fuja com o tractor, pois não?", perguntou meu tio.

"Não" disse eu. "É muito pesado".

"Perdi dinheiro na vinha o ano passado", disse meu tio.

"Bem sei. Perdeu dinheiro nela o outro ano, também".

"Tenho perdido dinheiro naquela vinha desde que a compreí", disse meu tio. "Quem é que quer uvas? Quem é que quer passas?".

"Talvez mude este ano".

"Achas que sim?".

"Parece-me que este mexicano é capaz de o conseguir", disse eu.

"Tem piada", disse meu tio.

"Tenho estado a pensar o mesmo. Se ele sustentar as tais treze bocas este inverno, sem contar a dele, este ano não será tão mau".

"O tio não pode perder mais do que perdeu o ano passado".

"Os japoneses são bons", disse meu tio, "mas não encaram as coisas como os mexicanos".

"Os japoneses não se lembrariam de ter quatro cães ordinários", disse eu.

"Enxotá-los-iam", disse meu tio.

"Atirar-lhes-iam pedras".

"Julgo que me vai correr bem este ano".

Não dissemos mais nada durante todo o caminho até à cidade.

nota sobre **SAROYAN**, colhida do prefácio de Victor Palla para o vol. da colecção «antologia do conto moderno», da Atlântida

Eis William Saroyan. É filho de emigrantes arménios. Nasceu na Califórnia. É casado. Tem quarenta e nove anos. Começou a escrever aos nove. Aos oito anos vendia jornais; aos treze fizera-se boletineiro de telégrafo; aos dezasseis trabalhava no campo e abandonara o liceu. Com vinte e cinco anos publicou um conto num jornal arménio, e logo outro numa revista americana.

Não sei nada de gramática e pontuação. Tenho um sistema de gramática e pontuação cá muito meus. A base desse sistema é: ser lúcido e escrever cada ideia por sua vez. Nunca falo de literatura. Falo a linguagem de todos os mandriões.

Com vinte e seis anos reuniu num volume — «O Rapaz do Trapézio Voador» — os contos que publicou durante um ano. O êxito desse volume bastou para torná-lo célebre e permitir-lhe passar o Verão de 35 viajando pela sua «velha pátria», a Arménia, e pela Rússia — escrevendo, escrevendo sempre.

Escreve à máquina. Trabalhou em escritórios, em lojas, em jornais. Em 1939 escreveu uma peça teatral que atraiu pouca atenção. Um ano depois atribuíam a outra sua peça o Prémio Pulitzer. Recusou o prémio: *O capital não tem o direito de patrocinar a arte.*

Escreveu mais de quinhentos contos, sete peças teatrais, dois romances, dois panfletos.

A minha teoria pessoal a respeito de literatura e de tudo é a seguinte: a única coisa que tem importância é o próprio homem.

Viajou. Trabalhou para o cinema. Combateu na segunda guerra mundial como soldado raso.

Mas o conselho mais sensato, creio, que se possa dar a um escritor, é o seguinte: procura aprender a respirar fundo, a saborear verdadeiramente quando comes, a dormir verdadeiramente quando adormeces. Procura quanto possível estar inteiramente vivo, com toda a tua força; e quando rires ri a valer, e quando te zangares zanga-te que nem diabo. Procura estar vivo. Deixa lá, que depressa morrerás.

Eis William Saroyan. É estranho e particularíssimo, numa antologia do conto moderno, o lugar deste escritor que aos trinta anos já entrara de definitivo direito na história da literatura, e hoje, com trinta e nove (em 1947), já para ela morreu para todos os efeitos.

Alguém o comparou a um oriental vendedor de tapetes em país estranho, «armado com o dom da palavra fácil, com uma colecção de truques psicológicos de prestidigitação e com um rolo de tapetes ordinários dos quais, inesperadamente, faz sair de vez em quando um genuíno Ispahan. Ótimo vendedor, interessa-lhe tudo o que pode interessar o cliente: amor, cavalos, mulheres, crianças, fome, saudade, beleza, esperança, dinheiro, pobreza, Deus, e todo o

Fazem anos no próximo mês de **SETEMBRO** os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Alberto dos Santos Miranda, Alda Amélia P. Cardoso, Maria de Fátima P. Fernandes e Maria José C. Miranda.

DIA 2 — José Augusto da Silva Pereira.

DIA 3 — António Quinta e Costa, Ari de Sousa Pereira e António da Silva Lopes.

DIA 4 — Maria Amélia F. Pereira.

DIA 6 — Maria Isabel F. Rente.

DIA 8 — Maria Francisca G. Neto e Maria Antónia A. da Silva.

DIA 9 — Rosalina Prazeres Gonçalves.

DIA 10 — Maria Adelaide Lopes Araújo, Maria Odete C. Guimarães e Maria de Lourdes P. dos Santos.

DIA 11 — Armando Alberto Azevedo Coutinho e José Machado.

DIA 12 — Manuel Machado Fernandes.

DIA 13 — Isaura Martins Vieira, Maria Arminda M. Salgado e Francisco Ribeiro da Costa.

DIA 15 — Rosalina Queirós de Araújo e Maria José Alves Cardoso.

DIA 16 — Teresa Miranda de Sousa, Rosa de Jesus C. Torres, Maria Justina Miranda Rego, Olívia Rosa P. da Silva e Maria da Conceição F. da Costa.

DIA 17 — Alexandrino dos S. Cardoso.

DIA 18 — Joaquim Rodrigues, Maria da Glória Santos Pimenta e Deolinda da Silva Gomes.

DIA 19 — António Augusto Matos de Carvalho, Maria Rosa Meireles Coelho, Joaquina Sousa e Silva, Maria da Conceição L. da Costa, Alzira Fernandes e Deolinda Martins Lourenço.

DIA 20 — José Pereira Delgado, Domingos da Silva Santos, Maria Zulmira da Silva Fortes, Helena Alves Baptista e Maria Sofia P. Rodrigues.

DIA 22 — Domingos Marques Reis, Maria Célia M. Sousa e Maria do Carmo Leal Ribadas.

DIA 23 — Domingos da Costa Andrade, Cândida Pereira F. Lima e Maria Isaura P. Alves.

DIA 24 — Ana Gonçalves P. da Costa.

DIA 25 — Maria das Dores P. Rodrigues, Manuel Veloso Miranda, Maria Domingues Araújo e Maria Carminda M. Lopes.

DIA 26 — Manfredo Arnaldo da C. Silva.

DIA 27 — Alzira de Azevedo Gomes.

DIA 28 — Maria da Glória C. Amaral e Maria Luísa Neiva Veloso.

DIA 29 — Conceição Gomes Durães.

DIA 30 — Maria Alice R. Fernandes.

A todos apresentamos os nossos sinceros parabéns.

A camaradagem é tão necessária como a luz... pois sem ela o mundo vira-nos as costas.

resto deste nosso mundo malvado e louco; e são esses, mais o Snr. Saroyan, os temas das suas histórias» (1).

Saroyan agarra o assunto por uma ponta qualquer — quantas vezes ao acaso! — e ele aí vai, improvisando à vista do público, «levando-o», passando descaradamente de um assunto ao outro por simples associação de ideias, interrompendo-se no caminho para meter comentários sobre os mais diversos negócios, para cortar na casaca literária de colegas mais velhos e para mais uma vez assegurar e afiançar ao ouvinte o valor da sua mercadoria. Técnica, o conto de Saroyan representa a abolição total e extrema da estrutura formal. As experiências de Gertrude Stein e James Joyce com a desintegração da frase e de Hemingway e Hammett com a linguagem coloquial frutificaram opulentemente neste jovem irreprimível cujo ideal se diria uma completa ausência de forma literária no sentido em que ela se entendia até aí. A vida não tem estrutura de composição: por que a há-de ter o conto? Por que diabo há-de a literatura roubar à vida a sua desordem, a sua malaqueira, a sua magnífica loucura? Eu, Saroyan, escrevo como vivo. Escrevo da vida, de mim próprio, deste mundo que vejo e apalpo, ouço à minha volta, mundo podre e sublime, coerente e contraditório; falo dos bêbados e dos apaixonados, das crianças que descobrem a vida e dos jogadores de boxe, dos barbeiros e dos soldados e das mulheres das ruas às esquinas; descubro o amor e a morte e o ódio e alegria de estar vivo. A literatura pode ir para o diabo. Se não é literatura o que eu escrevo, quem perde é a literatura.

Aí está, sem tirar nem pôr, o valor e o papel de Saroyan na evolução do conto moderno. Como diz Bates, «todas as gerações precisam de um escritor que deite a língua de fora, e Saroyan mostrou ainda mais uma fase as ilimitadas possibilidades do conto moderno».

Nesse sentido, seria mais importante pelo caminho que indicou do que pela obra realizada. Mas a verdade diga-se: há nesse desequilibrado conjunto que são as centenas de contos de Saroyan umas dezenas de verdadeiras obras primas, capazes de suportar às mil maravilhas comparação com os Maupassant e Checov do passado. E cremos, como Maugham, que um escritor tem o direito de ser julgado pelas suas melhores obras. O Saroyan de hoje, que se caricatura a si próprio e repete até à exaustão receitas e rodriguiños, podemos nós misericordiosamente esquecer. Porque o Saroyan que aqui fica — esse é inesquecível.

(1) H. E. Bates in «The Modern Short Story».

FIOS DE SEDA
ARTIFICIAL (VISCOSE,
ACETATO), SEDA
NATURAL, SCHAPPE,
FIOS SINTÉTICOS
(NYLON, BODANYL,
POLIESTER-TERYLENE
E OUTROS) CIFRANA,
MÁQUINAS PARA
INDÚSTRIA TÊXTIL

REPRESENTANTE DE:

•GF•GEORGES FISCHER S.A.
SCHAFFHOUSE (SUÍÇA)
AUTOMATIZAÇÃO DE TEARES

PAUL GRAUER
DEGERSHEIM (SUISSE)
RENDAS - BORDADOS



REPRESENTAÇÕES

Felisberto Rodrigues

TELEFONE 60842

AVENIDA DA FRANÇA, 778

PORTO

AO leitor apressado aconselhamos não lance apenas um olhar furtivo pelo título deste desprezioso escrito. Dê-se à paciência de ler algo mais. E mesmo depois de lhe anunciarmos o propósito que nos anima, prossiga a leitura. Não se lamenta pelo pequeno esforço a dispender: se este insignificante sacrifício lhe aumentar os conhecimentos, não se maçou em vão; mas se nada lhe dissermos de novo, ao menos poderá julgar se conseguimos ou não o fim em vista: dar aos leigos na matéria uma ideia, relativa embora, daquilo a que chamamos electricidade.

A electricidade não é uma novidade recente, pelo menos nos seus efeitos elementares. Já os gregos, na antiguidade, a conheceram, pela seguinte experiência, que a eles se deve: friccionando o âmbar em pano ou em pele secos, nota-se no âmbar um estado especial, que atrai pequenos objectos. A palavra âmbar, em grego diz «electron», nome que deu electricidade. E foi já no século XVI, portanto há uns 400 anos, que o inglês Gilbert demonstrou que esta propriedade do âmbar, também a têm outros corpos.

A electricidade o que é? Será uma substância material ou um estado? Não é nem uma nem outra coisa.

Para esclarecer ideias, detenhamos o pensamento nesta pequena

A Ciência em foco

DIVULGANDO

(INÉDITO)

e simples divagação. Todos sabemos, infelizmente, da existência da bomba atômica. E temos lido ou ouvimos dizer que a potência demoníaca deste terrível engenho é resultante da desintegração, da divisão, da decomposição do átomo.

E o que é o átomo? Uma partícula pequeníssima, indivisível, que forma a matéria — na expressão mais simples e, até há pouco tempo, clássica. Ponto assente: o átomo é a menor partícula, indecomponível, da matéria, ou melhor dito, dos elementos químicos, que são em número de 92. Entre eles, conta-se o ouro, o ferro, o fósforo, o oxigénio, etc., etc. Em cada um desses elementos, a base de formação é o átomo.

Que tamanho terá o átomo? Poderemos fazer uma ideia pela comparação seguinte: Se aumentássemos uma gota de água 2.000 milhões de vezes, teríamos as dimensões da terra; se pudéssemos dar o mesmo aumento ao átomo, este apenas atingiria o tamanho de uma bola de futebol. Enorme a diferença? Certamente.

E de que se compõe o átomo? Aqui é que está a explicação da

electricidade. Se houvesse uns óculos tão fortes e tão potentes que nos permitissem ver o átomo, notaríamos que ele é formado, como dizer, por um número de pontos, a girar vertiginosamente em volta de um ponto central. Os pontos que circulam, são os electrões; o ponto central, ou núcleo, é o protão. Um electrão é a menor quantidade de electricidade que existe.

Agora outro pormenor: o electrão tem carga negativa; o protão, é de carga positiva. O ponto central do átomo, ou protão, que é positivo, atrai os electrões, negativos, e mantém-nos nas suas órbitas. Desta observação resultou o estabelecimento do princípio: o positivo atrai o negativo — o que define o sentido do circuito electrónico.

Compreendido o exposto fácil é chegar-se à compreensão do seguinte: ligando-se um fio de cobre a uma bateria, o polo positivo da bateria atrai os electrões do cobre. Os átomos do cobre, perdendo os electrões, tomam carga positiva.

O movimento dos electrões faz a corrente; a perda daquele nos

átomos, provoca desequilíbrio, origina diferença de força e estabelece a tensão; e surge assim a electricidade, que acende as lâmpadas, acciona os motores e presta à humanidade tal serviço que, sem ela, nem a ciência nem a técnica conheceriam o progresso dos nossos dias.

E já que avançamos até este ponto, devemos completar a nossa ilustração com o nome do sábio que primeiramente conheceu estes dois tipos de electricidade e os classificou de negativo e positivo. Foi Du Fay, que fez essa descoberta em 1734. Poucos anos mais tarde, em 1747, Franklin demonstrou que electrizar, ou seja, conseguir no âmbar o efeito já conhecido dos gregos, não é nem mais nem menos do que separar estas duas classes de electricidade.

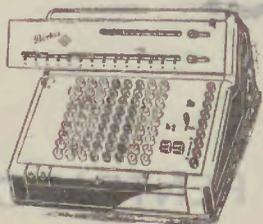
Outros sábios, como Coulomb, Faraday, Ampère, etc., estudaram as leis da electricidade, que permitiram as realizações surpreendentes, que fazem o orgulho do nosso século.

Mário da Gama

Precisamos de fortalecer os elos da camaradagem. Ajudemo-nos uns aos outros.

S A M E T I L

O medicamento indicado para inúmeras doenças da pele. Este medicamento, criteriosamente estudado, ocupa um lugar de relevo nos medicamentos deste século. Por estas razões os médicos inteligentes sabem indicá-lo.



PEERLESS

Máquina de calcular completamente automática

FACILIDADE DE MANEJO-CUSTO REDUZIDO-GRANDE AUTOMATICIDADE

CARLOS DUNKEL — Rua do Bonjardim, 81 — Telef. 22013

Os artigos **TEBE** vendem-se em todo o País nas casas da especialidade.

Os últimos modelos Camutebe e Velutebe são únicos no fabrico, no acabamento e no bom gosto.

Carlos de Sousa Matos, Suc.^{ra}

REPRESENTAÇÕES DE CASAS ESTRANGEIRAS

Rua Fernandes Tomás, 845-1.º — PORTO Telefone (Cham.) 24269

E. BRUNNER & C.A, L.^{DA}

R. de Aviz, 13-2.º — PORTO R. Duques de Bragança, 9-3.º — LISBOA

Anilinas para todas as fibras
Produtos químicos e auxiliares para as indústrias têxtil e de curtumes
Ramas e Fios Grilon e Nigrila mousse

BANCO BORGES & IRMÃO

PORTO

S. A. R. L.

LISBOA

INSTITUIÇÃO FUNDADA EM 1884

Capital e Reservas — Esc. 119.000.000\$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga) — Sá da Bandeira
Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido.

Dependências em Lisboa — Praça dos Estados Unidos da América e Avenida Fontes Pereira de Melo.

AGÊNCIAS — Braga, Setúbal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso.

Correspondente no Rio de Janeiro — BANCO BORGES

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

João Manuel Lopes & C.^a, L.^{da}

PORTO — LISBOA — COVILHÃ

IMPORTADORES E ARMAZENISTAS DE DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Representantes e Distribuidores exclusivos de:

SULFATO DE SÓDIO ANIDRO ISENTO DE FERRO

DA

DUISBURGER KUPFERHUTTE-ALEMANHA

SEDE NO PORTO:

Rua José Falcão, 158-176 — Telefone P. P. C. (3 linhas) 27091

EMPRESA TRANSFORMADORA DE LÃS, L.^{DA}

Especializada em todos os fios de estambre para lanifícios, malhas e tricot

COVILHÃ

Fábrica de Fiação e Tecidas de Barcelos, L.^{da}

FABRICO DE:

FIOS DE ALGODÃO CARDADOS E PENTEADOS
FIOS DE FIBRAS ARTIFICIAIS

Para: — **Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias, etc.**

Retorcedura

Tinturaria

Branqueação

FÁBRICA:

Rua Cândido da Cunha
Telef. 8313 — **BARCELOS**

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 21
Telefone 24526 — **PORTO**

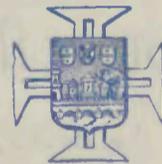
M. Sequeira Azevedo

Rua de Trás, n.º 10 — Telef. 25164

PORTO

REPRESENTANTE DE:

Máquinas para fabrico de malhas **LEBOCEY**.
Máquinas de préformage-postformage e préfixage para meias
nylon, **HÉLIOT**.
Calandras para acabamento de malhas circulares **HÉLIOT**.
Máquinas peúgas e meias sem costura **DÉGOISEY**.
Máquinas apanhar malhas **VITOS**.
Máquinas « Cotton » para fabrico de **PULL-OVERS René**
Bordier.
Aglhas e outros acessórios **LEBOCEY**.



OFICINAS GRÁFICAS

DA

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

(CASA FUNDADA EM 1922)

TIPOGRAFIA — CROMOTIPIA

ENCADERNAÇÃO

Execução perfeita de todo o género de
trabalhos tipográficos, encadernações sim-
ples e de luxo, brochuras, etc.

TELEFONE 8224

Rua D. António Barroso, 122-126

BARCELOS

José Correia Ramos

« **PEROSINHO — CARVALHOS — GAIA** »

TELEF. 20 — **CARVALHOS**

Fabricante de máquinas e acessórios para
a Indústria Têxtil.

Especialidade em fabrico de teares de fitas
e batentes de caixão até 4 lançadeiras, di-
reitas ou circulares.

À INDÚSTRIA TÊXTIL

ORLON

fibra acrílica

AS EXIGÊNCIAS DA VIDA MODERNA SÃO PLENAMENTE SATISFEITAS PELOS VESTIDOS, SAIAS, SWEATERS, BLUSAS, CAMISAS SPORT, FATOS DE HOMEM E ROUPAS DE TRABALHO FEITOS COM ESTA EXTRAORDINÁRIA FIBRA DA:



COISAS MELHORES PARA VIVER MELHOR... Graças à Química

REPRESENTANTE:

A. GAMA ROCHA & FILHOS

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 22-5.º

P O R T O

FÁBRICAS ALELUIA



Azulejos e Louças



AVEIRO

TIPOGRAFIA «LIZ»

DE

Mesquita & Silva, L.^{da}

RUA BÀRJONA DE FREITAS, 115
BARCELOS

Uma tipografia de gosto requintado ao
serviço de um público exigente...
Preferi-la é saber distinguir.

Lusiada

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA

**A R T E
L I T E R A T U R A
H I S T Ó R I A
C R Í T I C A**

À VENDA NAS LIVRARIAS

Orgânica, Anilinas e Produtos Químicos, L.^{da}

RUA DE SANTA CATARINA, 753

PORTO

Tel. 29641/2/3



Representante em Portugal da importante Fábrica Alemã

*Badische Anilin & Soda-Fabrik
Ludwigshafen a. Rhein*

Oferece,

PARA TODOS OS FINS INDUSTRIAIS:

**Anilinas e Produtos Auxiliares
Drogas e Produtos Químicos
Matérias Plásticas Artificiais
Resinas Sintéticas, Etc.**

PARA FINS AGRÍCOLAS:

ADUBOS—Nitrophoska, Nitrato de Cal BASF, Azocal, Sulfonitrato de Amónio BASF e Ureia BASF.

Fungicidas e Insecticidas



Farbenfabriken Bayer Aktiengesellschaft
Leverkúsen / Alemanha

FIBRAS ARTIFICIAIS e SINTÉTICAS

ACETA
CUPRESA
DRALON

Seda acetato
Seda Cupro-amoniaco
Fibra acrílica

PERLON

em fio contínuo
em rama e
para fins técnicos (cordas, redes, cerdas, etc.)

REPRESENTADA PELA:

S. A. R. L.

QUIMICOR

PORTO

LISBOA

Rua de Passos Manuel, 217

Rua do Almirante Pessanha, 16-2.º

Tipografia Gil Vicente

A TIPOGRAFIA QUE MELHOR SERVE
— PARA SERVIR SEMPRE —

RUA INFANTE D. HENRIQUE

TELEFONE 8371

BARCELOS

PAPELARIA LIZ

Especializada em artigos de papelaria, livraria,
religiosos e fotográficos.

Filial na Avenida Dr. Oliveira Salazar com secção de

TABACARIA e LOUÇA REGIONAL

Telefone 8371

BARCELOS

«A MUNDIAL»

O MAIOR ORGANISMO SEGURADOR PORTUGUÊS

Capital e Reserva: 287 MIL CONTOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SEDE: Largo do Chiado, 8, em LISBOA

FILIAL: Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10, no PORTO

AGENTES POR TODO O CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

Manuel de Sousa Lopes

CASA FUNDADA EM 1927

Rua das Flores, 294-298 — PORTO

Telefones: Companhia, 23504 — Estado, 26

End. Teleg.: SEPOL

BOTÕES

MARCADOS COM

S.O.

N.B.

SEMPRE BRANCOS — NÃO ARDEM

CORES INALTERÁVEIS

Companhia Industrial de Fibras Artificiais

S. A. R. L.

FÁBRICA:

Sobrado-Valongo

Telef. — SOBRADO 2

SEDE:

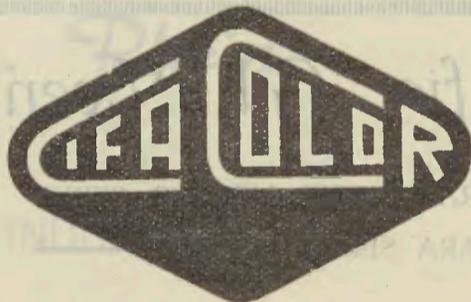
R. do Almada, 262

Telef. 28083 — PORTO

**PRODUTOR DAS
MARCAS REGISTRADAS**



FIOS DE RAIONE VISCOSE BRILHANTE E MATE PARA TECELAGEM, MALHAS, MEIAS, ETC. EM QUALQUER APRESENTAÇÃO.



FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS NA MASSA COM ABSOLUTA SOLIDEZ DAS CORES.



PELÍCULA CELULÓSICA TRANSPARENTE EM VÁRIAS ESPESSURAS, ROLOS E FOLHAS.



FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS BRILHANTES E MATES PARA TODOS OS FINS.

Saúda os seus Ex.^{mos} Amigos e Clientes

A. Correia da Silva & C.^a, L.^{da}

|| FIAÇÃO FINA, TINTURARIA
E ACABAMENTO DE FIO ||

Telefone 8

Estação

Santo Tirso

FERRO E AÇO

José Pinto de Magalhães & C.^a

End. Teleg.: REIFERRO

277, RUA DO ALMADA, 283
TELEFONE, 24012-24013

PORTO
PORTUGAL

O nosso exclusivo **ACABAMENTO FIXAFIL** não encolhe

S. MAMEDE DE INFESTA

End. Teleg. **FIL**
Apartado 12

Telefone { 171
172

FIL-FIAÇÃO DO LEÇA, L.^{DA}

RUA DE SANTOS DIAS — S. MAMEDE DE INFESTA
PORTUGAL

FIAÇÃO — TECIDOS — ACABAMENTOS

Especializada em Acabamentos e Tecidos de Alta Novidade
COM A MAIS MODERNA INSTALAÇÃO DO PAÍS

**Branqueação — Mercerização — Tinturaria — Estamparia — Cardação — Flo-
cagem — Polimerização**
Acabamento anti-ruga e acabamento FIXAFIL

Exija **FIXAFIL** — Não encolhe

N. B. — Todos os acabamentos feitos na nossa Fábrica são marcados nas orelas.

FÁBRICA DE CARTONAGEM

A FLUMINENSE

DE

A. Fernandes

RUA DR. ALVES DA VEIGA, 205

Telefone 25372 — **PORTO**

Fazenda & C.^a, L.^{da}

FIOS CARDADOS

ESCRITÓRIO: Rua Marquês D'Ávila e Bolama, N.º 270
FÁBRICA: Sítio da Baiuca

COVILHÃ

Telefs.: { FÁBRICA: 322
ESCRIT.: 219

END. TELEG.: **CARDAÇÃO**
APARTADO : 16

Fábrica de Borrachas

«ENFIM»

A ALTA QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS TORNAM-NOS OS MAIS PREFERIDOS PELAS PRINCIPAIS FÁBRICAS DO PAÍS, ENTRE AS QUAIS SE HONRA DE FORNECER TAMBÉM A FÁBRICA BARCELENSE, DE «JOÃO DUARTE & C.A, L.DA», CUJOS ARTIGOS MUITO DIGNIFICAM A SUA ORGANIZAÇÃO E A INDÚSTRIA NACIONAL

A. HENRIQUES & C.^A, L.^{DA}
S. JOÃO DA MADEIRA

MÁQUINAS

PARA TODA A

INDÚSTRIA DE MALHAS
INTERIORES — EXTERIORES
MEIAS — PEÚGAS
DE COSTURA E ACABAMENTO

TINTURARIA, FIXAÇÃO E AGABAMENTO
DE NYLON, PERLON, ETC.

BOBINADORES
SIMPLES E FIO CRUZADO

AGULHAS

ACESSÓRIOS PARA TODAS AS MÁQUINAS

NYLON

TODOS OS TIPOS EM BRANCO E CORES

A. PEREIRA JORDÃO

RUA DE SANTA CATARINA, 476 — Telef. 20947 — PORTO

Produtos CIBA Limitada

REPRESENTANTES DE:

CIBA Société Anónyme, Bâle

Anilinas, produtos auxiliares
e resinas sintéticas para as
indústrias têxteis
e de curtumes.

Rua de Gonçalo Cristóvão, 277

PORTO

Carlos Cardoso

Rua do Bonjardim, 551-571 — PORTO

— Telef. 24955 (4 linhas) — Teleg. CARDO —

FILIAL:

RUA DA TRINDADE, 20-2.º — LISBOA

Telef. 32801 — Teleg. LISCARDO

Anilinas e Produtos Auxiliares

Insecticidas e Fungicidas

Especialidades Farmacêuticas

REPRESENTANTE DE:

J. R. Geigy S. A.

BASILEIA-SUIÇA

BOUHON & IRMÃO, L.^{DA}

Avenida Júlio Dinis, 26 r/c Esq.

LISBOA - N

TELEFONES | 773603 - 778685
761136 - 761137

Rua Antero Quental, 615

PORTO

TELEFONES - 40118/40119

SECÇÃO QUÍMICA:

Anilinas e produtos químicos para as indústrias têxtil e curtumes

Representantes das Firmas:

Boehme Fettchemie GmbH - Dusseldorf
e N. V. Fabriek Van Chemische Producten

SECÇÃO TÉRMICA:

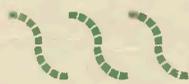
Isolamentos térmicos, anti-fogo e acústicos. Caldeiras automáticas, material para centrais térmicas, reguladores de temperatura, redutores de pressão, válvulas de passagem, bombas, purgadores, filtros e visores.

Contadores de vapor, Registadores de pressão e temperaturas, Manómetros, Termómetros e Pirómetros

Instalações de climatização, aquecimento e humedificação

REFRACTÁRIOS MONOLÍTICOS

Estudos gratuitos de tubagens de vapor, retorno de condensados, recuperações e montagens.



Fornecedores da **TEBE**

Visão Retrospectiva do *Boletim Social da Tebe*



A nossa saudação

Por FLOR DO TOJO

MARCA a folhinha do calendário mais uma etape na existência do *Boletim Social da Tebe*.

Marca um sucesso, afirmamos; e, afinal, essa nova não brotou, em primeira mão, da fonte dos reportórios, — mudos mas expressivos instrumentos a que, aliás, nos devotamos com a mesma dose de ânsia a devorar o tempo, tal a gana de acelerar a substantivação do prefixo latino «pré» de que dependemos.

A notícia, com foros de acontecimento, devemo-la antes ao ilustre director deste jornal, à requintada sensibilidade poética de António Baptista, a par do convite com que quis, também, honrar-nos, solicitando a colaboração da nossa modesta pena para este número natalício.

Ficamos aturdidos, verdade seja, com a distinção imerecida. Para que testemunhos apagados?

Ele, o arrebatado poeta de Rumos, líricas de certo nervosismo social; o jornalista experimentado do *Boletim Social da Tebe*, órgão que se

propõe transpor, com felicidade, o limiar de uma nova etape — o quinto ano de vida; o folclorista apreciável de Pinhel; enfim, o primoroso e arguto crítico literário, que, em qualquer destas facetas, se impõe notavelmente, assentou, porém, desta feita, franquear as portas da sua tribuna como para ouvir, perscrutar, apalpar o pulso dos que o lêem. Pretende, por assim dizer, o julgamento da sua obra. E o tribunal popular, pronunciando-se, não deixará de exarar *verdictum* de admiração.

Eis porque nos decidimos reaparecer em letra de forma, aproveitando a hospitalidade das brilhantes colunas do *Boletim Social da Tebe*. E fazemo-lo não sem aprazimento para saudar, sincera e efusivamente, o simpático moço que se reparte, em alma e cérebro, com o jornal de que é director, e cujas graças públicas, disso estamos convencidos, o não dispensam.

É natural que o cintilante espírito de António Baptista haja sofrido sérias apreensões, apreensões de toda a ordem, a que a imprensa, de resto, pequena ou grande, não pode furtar-se.

Sim, é provável que os espinhos da nobilitante tarefa em que o vemos empenhado, se lhe revelem, por vezes, cruéis.

Mas António Baptista, a despeito de adversidades, não esmorece; a sua personalidade mantém-se e cada vez melhor se afirma no jornalismo a que se devotou.

Merece, por tudo isso, o aplauso unânime dos seus leitores.

E merece-o por uma razão: enquanto ele, física e espiritualmente, sofre os estragos do tempo e, com estes, os dissabores que o jornal, porventura, lhe acarreta, a verdade é que o *Boletim Social da Tebe*, de ano para ano, ao contrário da condição humana, mais rejuvenes-

(Continua na página nove)

Mais um aniversário

Por FERNANDO LOPES

Amigo António Baptista:

○ «Boletim» vai comemorar, ao que parece solenemente, o seu 4.º ano de existência.

Devíamos estar todos de parabéns, mas não... Estarão muitos, que o «Boletim» para um homem só seria de arrasar, todos não.

«Muito bem, — dirá você — mas que intenção traz a conversa?»

Lá vou, sossegue.

Suspeito ou não, quero falar-lhe do «Boletim», quero testemunhar-lhe em letra redonda o meu apreço pelo jornal, agora que está em festa. E para não lhe roubar muito espaço, só falarei sobre uma das muitas qualidades que o impõem à minha estima.

Ao imaginarmos um jornal

de fabrico, dificilmente não nos assalta a ideia de limitação severa de independência, de orientação rigidamente condicionada aos interesses mais ou menos materiais e mais ou menos velados da empresa. De facto o que vemos na grande maioria de boletins sociais é quase sempre submissa folheca, luxuosa ou não, badalando até à exaustão virtudes do Conselho de Administração, dos Gerentes e dos Capatazes. O *social* do boletim — a menos que considerem como tal o servilismo sistemático — ninguém o enxerga.

Elogiar a empresa e os seus directores fá-lo o «Boletim» que você dirige, o que é justo, mas antes disso, independentemente disso, o «Boletim Social da Tebe» não esquece a sua

(Continua na página nove)

POEMA DE HOJE

(INÉDITO)

Erguendo-me do leito avanço em vibração,
Seguindo a mesma rota em lances de distância...
E encharco-me em neblinas de fumo e de carvão
A envolver os longes de toda a minha ânsia.
Pois tudo se harmoniza nos tempos compassados...
As lutas e as dores, e os ódios em segredo,
Só a justiça, apenas, sonâmbula de medo,
Se perde dos meus olhos, por vezes, tão cansados.

As máquinas girando, suspensas em ruídos,
São hinos dos progressos em lantejoulas de aço...
Pois cumprem seu destino deixando no espaço...
Montanhas de algodão com fios bem torcidos.

O mundo é uma promessa com risos e com beijos
E os nervos já cansados de imensos vendavais
São reposteiros velhos que não se abrem mais
Nos corpos torturados de sonhos e desejos.
Meu Deus! Porque será que a vida transitória
Escava no meu peito fundos sulcos de dor?...
Talvez porque pensando em Deus, Nosso Senhor,
Só veja neste mundo apenas fátua glória...

Os próprios oprimidos, é bom hoje frisá-lo,
Esquecem a justiça do Deus onipotente
E rastejam cansados no meio desta gente
Que não conhece a Deus; mas finge admirá-lo.

Agosto de 1957

António Baptista